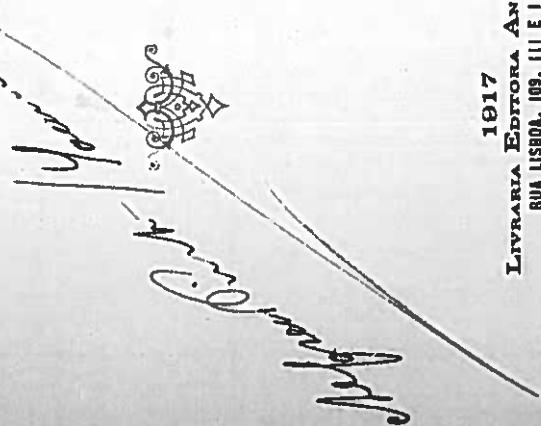


Dr. FERREIRA DEUSDADO

# A Crise

DO

## Ideal na Arte



1917  
LIVRARIA EDITORA ANDRADE  
RUA LISBOA, 109, 111 E 113  
AGRA DO HERÓISMO



## CAPÍTULO I

O que é o ideal? Necessidade dum ideal.  
O ideal da beatitude. A religião fonte  
perene de ideal.



**I**DEAL é o conjunto de princípios, de crenças, de noções estéticas, científicas, religiosas e políticas que se encontram no homem em todas as idades, em todas as nações; o livro dourado que cada um de nós leva dentro da sua alma, o que naquele momento histórico nos aparece como soberano bem, como a soberana verdade. Este órgão místico serve de centro e de amor à nossa vida psicológica, é como que a espinha dorsal que liga todo o esqueleto dum vertebrado. Semelhante síntese forma-se por mil canais que vêm dos nossos antepassados e dos nossos contemporâneos, e impõe-se na juventude com uma acuidade igual à das paixões, e cujo conteúdo só a experiência pode lentamente modificar.

O vocabulário ideal vem da palavra latina e grega ao mesmo tempo, *ídæa*, que deriva do radical *etidæ*, ímago. Ideal seria pois a imagem que se cria na própria alma, cujo conteúdo ela colocaria em frente como um tipo a realizar, surgindo como um postulado que sai das profundezas do nosso ser, entrevendo-lhe a beleza que o cativa e cuja posse sempre fugitiva o levaria à felicidade.

Inúmeras são as opiniões.

No vasto oceano dos bateis que singram a onda do pensamento, o ideal tem necessariamente de «prender o seu carro a nova estrada», na luminosa expressão de Emerson, o notável pensador americano. Toda a ciência tem uma base conjectural, por isso os seus ideais, os seus dogmas, nascidos da lufa das teorias, são mais lusórios do que firmes. Bem-aventurados os que têm um ideal levantado, fixo na região serena da eterna beleza, porque as grosseiras misérias humanas não os atingem.

A felicidade terrena, em verdade, é uma quimera que momento a momento se desvanece; o património natural da humanidade é a dor e a esperança. O que é que se chama a felicidade? A felicidade terrena é ideia difícil de definir, porque a determinação dos seus caracteres é difíssima de atingir. No entanto podia considerar-se feliz aquele que pudesse afastar todas as dificuldades da vida material e espiritual.

Onde está o rico de haveres e cuja ambição venga todas as dificuldades materiais? Onde está o cultor da sabedoria e da virtude que vence todas as dificuldades espirituais? Esse desejo insaciável e simultaneamente irrealizável sobre o nosso planeta é a característica do homem e o que o torna perfectível.

A sede desse ideal só pode ser saciada na fonte da fé religiosa. O Budismo chama-lhe *nirvana*, o Cristianismo bem-aventurança eterna. E como se pode conquistar essa felicidade transumana?

Pelo esforço, pelo trabalho para atingir a verdade. A primeira e às vezes a mais árdua luta consiste em vencer os nossos defeitos, afim de alcançar a maior soma de bens para a nossa espécie.

A riqueza material tem existência efêmera, unicamente a riqueza moral é perpétua. Só é permanentemente nosso aquilo que pelo esforço consumstanciamos em nossa alma, ao trilharmos a estrada luminosa do bem. E com essa riqueza única — a virtude, com

que nos encontramos ao restituir ao pó do túmulo o pô que transitorialmente nos vestiu. O egoísmo do rico e a inveja do pobre, desrido de fé religiosa, alimentam a mais grave enfermidade social do nosso tempo. O único remédio para tanto mal encerra-se na serenidade da fé.

Se o interesse individual é o único princípio capaz de mover os homens, privada a alma pela descrença dos trascendentais interesses espirituais, a vida do homem fica reduzida à insaciável procura dos gozos terrenos, ao grosseiro ideal do egoísmo.

O homem que tem dentro do peito a víbora das ondas e da inveja, empeçona todas as nobres alegrias do seu semelhante no adefágico intento de lhe produzir o deserdito e a ruína. Acontece assim, sempre que falta na alma a virtude cardinal da temperança, essa virtude que modera as nossas paixões e apetites desordenados. Esse pendor segregá-lhe: — diligências por gozar e se não conseguindo gozar, livra-te do sofrimento pela embriaguez ou pelo suicídio.

É óbvio que os bens da terra não chegam para todas as ambições, nem saciam o coração humano, porque os desejos são infinitos. Não há horas sociais para tantas ambições, nem ouro para tantas cubigas. Não havendo uma lei moral supra-sensível que modere a ansia do prazer, a guerra torna-se encarniçadíssima.

O que fazem os asseclas desse imoralismo? Assaltam impudicamente o poder em nome da liberdade, assaltam impudicamente as distrações sociais em nome da igualdade, assaltam com desfachada cubiga a riqueza em nome da fraternidade. Sentem fome canina de todos os prazeres da carne em nome das chamadas legítimas exigências da natureza humana. O romance, o teatro, o jornal, pervertendo as famílias, suggestionando a burla, o assassinio, o adultério, o suícidio, conduzem a sociedade a esta deplorável

situação. É lógico. Uma sociedade, desapegada do amor de Deus, mergulha-se no amor do mundo e, tressloucada pelo apetite devorador do prazer torna-se, moralmente incapaz de levantar o espírito ao alto. As verdadeiras minas de ouro não jazem em regiões longínquas — jazem dentro de nós mesmos. Tomemos o alívio e escavemos a estrutura da nossa alma para achar as verdadeiras riquezas, que são o trabalho, a temperança e a resignação, ideias pendentes do céu pelo áureo grilhão da fé. A cubica terrena é grilhão de ferro que nos arroja ao despedido anseio. As aspirações da juventude, as ambições da virilidade, as presunções da velhice, tudo se evapora como fumo, *præter servire et amare Dæm.*

A vida orgânica acaba no homem como a folha que no outono tomba da árvore, apodrecendo no chão, enquanto que a vida espiritual como raio divino sobrevive invisível perpetuamente.

Na alma estreita do materialista, a consciência larga, que procura o gozo carnal, supõe que nenhum relâmpago do olhar do Omnipotente lhe penetrará na noite do seu viver. Triste sonho e punzitivo acordar! Então a verdade, rompendo falsoante como o Sol por entre as montanhas do êrro, lhe baterá na face para o julgar.

\*

O ideal não é uma quimera. Segundo Platão, é a própria realidade considerada em si mesma, abstruída de todas as imperfeições que aparecem nos objectos que os nossos sentidos percebem. O que é realmente uma quimera é a aspiração à beatitude terrena, porque a dor coexiste com a vida humana. Os róseos sonhos da ventura não valem o anseio que se padece em os esperar, nem o desgosto que se sofre em os perder. A vida da humanidade é uma árvore golpeada

pela dor, lascada pela tirania, regada pelas lágrimas e orvalhada pela esperança. A sua história é mais o suário da angústia do que a tela do prazer. Desgracado do indivíduo ou da nação que não tem um ideal, que não tem uma esperança.

Afirma o Dr. Gustave Le Bon, na *Psychologie de l'Education*: «E pouco importa o valor teórico d'este ideal e da moral que dele deriva, pouco importa que seja constituído pelo culto da pátria, a glória de Cristo, a grandezza de Allah, ou por outra qualquer concepção da mesma ordem. A aquisição dum ideal qualquer sempre foi o bastante para dar a um povo sentimentos comuns, interesses comuns e conduzi-lo da barbaria à civilização. E sobre esta herança de tradições, de ideal, ou, se assim o querem, de preconceitos comuns, que se funda esta disciplina interior, mãe de todos os hábitos morais, que dispensa o suportar a lei dum mestre. E ainda preferivel obedecer aos mortos do que aos vivos. Os povos que não querem suportar a lei dos primeiros, estão condenados a suportar a tirania dos últimos. Vinculados aos seres que nos precedem, fazemos todos parte desta cadeia ininterrupta que constitui uma raça. Um povo não sai da barbaria, senão quando tem um ideal para defender. Desta que o perdeu, não forma mais do que uma poeira de indivíduos sem coesão, e bem depressa volta à barbaria. O que torna muito difícil, nos povos católicos, o ensino da ética, é que, durante muitos séculos, a sua moral não teve outros fundamentos do que prescrições religiosas hoje sem força. A moral era simplesmente o que agradava a Deus, e Deus se encarregava de punir por suplicios eternos aqueles que transgrediam suas leis.»

O Dr. Gustave Le Bon quer que os modernos educadores franceses inventem uma moral particular e experimental para a República francesa; é evidente, uma moral leiga, sem Deus. Temem uma venda nos

olhos êstes homens que possuem, na história da sua pátria, o rei S. Luís, Joana D'Arc, S. Vicente de Paulo, que teceram algumas das páginas mais belas da história de França. Estes regedores da república não querem obedecer aos mortos. Têm um ideal fecundo de glórias na história nacional — o Deus dos cristãos; mas, em vez de o fortalecerem e o fecundarem como a Inglaterra e a Alemanha, expulsam as ordens religiosas e perseguem o clero.

A alma humana tem um ideal immanente, que se revela nos actos da vontade, e tem um ideal descendente que deseja atingir o absoluto ou algum dos seus atributos, ilegitimamente considerados factos experimentais. O ideal é a aspiração para a verdade; a ficção é o erro e o embuste. O ideal do homem moral, ministrado pelo Cristianismo, existirá sempre e cada vez com mais verdade. O ideal é dado pela razão e pela fé; a imaginação inspira-lhe o ardor e o entusiasmo que conduzem às grandes empresas e asseguram o êxito legitimamente glorioso.

Continua o Dr. Le Bon: «O que dá a verdadeira força à Inglaterra, não é somente o valor da educação que ministra aos seus filhos, não é a sua riqueza, não são as suas armadas inumeráveis; é antes de tudo e acima de tudo, o considerável poder do seu ideal moral. Tem tradições estabeleis e respeitadas, chefes obedecidos e cuja autoridade nunca é contestada. Possui um Deus nacional, síntese das aspirações da energia e das necessidades da raça que a criou. O antigo Jehovah da Bíblia tornou-se desde muito um Deus exclusivamente inglês, governando o mundo com proveito da Inglaterra, dando por base ao direito e à justiça os interesses da Inglaterra. Os outros povos não representam senão uma massa confusa de seres inferiores, destinados a tornarem-se cada vez mais tributários do poderio britânico. Experimentando submeter os povos às suas

leiis, os ingleses estão persuadidos de que não fazem senão cumprir a sua divina missão de civilizar o mundo e fazê-lo sair do êrro. Os próprios Árabes supunham obedecer à vontade do Deus de Mahomet, quando conseguiram — graças a essa crença — conquistar uma parte do mundo greco-romano e fundar um dos maiores impérios que a história conhece. O filósofo deve inclinar-se diante de tais crenças, quando vê a grandezza dos seus efeitos.»

O Sr. Dr. Gustave Le Bon deve, tirando dos olhos a venda do preconceito materialista, dar-nos o exemplo de incluir-se, pregando em França a necessidade de restaurar a fé em Jesus Cristo. O sentimento religioso é a aspiração ascensional ao infinito e a inspiração do finito. Não há glória mais limpida e mais intemerata que a das suas obras: inspira todas as artes, alimenta todas as esperanças, santifica todas as dôres. Se o ideal moral é necessário nos indivíduos, mais necessário é ainda na massa compacta das nações. O homem bate-se pelo ideal como o Lohengrin se bate pela jovem duquesa de Brabante, sempre com o espírito mirando alto.

Já bouve um pedagogo francês que quis, sobre as ruturas da crença religiosa, levantar o ideal estético. A arte é uma das três ou quatro grandes faces do espírito humano, um dos nossos modos de ser, não menor nem menos legítimo que, por exemplo, a religião ou a ciência. Com efeito, a beleza é um dos atributos de Deus. O espírito humano tem mais dum modo de achar a verdade, cuja posse é o seu verdadeiro fim.

Pela religião, éle presente e orê nela e adora-a. Pela ciência, estuda-a e sujeita-a. Pela arte, admira-a e expressa-a. O Bem, a Verdade e o Belo, três aspectos do ideal único, cujo prosseguimento é a nossa vocação. Não se nos oculta um desses aspectos, sem que a noite, que lhe corresponde, reine em toda a região da nossa alma. E ainda pouco ou mal eu disse. Essa

divisão, essas categorias são artificiais e são falsas. Na realidade, não há três ordens distintas. Em todos os aspectos se unem elas três indissoluvelmente. Em todas as coisas há, ao mesmo tempo, Beleza, Moral, e Matemática, isto é, com que mover, a um tempo, sentimento, consciência e reflexão. A ciência recusa o seu último segredo ao sábio, quando este não é também artista e homem de imaginação. Reciprocamente, não há arte que não tenha um arcabouço de ciência e de lógica. Enfim, ninguém é plenamente artista nem plenamente sábio, enquanto a arte ou a ciência se não iluminou para ele com o fulgor da verdade moral. E por isso que a educação não é completa, senão com a condição de que manifeste o Belo a par da Verdade e do Bem. A ideia de Deus é uma síntese luminosa. Afirma Le Bon : *O filósofo deve inclinar-se diante de tais crenças quando vê a grandeza dos seus efeitos.*

E noutrou lugar : «Fazem parte das forças da natureza, e é em vão, por outro lado, que tentem combatê-las. É fora da esfera da razão que nascem e morrem as tradições e as crenças, e quando a discussão parece determinar a sua queda, é que elas estavam já bem abaladas. Hoje, nada que diga respeito ao ideal inglês é discutido nem discutível no solo britânico. Nenhum argumento racionalista poderia atingi-lo. Grandes e pequenos veneram profundamente o seu Deus nacional, respeitando tradições tornadas permanentes por uma hereditarietade muitas vezes secular e princípios de Moral invariáveis, que delas derivam. Possuindo além disso, num elevado grau o conhecimento do real, e compreendendo o poder dos factos, sabem acorodar-se a isso e acorodar também os seus princípios, o que faz com que os revezes mais humilhantes não consigam molestá-los. Que podem, além disso, significar acontecimentos transitórios contra o povo de Deus, que é eterno? »

«Os próprios franceses possuíram outrora um ideal bastante forte ; mas, desde que deixou de parecer adaptar-se às suas necessidades, destruiram-no violentemente e não conseguiram ainda substitui-lo. Tendo perdido as suas tradições e os seus deuses, procuraram edificá-l, sobre a razão pura, princípios novos, destinados a servir de sustentáculo ao edifício social ; mas estes princípios tornaram-se cada vez mais discutíveis e flutuantes. A razão humana não se mostrou ainda assim forte nem assim alta para construir as bases dum edifício social. Não serviu senão para construir frágis edifícios, que caem em ruínas antes mesmo de estarem terminados. Não edificou nada sólido, mas tudo alhii. Os povos que se lhe confiaram não creem já nos seus deuses, nas suas tradições e nos seus princípios. Não acreditam já nos seus chefes, e deixam-nos abaixo, logo que os aclamam. Não possuem em nenhum grau a noção das possibilidades e realidades, vivem cada vez mais no irrealizável e no fictício, prosseguindo sem cessar alucinantes quimeras.»

Quantas verdades amargas êste trecho encerra ! Outrora, quando um patriota francês atirava a sua barra, ninguém lhe levava a desanteira ; hoje todo o edifício está a aluir-se, não só em França, mas nas outras nações latinas, suas malfadadas discípulas.

A brasa do ideal que a fé cristã acendeu no coração dos povos latinos, está coberta com a cinza dos filósofos materialistas do século XVIII. Sacudamos essa cinza que nos degrada e voltemos ao ideal puro que aleiou e enobreceu os nossos antepassados. Gustave Le Bon escreveu no *Matin*, «que o último inquérito, feito por este jornal, acerca do espiritismo, mostrou o desenvolvimento dum religião nova, na qual se filiam alguns eminentes sábios que não podem viver sem crenças. Os deuses morrem algumas vezes, mas a mentalidade religiosa parece indestrutível.»

Isto basta para provar a necessidade de alguma consciência superior às forças inconscientes da natureza. Ainda que a impiedade fanática desirua todos os templos, não destrui o sentimento religioso, enquanto viverem o crânio e o coração humanos, duas fontes perenes de religiosidade. Os deuses podem morrer, a idolatria pode ser aniquilada ; mas Deus é que nunca morre. Desamparemos esses sistemas que nos afastam de Deus, semeando o desespere em nossas almas. Toda a árvore que não produz bons frutos, deve ser cortada e lançada ao fogo.

\*

A dúvida que reina hoje acerca das questões fundamentais de filosofia e de religião é um suplício tanto pungitivo, que traz grandemente amargurados nobísimos corações. Um filósofo grego, no primeiro ano em que aprendeu filosofia, julgou que sabia muito, no segundo ano, julgou que sabia pouco, no terceiro, julgou que não sabia nada ; quanto mais aprendia tanto mais conhecia a sua ignorância. E isto o que a todos sucede, a todos os que comprehendem verdadeiramente o progresso intelectual. No entanto, Deus acende em nossa alma um fator que se chama consciência para nos iluminar na indagação do bem e do mal. A vida humana é um árduo enigma que só a fé sabe decifrar. Franklin, apresentando o seu filhinho a Voltaire, o filósofo incrédulo, ergue-se comovido, cheio de entusiasmo, e com a dextra estendida para o Céu, abençoou o filhinho de Franklin em nome de Deus e da liberdade : *God and liberty*.

A vida é um bem ; se ela fosse um mal, o suicídio era não só legítimo, mas necessário. Porém, a vida só é um bem, quando acentuada na esperança dum existência futura numa vida melhor. A esperança é um consolo e um bordão do caminhheiro ; mas a virtude da

esperança repousa sobre a da fé. A vida é um livro de dor, em que há parentes de prazer. Só há dois modos de nos libertar da dor : um é o sentimento estético, contemplação desinteressada das obras do Criador e das suas interpretações através da alma do artista ; outro, soberano, é o misticismo ascético depurado pela castidade absoluta. O ascetismo realiza a felicidade plena sobre a terra : Orar, tabalhar, ler e amar. A leitura das obras de Santa Teresa, de São João da Cruz, de Tomé de Jesus, geram uma eutrofia espiritual que aniquila a dor. A vida destes místicos evolui-se num binô de caridade, o seu passamento foi uma eutanásia assistida pelo estado de graça. O mosteiro realiza o protótipo da vida moral. O culto da verdadeira arte, na vida do século, pode aproximar-se desse ideal. Só a religião pode dasterrar o mal. Este ideal religioso tem sido, em parte, realizado até pelos budistas em algumas regiões do Oriente. A religião de Budha produz a resignação, o esquecimento de si mesmo, a suavilade de costumes ; tal é o ideal que se encontra realizado nas grandes povoações da Indo China, onde um ronco é uma raridade, e um homicídio um assunto de imenso espanto. O coração da gente tem razões para obrar, razões que a razão nem sempre conhece. Fenelon exclamou : « Razão, não és tu o Deus que eu procuro ? » A humildade, na flor dos seus representantes, tem através dos séculos procurado sempre o perfeito, o infinito, prostrando-se para lhe render culto. O místico procura conhecer Deus directamente, o artista diligência conhecê-lo por meio das simbolas. O místico, contemplando a verdade infinita, experimenta os deleites misteriosos do amor divino, o artista entreverá esses deleites através de representações visíveis e finitas.

Um alto engenho obscuro afirmou :

« Perante a amizade mais provada, perante o amor mais estremoso, a alma, por expansiva que seja, não



se revela tóida. Há uma parte obscura do nosso mundo interior, sempre inacessível aos olhares estranhos, onde se refugia nesses muitos segredos do eu para eu, segredos de que nós mesmos nos riríamos, se os lábios ousassem pronunciá-los um dia — que não ousam. Eis o mistério! Há exemplos de perfumes tão subtils, que aberto o vaso que os contém, quase instantaneamente se dissipam na atmosfera; assim êstes mistérios interiores, inconsistente produto da nossa fantasia, perdem-se também, ao tentarmos comuni-dá-los.

A arte tem por princípio o belo, o seu destino é representar o ideal, isto é, uma beleza mais pura do que o real; a arte procura a forma e as cores no mundo real, mas estas formas são apenas um acesso-rio para despertar o ideal — o perfeito, o infinito. A pretensa obra de arte que não chama a alma humana para o bem, é uma ânfora sagrada, à qual roubaram o óleo bento que purifica e exalta o crente. A união da alma com a verdade absoluta, que é Deus, só pode fazer-se por meio da virtude. Quando o objecto amado é verdadeiramente digno de sê-lo, a reflexão, longe de enfraquecer o amor, fortifica-o, em vez de lhe cortar as asas divinas, elas as robustece, as alimenta, na frase do divino Platão.

Não há senão o belo moral, o belo material é apenas o símbolo do belo moral. O que se vê é belo únicamente como expressão da beleza que se não vê. E sabido que em todas as coisas, além da parte exterior, superficial, que fere os sentidos, o espírito supõe inevitavelmente a parte substancial, interior, que não fere os sentidos, que é o princípio e o fim de todas as coisas; ora esse é o lado espiritual e moral de todas as modalidades da existência. O visível é a parte material das coisas, o invisível é a parte noológica. Toda a percepção é simbólica e tudo o que percebemos é simbólico, porque tudo o que percebe-

mos excita em nós a ideia de alguma cousa que não percebemos. O pouco que conhecemos da natureza do invisível é muito vago e limita-se à interpretação do símbolo.

A poesia não é senão uma série de símbolos, presentes ao espírito para lhe fazermos perceber o invisível. A música é uma arte de símbolos vagos, por isso é uma arte vaga; a pintura é uma arte de símbolos precisos, por isso é uma arte precisa. O poeta pode evocar símbolos vagos ou precisos, cis, porque a poesia pode ser tam vaga, como a música ou tam precisa como a pintura. É uma falsa arte a que se serve de símbolos corruptores e que não tem como ideal o perfeito — Deus. Então o crime é descrito com rádios tintas, as depravações requintadas com claros escuros de mágica sedução, e a perfídia engenhosa encontra nessa escola tantos aplausos como o cinismo acha laureis.

O materialista raciocina: Se a minha alma há de morrer miseravelmente comigo, para que subordiná-la à noção de justiça? Para que constranger os meus apetites? Nada mais precioso que o meu deleite. Cada um para si e nada para outrem. A solução do problema da minha felicidade está só em alcançar o prazer impunemente. Como se engana o estreito materialista! Escreveu Emílio Castelar: «Há muitos maiores nas paixões puras e divinas da alma, do que em todos os brutais prazeres dos sentidos, que passageiros e fugazes, que só deixam nubens na inteligência e fastio no coração.»

O poeta afirmou:

*Que vida cheia de abrochos,  
Que negra desolação!  
O pranto sempre nos olhos,  
A lágrima no coração.*

Os prazeres dos sentidos são como os delírios que,

quanto mais brincam em mar calmo, mais prognosticam a iminente tempestade.

Ao empirismo em psicologia corresponde o *edonismo* em moral. O primeiro desconhece a faculdade da razão, o segundo a lei do dever, ambos abatem a dignidade humana e degradam o destino do nosso ser. Semelhante sistema substitui o deísmo pelo agnosticismo, a caridade pelo altruismo, a crença na eternidade pelo prazer terreno da vida presente. A tentativa filosófica que deixamos esboçada fala queja o ídolo da beatitude de Spinoza, para quem a beatitude do sábio consiste no amor intelectual de Deus, e o seu objecto não é a recompensa da virtude, mas a própria virtude.

\*

A religião é, na ordem moral, a força coesiva das unidades etnográficas que vinculam a espécie humana ao sobrenatural.

O sociólogo não investiga àsperca do valor intrínseco da moral religiosa, nem da maior ou menor parcela de verdade que o dogma pode encerrar. Essa indagação pertence ao filósofo e ao teólogo. O homem de Estado, o político mira só aos resultados práticos da ação religiosa. Pode ou não a ação religiosa ser útil?

A fé religiosa tem constituído o nervo principal da vida das nações, e consequintemente a tectura da história. Os fenômenos sociais mais importantes são o aparecimento e a evolução das religiões. Com uma ideia religiosa nova nasce uma moral, uma arte nova. Em todos os períodos históricos da nossa espécie, as questões básicas das sociedades são sempre questões religiosas. A ideia religiosa é o germe e a seiva de toda a civilização. O historiador não se deslembra que desde a aurora dos tempos proto-históricos todas

as instituições familiares e políticas teem "por fundamento leis divinas".

Só a religião pode modificar decisivamente e rapidamente o carácter individual ou nacional.

Para combater os erros palpáveis e os desatinos faneiros dos filósofos do século XVIII, escreverem no meado do século XIX Edgar Quinet a sua obra *Le Génie des Religions*. Edgar Quinet é um revolucionário e um anti-católico que se propõe deduzir da religião a sociedade política e civil. Os enciclopedistas consideravam os dogmas como obra da política, quando a proposição inversa é a única verdadeira.

A palavra *génie des religions* é tomada pelo fascante escritor como a faculdade criadora do mundo social. É assim que a teem entendido os pensadores hodiernos que escrevem o libelo da Encyclopédia.

O Dr. Luís Figuer, um herético, no seu notável livro *Le Landemain de la mort* escreve: «Porém não estamos no século XX, estamos ainda no XIX; não estamos em presença da religião da ciência e da natureza, mas em face de numerosas e diversas religiões, todas imperfeitas quanto ao dogma, mas excepcionais quanto ao culto público. «Dediquemo-nos pois a este culto, que é a única maneira de estabelecer as nossas relações com a Divindade, de conservar nos nossos corações a ideia do Ser Supremo. Católicos, entrai nas vossas igrejas e no meio das pompas soberbas das vossas cerimónias sagradas, elevai para Deus vossas almas reconhecidas, humilhai-vos deante do Soberano Senhor dos céus. Protestantes, entoai, nos vossos templos, os vossos salmos e os vossos cânticos. Russos e Gregos, ajoelhai com receioimento deante dos vossos deslumbrantes e misteriosos tabernáculos. Judeus, frequentai as vossas majestosas sinagogas; conservai êstes perfumes que, dirigindo-se aos sentidos mais subtils, falam de Deus às almas entenebriadas. Muçulmanos, ide as tranquilas

mesquitas. Budhistas, aprendei o caminho dos pagodes. Povos selvagens dos dois mundos, que adorais o Sol na solidão dos bosques, elevai para o astro radiante os vossos corações confortados.

«Que todos os homens, em todos os países, sob todos os céus, pratiquem a religião na qual o destino os fêz nascer, não esperando que os progressos da razão dos povos tenham permitido criar a religião da ciência e da natureza. Tudo é bom e belo quando permite render homenagem à Divindade. O culto religioso é a primeira necessidade das nossas almas, como é a féiança da paz e da felicidade dos povos.»

A religião é a substância espiritual da humanidade. Toda a vida da história provém da conceção da ideia de Deus. Uma sociedade que negasse Deus caminhava da putrefação para a morte. A fé em Deus é o sal da terra.

O poeta epicurista Lucrécio afirmou a fecunda e superficial falsidade de que os deuses eram filhos do medo, quando são antes filhos da indomável esperança, esse sentimento indestrutível da alma humana. O paganismo heleno-latino, no meio das nuvens dos seus erros, encerrava uma pequena porção de verdade religiosa. E essa verdade que, por ser divina, é eterna. A felicidade é um estado de alma, que nenhuma concepção pode ministrar, salvante a fé religiosa.

Necessitamos manter cuidadosamente a saúde do corpo e a saúde da alma; a higiene é a religião do organismo, e a religião é a higiene da alma.

Afirma o insigne escritor José Agostinho:

«Mas, relegada embora para os museus, a Arte Cristã continua a ter sempre, com a mesma intensidade, o que a Arte clássica não tem já: vida palpável. Mais do que modelo, do que exemplo da aplicação dum punhado de regras, como o é hoje a Arte clássica, fala-nos do Ideal Superior, do Ideal Único,

sendo assim que contemplar uma tela ou estátua, inspiradas por um puro sentimento religioso, é para nós tanto admirar a perfeição artística como viver a vida do Evangelho e, dentro dela, tudo que o coração humano tem de nobre, e o pensamento tem de eterno. O mesmo sente à arquitectura cristã. Pode apresentar-se aos nossos olhos naquele como que apertivo estado de ruína que Carlos Dickens celebrou, ao defrontar-se-lhe, enfim, o Coliseu de Roma; (*God be thanked: a ruin!*) Essa ruína falará sempre a voz das catumbas, a voz de Jesus Cristo, a voz da Humanidade em jornada constante e redentora para a glória de Deus.»

Na arte não há senão duas espécies de sentimentos. Estas duas espécies de sentimentos tem duas formas: a que vem do coração e que está no fundo de todas as sociiedades, e a que vem da imaginação que é a sombra da primeira. Mas se uma e outra não são o radio do reflexo da luz divina, caem ambas juntamente na dissolução e na futilidade das existências tenebrosas.

A arte necessita ter uma missão moral. A obra de arte é tanto mais bela quanto mais divina, e é tanto mais divina quanto mais sincero e ardente é o anseio do artista em servir a Deus, segundo a sua modalidade. Os frescos dos Primitivos e os coruchéus das catedrais medievais encerram uma sublimidade inefável que só a fé entende. O esteta John Ruskin afirmou, com aquela voz que nunca emmudecerá, com aquele vigor de forma que nunca emmurchecerá, — que a religião é a nascente de toda a arte perfeita. En verdade a arte religiosa é a forma mais completa e mais sensível da vida espiritual.

## CAPÍTULO II

**A arte e a sua ação. Em procura da felicidade. O que é a felicidade?**



sciéncia e a arte necessitam reconstruir a sociedade, a pátria e a família, tendo por base a religião e a tradição. Urge reerguer o que a revolução derrubou, colocar o amor de Deus onde só florescem as paixões de Satanás.

O processo de influência mais eficaz da arte é pôr em contacto a sensibilidade activa da obra estética com a sensibilidade passiva do indivíduo ou da multidão. O resultado desse influxo será tanto maior, quanto mais irresistivelmente o observador se deixar condicionar pela fervida imaginação que brota vigorosamente do cálamo, do pincel, do escopro ou da lira. O potente artista é um grande lavrador das almas que, no terreno social, faz crescer o trigo ou o joio.

O belo para Platão era o esplendor do bem, para a arte vulgar hodierna é o esplendor dos prazeres libertinos. A definição do filósofo helénico harmoniza-se com o sentido cristão, pois, sendo o belo o esplendor do bem, a santidade é o esplendor do sublime. Igualmente João Bostin que, lutando por fazer ressurgir a arte cristã para reformar a vida, identifica a virtude com a beleza. A ação estética deve produzir um efeito moral.

O gôzo estético do libertino é um contrabando na arte. Só há verdadeiro prazer estético quando na liturgica ou de culto cujo nome profano é arte. sentimos avassalados por uma imagem elevada da vida, isto é, por um superior grau de virtude.

A natureza é uma projeção da obra divina. exprimí-la, interpretá-la é uma espécie de ação artística constitui-se de direito em sacerdote, que muitas vezes degenera em sacrilégio e em blasfemo. Quanto mais puro fôr o prazer estético, mais ampla e nobre é a sua ação no seio da humanidade. As obras artísticas devem ser conquistas transcendentes da imaginação e da sensibilidade sobre a natureza. A cópia fiel da natureza não chega a ser arte. Só o aperfeiçoamento da natureza nos produtos ópticos ou acústicos é que dignificam o artista. Se este estímbulo do Perfeito, isto é, dum ideal como o pintor ou poeta mediévico, então não carece dum intenção moral, a sua obra será pura; mas se não possuir essa ideal, necessita dessa intenção, sob pena de faltar flagrantemente a uma característica essencial da arte. Evidentemente a arte está dispensada de formular regras de moral, mas sendo a expressão mais refulgente da vida, converte-se numa fonte de comorges morais e, conseguintemente, num agente de consolo ou de amarguras, de incentivos salutares ou de desalentos enfermigos.

A leitura do Evangelho, da Imitação de Cristo ou das Máximas de Epicteu desce ao coração humano como um bálsamo suavíssimo sobre as feridas goementes da dor universal. O respeito pela virtude sublimada impõe-se a todas as almas como uma sugestão avassalante. O filósofo Séneca, ao preferir ou ouvir proferir os nomes de Sócrates ou de Platão, levantava-se como se levanta o cristão ao pronunciar ou ouvir pronunciar o nome de Jesus.

Uma consciência, erma de sectarismo, vê que só

Evangelho pode ser a estrela rutilante da civilização na contínua noite das Paixões humanas. Todavia ainda depois de vinte séculos o rugir eloquente da verdade não abafa o zumbido da calúnia e do erro humano.

A arte não deve dar curso livre às nossas inclinações, pois aspirando a reformar a vida e a purificar o gozo, necessita encerrar a sensibilidade dentro dos prazeres nobres, compatíveis com a serenidade da consciência, com a superioridade das crenças e de harmonia com todos os elementos de estabilidade das energias morais. As sensações violentas assumem geralmente um carácter perturbador e dissolvente, o qual desequilibra e degrada a existência.

A obra literária é freqüentemente cultivada por grandes engenhos, desprovidos dum moral austero, cujo único escopo é alcançarem requintes de elegância e de gosto, escopo esse que desliza para uma determinada corrupção deleitável, conculeando nesse desvario as mais elementares regras da virtude e até da decência. Desta sorte, não raro a poeira dourada do estilo imaginoso, mancha a limpidez da lei moral. O barro da humanidade ora vogia ora cia no mar da história, impelido por forças várias. Se a maré do infinito estético for propícia, a jornada pode ser salutar.

A arte na sua ação colectiva, arrancando trevas e plantando claridades nas almas, é um centro e força calorífica no seio das sociedades, e ainda que surja uma outra obra pornográfica é rapidamente arrebatada e anulada como uma gota de água numa cachoeira ardente.

A teoria filosófica está de harmonia com a doutrina católica, quando afirma que existe essencialmente na sociedade a radical distinção do poder espiritual e do poder temporal. Este pertence aos governos políticos, aquela pertence à religião, à ciência e à arte. Na

ordem espiritual o pensamento religioso é o facto mais importante das sociedades, depois é o pensamento científico e por último o pensamento artístico. A acção d'este tem altíssimo valor na vida da consciência e na saúde da sociedade, consonante o temperamento do artista für saudável ou ulcerativo.

Não há mais augusto sacerdócio, nem mais elevada missão do que a do homem de lettras, quando o ideal por que combate é o bem. O seu nobre ofício é ministrar ideias, vivificar sentimentos, fortalecer vontades, iluminar consciências, enfim, formar espíritos. Em muitas épocas e em muitos países certos homens de letras são, no mar da sociedade, sulcada por diversas correntes, a agulha de marear que norteia os navegantes, e salva ou submerge os naufragos. Muiros artistas procuram assumo estético na religião e na ciência debatendo teses filosóficas. O público apaixona-se por essas teses, e por último a arte serviu apenas de apertivo. As pupilas fungiformes e calciformes, quando já desgastadas, tem arruinado o sentimento do gôsto. O que sucede na ordem fisiológica sucede na ordem estética e moral. Neste domínio: *abundans cautela non nocet.*

O nefasto divórcio conjugal, esse apavorante dissolvente da fragrâncio do santuário da família, veio para as leis civis transplantado do drama e do romance. Desta sorte a civilização abandonou a sagrada monogamia cristã para descer à poligamia e polianária bárbara e pagã. A Igreja católica fêz uma revolução moral há dois mil anos libertando o escravo, dignificando a mulher, enobrecendo o trabalho, civilizando o bárbaro e criando a arte cristã. Foi a Igreja o escultor dumna estátua incomparável, e hoje mais um vez renasce a arte pagã, e com o seu braço sacrilego esbofeteia a estátua que tem por plinto a doutrina de Jesus.

Campéia, com efeito, uma arte, abraçada adulteri-

namente à êste Lázaro da sociedade moderna, a qual, como filho prodigo, repele estultamente a autoridade da Igreja, sua mãe protetora. No entanto temos fôr que esse filho prodigo há de voltar à casa paterna.

\*

A felicidade no sentido vulgar da palavra significa o complexo de factos exteriores que satisfazem os nossos apetites e inclinações. A realização dêsse desideratum depende tanto do carácter de cada um como das leis universais que actuam sobre o indivíduo. É obviamente superficial o encarar assim a ideia de felicidade. Estes dois factores incidem mui diversamente sobre cada individuo. Há caracteres fracos que se submetem quase inertes às circunstâncias, ou que as acolhem resignadamente como actos beneficentes. Há os caracteres ambiciosos dum ação indomável, que, aproveitando as circunstâncias, fabricam o seu destino e chamam-se: César, Pompeu, Cromwell ou Napoleão.

E com efeito foram êles felizes ou desventurados? Ao lado destes luciferinos possuidores da glória impõente, da felicidade externa, há os que sendo prodigiosamente activos e infatigáveis pertencem a uma categoria assaz diferente; êstes elevam mais o seu coração e o seu pensamento, possuem um refúgio carinhoso e inexequível, onde se vêem annular todos os rudes embates da adversidade, tôda a modalidade da tribulação. A candura da sua alma espadana clarões imensos, que iluminam e dulcificam tôda a dor, tôda a amargura que lhe se agasalha; transfigurando em esplendor heral o próprio infortúnio. Esses ennobrecem a espécie humana, são almas brancas como o luar dos céus tropicais, e chamam-se: Budha, Sócrates, S. Francisco de Assis, S. Vicente de Paulo, S. João de Deus. A felicidade d'estes, ou se chame virtude ou

santidade, quer viva no capítulo da história, quer no altar do crente, é acessível a todos, e a chave do segredo está em alimentar na consciência, a cristiana luz da justiça e da bondade.

Na vida humana é muito difícil determinar com exactão a ideia do *bem*; porque as inclinações são muito diversas, segundo o carácter e a situação de cada homem, e muitas vezes são opostas. Sem embargo, pode sustentar-se que essa diversidade se reduz a uma única ideia, a um só fim — a felicidade. Diz-se: todos os homens procuram a felicidade, esta é pois o sumo bem.

— Em que consiste a felicidade? Primeiramente num prazer negativo — ausência de sofrimento, em segundo lugar num prazer positivo — o gôzo do bem-estar.

A felicidade é sempre incompleta, porque as nossas tendências são muitas vezes antagónicas e é impossível satisfazê-las todas, necessitando sacrificar algumas. Além disso, as nossas tendências dependem da nossa imaginação e o seu conteúdo é irrealizável. Como a felicidade não tem essência própria, é inatingível em si, e como a sombra escapa a todos os que pretendem apanhá-la.

Perguntou algures o poeta inglês O'Reilly: «O que é o *bem real*? A ordem, disse o magistrado; o saber, disse o catedrático; a verdade, disse o sábio; o prazer, disse o louco; o amor, disse a donzela; a beleza, disse o presumido; a liberdade, disse o visionário; o lar, disse o ajuizado; a glória, disse o soldado; a equidade, disse o vidente. Segredou então muito tristemente o meu coração: a resposta não é nenhuma destas e no íntimo do meu peito ouvi o seguinte: cada coração guarda esse enigma e a sua decifração é — bondade.»

Não são só os filósofos que pretendem resolver o problema moral, são também os poetas e os roman-

cistas. Escreve o romance *Inutile Offrande* por Gaston Cotelle, (pág. 228) o seguinte:

«A teoria da irresponsabilidade humana é cómoda, indulgente para o êrro e muito fácil para o perdão. Desgracadamente se a escutarmos causará sofrimento; a experiência demonstra rápida e brutalmente que o caminho da felicidade é ainda o dum a disciplina moral voluntariamente aceita e severamente observada.

«Com efeito não podendo o homem satisfazer todos os seus desejos, a verdadeira sabedoria está ainda em habituar o seu espírito à ideia de leis intangíveis que limitam os nossos sonhos e a loucura das nossas tentações. Numa sociedade, as liberdades estão restrinidas pelo exercício de outras liberdades. O acordo provém dum certo número de concessões. Da mesma maneira no jogo dos nossos instintos e da nossa inteligência, a vontade deve impôr a sua autoridade e reinar como senhora sobre os sentidos e sobre o espírito, não admitindo o jogo dumha faculdade ou dum instinto, senão unicamente depois e segundo a sua soberana permissão. Assim o ser disciplinado, habituado desde a infância a curvar-se perante a sua razão, sabe tratar uma vida feliz entre as coisas cuja posse pode esperar, e outras que mesmo deve inhibir-se de desejar.»

Querer substituir na doutrina filosófica a liberdade moral, pelo materialismo determinista, equivale a substituir o império do dever pela tirania do egoísmo, o desprezo do apetite pela sedução do vício, a grandeza de ânimo pela arrogância da insolência, o amor da glória pela cobiça do dinheiro, a amplitude da generosidade pela pequenez do amor próprio, os enlevos da felicidade pelo tédio da volúpia, a obediência à razão pelo aviltamento do desejo, os páramos fragrantes do Cén, pelo desfileiro lamacento da terra.

\*  
No sonho da felicidade, cada fantasia faz voar a ave azul do seu desejo por um céu assaz diferente, conforme a visão da cubiga for alumniada pela riqueza, pela glória ou pelo amor. A ambição da felicidade é a velha e emmarranhada hera serpenteando o tronco da árvore da vida humana sem jamais vestir os seus ramos que permanecem a mór parte nus, e quanto menos vestidos tanto mais elevados.

A felicidade à superfície da terra vôa rápida pelo luminoso espaço como a calhanda de Romeu e Julieta, saudando a aurora mas trazendo o apariamento. Há espíritos acanhados, superficiais, egolistas, que de tudo gostam, tudo os divertem, tudo os alegra; são criangas grandes que se dizem felizes. Mas os que percorrem num relâmpago do pensamento, as misérias da vida, ficam amargurados perante a pobreza das venturas terrestres.

Muitos espíritos procuram consolar-se com o cultivo da ciência e das artes, mas em verdade estamos encarcerados no decímetro cúbico do nosso crânio, condenados a arrastar a calceta do círculo da nossa fantasia.

As doenças, diz-se, veem nos micro-organismos. E donde veem êsses micro-organismos?

↓ E os astros que resplandecem sobre as nossas cabeças, donde veem?

↓ E as belas artes? Reproduzem mais ou menos imperfeitamente imagens tão tristes como as próprias coisas, cópias das paisagens e dos actos da vida. Nós não sabemos nada, não podemos nada, somos cativos de nós mesmos. O homem dentro do saber positivo é como uma mosca dentro dum garrafa fechada: vôa abalroando nas paredes a cada instante. O pretender encontrar a felicidade sobre a terra traduz-se num anseio doloroso e impotente.

↓ Como poderia a sociedade real pretender ser suficiente à consciência do oriente? ↓ Oferece ela actualmente realizadas a justiça, a felicidade, tais como, para a fé, são realizadas em Deus? Evidentemente, não é da sociedade real e conhecida que se fala, quando se explica pela ação única da sociedade as partes religiosas da alma humana; é da sociedade ideal, é da sociedade enquanto ela prossegue esta justiça, esta felicidade, esta verdade, esta harmonia superior, da qual a religião é a imagem. E tanto quanto as sociedades reais participam já, de alguma maneira, desta sociedade invisível e tendem a adaptar-se a ela, que inspiram o respeito, que justificam as obrigações de que sobrecarregam os indivíduos.

A sociedade ideal, tem certamente uma estreita relação com as aspirações religiosas do homem. A própria consciência religiosa se considera como um instrumento, cujo papel é trabalhar para a sua realização.

Mas a sociedade ideal não é já alguma cousa definida e conhecida que possa ser assemelhada a um facto físico; explicar a religião pelas exigências desta sociedade, não é já resolvê-la em fenómenos políticos ou colectivos empiricamente observáveis.

A sociedade ideal é concebida, sonhada por indivíduos, pelas mais altas consciências morais e religiosas duma nação. Tende a dotar o indivíduo que sacrifica a natureza do seu máximo de desenvolvimento e de valor, ao mesmo tempo que forma, com a união dos indivíduos, um todo mais uno, mais harmonioso, mais belo do que as reuniões criadas pelas forças mecânicas ou pelo instinto e a tradição pura e simples. Ela tende a levantar ao mais alto grau que comporta a natureza humana o culto destas consas do espírito que talvez não servem para nada: justiça, verdade, beleza. Desses objectos do pensamento que não tem lugar na natureza pura ou que a constrange, faz ela

a suprema utilidade. Numa palavra, a sociedade supõe a religião, inspira-se na religião, muito longe de fabricá-la como uma máquina cujo destino seria o de sujeitar o indivíduo a fins que repugnam. Na origem de todo o progresso social se encontra uma ideia surgida das profundidades da alma humana, e abrangida como verdadeira, bona, realizável, logo que representa uma causa nova, talvez uma quimera, e não uma causa já aprovada e reconhecida vivível. Esta ideia é tomada por objecto, porque o homem vê nela, ou julga ver, uma expressão do ideal. Na origem de todo o progresso social se encontra a fé, a esperança e o amor.

A consciência e a sociedade humanas ministraram à ciência os princípios mais fecundos que pode encontrar para explicar as religiões, porque é nestas duas esferas que se manifesta mais directamente o sentimento religioso. (*Vide: Science et Religion*, por Emile Bouroux, pág. 206). Escreve Emile Saisset: «Tudo isso é verdade tão só para este mundo miserável, onde todo o amor está mais ou menos separado do seu objecto, onde toda a alegria vem misturada de dor. Mas o jubilo e o amor, em si, são causas perfeitas e positivas. Com efeito, amar e possuir, para Deus, é tudo um. Ama-se e possui-se a si próprio; ama e possui todas as suas criaturas; ama-as e possui-as à proporção da sua bondade, isto é, conforme elas são, mais ou menos dignas de ser possuidas e amadas. Por isso Deus goza dum felicidade perfeita, fruto sublime dum desejo de perfeição e de felicidade eternamente satisfeito».

A alma que sinceramente ama a Deus, está bem

longe de temer a dor, pelo contrário, a deseja com ânsia, para lhe dar provas do seu amor e submissão. «Podeis aguçar os ferros, dizia Santa Agata ao tirano; podeis aguçar os vossos leões, acender as fogueiras e preparar todos os supícios; quanto a mim, desejo a

mais êsses tormentos, por amor do meu Salvador

que o cervo sedento a água duma fonte para refrescar-se. Se quereis agontar-me aqui estão os meus ombros, se quereis cortar-me a cabeca aqui a tendes, se quereis assar-me viva ou lançar-me às feras aqui está o meu corpo. Queimai, cortai, despedagai este meu corpo; tormentai como quiserdes; quanto mais me fizedes padecer, mais benefícios me fareis, pois mais amada sei de Jesus Cristo, porque mais provas lhe darei da minha caridade.»

A ciência, a arte, a riqueza não dão ao homem a felicidade.

\*

As vantagens da riqueza reduzem-se a facilidades de prazer que em muitos casos podem tornar o homem mais desgraçado ainda. Leon Tolstoi escreveu: «A riqueza em si é insatisfatória com uma vida absolutamente perfeita. A religião oferece à sociedade tudo o que eleva a alma, tudo o que pacifica as paixões; ela acalma as dores, suaviza a miséria, lava as faltas pelo arrependimento, familiariza-nos com a ideia da morte, que deixa de ser um terror, para se tornar uma suprema e ardente esperança. A palavra Deus, na história da humanidade, abrange toda a vida social elevada, resume em si todas as virtudes públicas e privadas: a verdade, a justiça, a beleza, a caridade. Não são os outros que nos consolam dos intímios infortúnios. As consolações que nascem da nossa própria consciência são as mais seguras e mais duradouras, porque as que nascem da opinião dos outros são contraditórias.

A vida é uma ponte entre dois mundos: o mundo do fanal bruxuleante das convicções e dos desenganos, e o mundo radioso das claridades e da virtude triunfante; no primeiro sobre o erro e a mentira, no segundo

desce a verdade nua, à semelhança das sombras da mitologia para serem julgadas.

A área dos empreendimentos humanos está confinada no mundo moral, e é o modo de caminhar nesse mundo que contribuirá para o seu levantamento ou para a sua ruína. As leis do mundo físico, quer conhecidas, quer desconhecidas, permanecem inflexíveis; o homem é seu escravo. Enganadora e fátua promessa é aquela que diz ao homem: *eritis sicut dii*. Os gozos que dá a riqueza não geram a felicidade. No caminho da vida chega-se à morada da riqueza pelos vales férteis e à da virtude pelas ásperas ladeiras. As riquezas na mão duma alma aberta são um canal que fertiliza os campos e as cidades; na mão dum egoísta são um tanque, onde unicamente bebem as alimárias do dono.

As pessoas de imaginação optimista vêem o caminho da vida subcado de rios de mel, mas a fria realidade, quando se avizinha, faz-lhe sentir que as amarguras nascem aos moitos e as doçuras aos selamins. Bossuet disse: «Nós todos, entrando no mundo, saudamos a luz do mundo com as nossas lágrimas.» A paciência vive como uma virtude obscura na vida social, mas luminosa na vida subjectiva, porque, aliviando os males, concorre permanentemente para a felicidade. A coroa de louros que alcança o génio filosófico ou artístico, se se mostra radiosamente divina pela glória, ostenta-se amplamente humana pela dor. Os que provaram

O doce fel do deleite,  
O acre prazer das dores,

reconhecem tristemente o valor das venturas terrestres. O prazer e o desprazer são a corola e espinho do mesmo ramo. A dor é um inquilino das regiões terrestres, que habita em tôdas as almas com maior ou menor frequência, e quando bem compreendida

pela consciência moral, aproxima do Céu aqueles que dele se tinham desviado.

Escreve La Puchesse: «Deriva caudalosa a torrente da vida! Enchentes de delícias jorram de Deus sobre os eleitos para Ilhes darem felicidade e voltam a êle como testemunhos de seu amor: permutações maravilhosas em que Deus só dá à criatura e a criatura a Deus! Escala de graças, benefícios e gozos! Transportes de sentimentos e afectos que imprimem na natureza sinais de bondade, e bem-aventurança divina! Se procurarmos na terra semelhanças com a felicidade celestial, só no coração se nos depara o exemplar dos mais nobres e perfeitos contentamentos. Quando se reúnem as mais excelentes qualidades que assinalam o destino e oacionam o valor; quando se encontram os sentimentos que neste mundo ostentam singular beleza e elevam ao mais alto grau da gerarquia moral aqueles que os possuem; quando êsses sentimentos geram o afecto que abre no coração, alheio todos os seus tesouros e goza da felicidade que dá, o corpo espiritualizado e dotado de novas aptidões, será possuidor de alegrias desconhecidas mas que se adivinham, e sem dúvida, o entendimento compreenderá, verá, e, ao mesmo tempo que recebe luz, receberá a felicidade! Eis aqui a bem-aventurança que a todos abrange: a bem-aventurança do coração, a bem-aventurança do amor; amor, elemento de tudo que se move, necessidade de tudo que sente, lei de tudo que respira; amor, ideal e realidade da vida, perfeição do ser; amor, modelo e inspirador, causa e efeito da completa felicidade; amor que tudo excede, que de si mesmo se alimenta e que só aspira ao que mais puro é, mais nobre e generoso! Eis o quadro da verdadeira felicidade terrestre,— para aqueles que não deram ainda o último passo no caminho da Crença!»

A glória do génio ou o triunfo do vencedor podem dar momentos ou dias de felicidade, mas só a serenidade do bom ou do santo pode dar a felicidade perene. A felicidade só está no amor incondicional, absoluto, enfim, na absorção em Deus. A própria hora da morte, que para o vulgo é de terror, para o crente, para o místico é bem-vinda, surgindo ridente como uma aurora deleitosa. A felicidade no mundo será sempre uma quimera, porque a porção de dor entornada na taça da vida humana, excede desmesuradamente a do prazer; pois que a dor não é um acidente passageiro, mas a essência da própria vida. Todavia, o sonho da felicidade permanece como um reino gozoso, perpetuamente disputado pela vontade humana e a fatalidade dos acidentes do mundo.

Os filósofos falam à inteligência, os poetas ao coração. Deus à alma e o mundo aos ouvidos. Desgraçados os que escutam o mundo! O homem superior é impassível perante o louvor e a censura, escuta só a consciência. Condenado a viver na caverna do mundo, entre animais ferzes e pecaminhos, comprehende-se que uma legião de almas de escol tenham procurado e procurem ainda espontaneamente o refúgio do mosteiro ou da soledade para orarem. O inorédulo não comprende esse voluntário apartamento e chama ao ideal do aserto uma loucura. Para o materialista o ideal não pode ser senão baixo, porque a vida, segundo a sua opinião, abrange apenas o ambiente limitado entre dois ventres: o da mãe e o da terra.

Não há grandeza moral senão a que se faz na arado sacrifício. As criaturas sublimes que na terra entregaram todo o domínio da alma a Deus, disse Jesus: Bem-aventurados são os pobres de espírito que dâles é o reino do céu. A fé simples vê mais alto do que a filosofia e ensina mais eficazmente a solidariedade humana. Uma igreja da aldeia é o lar comum, espiritual, onde todos aquecem e alentam o coração.

\*  
A foice rogadoura da democracia sectária não pode livelar os cidadãos nem na estatura física, quanto mais na espiritual. Há muitos que não acaudilham na sistemática sonolénea de não passarem as muralhas do ultra-natural, e impávidos enveredam como seres racionais na luminosa estrada da Infinito, onde resplandecem claridades que nunca afrouxam.

É no seio do Infinito que o homem de fé pode reclinar a cabeça em setim macio como frouzel de pomba branca.  
O gozo da vida hoje nas democracias sem ideal histórico é a ostentação do luxo, do vício esplendente. O homem perdeu a noção da virtude, os pecados capitais são o seu selecto programa de vida. A soberba ou antes o seu amesquinhamento — a vaidade — é figura que está sempre no palco. Com razão o Cristianismo considerou a humildade como a mais difícil das virtudes. A paixão bestialmente elementar que domina a direcção social dos espíritos é a avidez do ouro, o que produz um estrépito de guerra mercantil no acampamento das baixas ambições, desprovidas dum ideal superior.

Esses homens de ação quotidiana são espíritos escuros e vazios onde não desponta nem se abriga um momento de alegria plena, de tranquilidade olímpica que é um ensaio da visão do Infinito, da Bem-aventurança.

O combate pelo ideal é que enobrece os individuos e glorifica as nações; a vulgaridade dum cubígoda felicidade positiva só nutre o egoísmo de materialidades grosseiras, que geram a mesquinhice ou o tédio.

Nesta americanismo de interesses positivos, de comodidades materiais sem vida espiritual e interior, o que falta faz à missão superior do homem é esse

convívio com as línguas mortas no enlèvo de tesouros que elas guardam?

As farmácias para sararem tantas doenças de espírito, cujos remédios estão fechados nos livros em hebreu, em caldaico, em síriaco, em zenda, em sânsrito, em grego, em latim, produziram o encanto de tantas almas que hoje padecem o tédio da vida.

A felicidade habita longe das veredas que o homem pisa hodiernamente, sofregó e afflito.

A ambição assemelha-se ao fogo que aumenta à proporção das matérias combustivas que o alimentam. Ele, materializado pela cubiga, alheio à vida do espírito, nunca achará o que procura. Dirige-se a um aro do horizonte, e à êsse arco sucede outro, e assim constantemente. A sua carreira é cansadiga e estéril, enquanto que aquele que se nutre da ideia de Deus encontra um campo leitifante e fecundo que o eleva e enleva, vivendo como os lírios do Evangelho.

A mór parte dos homens hodiernos desconhece a meditação, as delícias da vida interior; vivem como proscritos de si mesmos, como alienados da sua substancialidade.

O desconhecido, o indecifrável é pelo espírito humano o deliciosamente atraente. A alma, dotada de subtileza desdenha das coisas físicas e claras: essas não valem mais do que um alqueire de areia na praia. Ao contrário aprecia e interessa-se sobre-maneira pelas coisas envoltas no arcano, mergulhadas num luminoso oceano sem fundo.

O ideal da felicidade consiste em encher o campo da visão espiritual, de tal sorte que a circunferência das paisagens floridas nunca seja tangente à aridez dos desertos limitados, em cujo caminho o camelo humano carega ouro e come palha.

O verdadeiro luciferário do Evangelho é o que luta pela paz. Prega como um profeta, mas não pretende dominar nem pelo ferro nem pelo fogo: espera per-

suadir pela magia da palavra e pela nobreza da acção, lutando por um ideal que aproxime tanto as classes sociais como a dor irmana os corações, e a morte libela a espécie humana.

Preguiçaram um dia a um filósofo, o que era a vida presente, e respondeu: «É a viagem que faz um criminoso, depois que lhe leram a sentença, desde a prisão até ao lugar do suplício.»

Com efeito estamos condenados à morte desde o seio de nossa mãe, e não saímos dêle senão para ir sofrer a última pena. É verdade, que não nos são vendados os olhos como aos criminosos, mas ocultam-nos o lugar do suplício, o que vem a ser o mesmo. Caminhamos por ele de contínuo, sem se saber onde se acha, nem se está perto ou longe de nós. Quanto sabemos é que nos aproximamos dêle todos os dias; hoje temo-lo mais perto que ontem, chegaremos a él sem o saber, e é muito possível que nos achemos actualmente nél, ou que não tenhamos que dar mais que um passo para chegar ao ponto inevitável da morte.

Epicteto, filósofo pagão, falando dos males desta vida, pronunciou uma frase notável: «O que nos causa, disse, o que nos aflige e perturba o espírito, não são tanto as cousas em si mesmas, como a opinião que delas temos preconcebido; não é o que padecemos que nos rouba a paz, senão o errôneo juízo que dela formamos.»

Efectivamente, comenta um escritor místico, se o nosso espírito estivesse só, a nossa razão fosse ilustrada e o nosso coração estivesse desligado dos afectos terrenos que nos enchem de trevas, veríamos as cousas de modo muito diverso, e teríamos das atitudes desta vida ideias muito mais exactas, porque se considerarmos no seu verdadeiro ponto de vista; não as julgariamos pelo seu aspecto exterior nem pelo que tem de sensível e passageiro; senão que as considerariamos segundo as máximas dum sã razão

ilustrada pela fé nos seus principios e no seu fim ; e assim, o nosso juízo, conforme sempre com a verdade, nos preservaria do êrro, e extinguiria em nós o manancial das inquietações, dos temores e dos cuidados. Se olharmos os objectos através dum transparente ou vídro de cor, tudo nos parecerá da mesma cor do vídro, e se julgarmos segundo esta falsa aparência, é certo que nos enganaremos. Que devemos pois fazer ? Tirar aqueles vídros, ou fazer que desapareçam as espessas cōres que os cobrem, e então veremos as cousas tais quais são em si mesmas. Assim sucede com os juízos que formamos dos padecimentos e de todas as desgraças que nos acontecem ; se as olharmos através, por assim dizer, das nossas falsas ideias, isto é, com as cōres que cobrem o nosso entendimento, julgaremos mal delas e nos parecerão horríveis, causando-nos mil molestias ; porém purifiquemos nosso espírito dos seus erros ou deslenguemos nossa imaginação dessas falsas opiniões, consideremos os males à luz da fé, e então que diferença ! que luz vem iluminar nossos olhos e mostrar-nos admiráveis belezas, onde só viamos horrores !

A fé divina consola a sensibilidade na dor e protege a vontade contra o mal. A alma do cristão que vive no meio da sociedade moderna é como uma cidade sitiada pela cubiga, pela carne e pelo espírito malefício. A fortificação que melhor pode defendê-la é a procura incessante da fé em Deus, alvejando tanto a sua justiça como a sua clemência.

\*

O génio da religião criou a cidadade antiga como crion a sociedade medieval, da qual nasceram as sociedades modernas. A religião criou a ciência, a arte, a civilização. A história demonstrou essa verdade. O irreligiosismo é um anti-civismo, que infelicitá

individuo e dissolve as nações. A fatuidade ateista gera a autropatatria, que, pretendendo fazer do homem um deus, torna-o um animáculo.

O tónico mais potente para a vitalidade nervosa, quer individual quer social, é uma fé robusta, que tenha a sua fonte inexaurível em Deus. A religião abençoá a família, consagra a pátria, e santifica o trabalho.

Na vida da alma religiosa, a fé é o oxigénio espiritual que aviventa e robustece tôdas as modalidades do ser. É a luz que ilumina as trevas. A verdade para o crente não sobe das agitações da terra : desce da tranquilidade do céu. A vida moral das sociedades alimenta-se da torrente cristalina dessa verdade, e ainda é dessa torrente que brota a antisépsia para curar as suas chagas.

Afirmou o grande pensador Le Play : « Relacionei-me com algumas famílias pobres, observando-as instantâneamente durante muitos anos em todos os actos da vida, pregunmando a mim mesmo muitas vezes como poderia fazê-las felizes, e notei que o progresso do seu bem-estar dependia do seu progresso moral, e que o progresso moral se estribava no seu progresso religioso.

« Esta ciência experimental é, a meu ver, tão segura como a das leis físicas. E fiz, mais ainda. Aconselhei uma idêntica investigação a alguns jovens sem preconceitos, indicando-lhes que emprendessem sem nenhuma preocupação ou parci pris, o estudo persistente e minucioso de algumas famílias pobres e das causas e remédios da sua miséria. A sua conclusão foi sempre a mesma : nenhum progresso material se realiza sem um progresso moral ; nenhum progresso moral se consegue sem o progresso religioso.»

Só a crença divina dá à existência humana a

conformidade e a paz, como diz Gil Vicente no  
Auto da Feira :

Porque, Senhora, eu me fundo  
Que quem tem guerra com Deus  
Não pode ter paz c' o mundo.

As verdades do Evangelho estão esculpidas a bronze no escrinio da fé, fechadas a chave de ouro pela esperança e custodiadas a pérolas pela caridade. E o escrinio que entalha essas virtudes teologais é o peito do cristão, perfumando com as obras a agreste estrada da humanidade. Téla a vida tem uma cruz mais ou menos pesada, e não há Tabor sem Gólgota como não há Pásqua da Ressurreição sem Sexta-feira maior.

A humanidade é um doente em perpétua convalescência, e que está constantemente sujeito a uma recaída. A mais preciosa fonte da saúde moral, para os indivíduos e para as nações, *ab alto venit*. Uma alma sem fé divina é um semblante sem olhos, — sempre inspira tristeza. Assim como o olhar é o esplendor que ilumina o rosto, a fé é o esplendor que ilumina a alma. Uma alma descrida vive mergulhada na sombra, tornando-se incapaz de ver o rútilo clarão da eternidade. O incrédulo desconhece a beleza majestosa e serena da deslumbradora infinitidão.

### CAPÍTULO III

**A tradição cristã e o Romantismo. Reação hodierna contra o Romantismo. Rousseau e Chateaubriand. Tomás Ribeiro e João de Deus.**



TEM LÉ a vida da Idade-Média sente a grande nostalgia do paraíso perdido da fé. No entanto, hoje seria absurdo pretender ressuscitar essa época histórica, mas torna-se necessário conciliar o domínio espiritual do Cristianismo com as tendências elevadas do ideal moderno. Hegel julgou o Cristianismo a forma superior e a expansão última da ideia religiosa. Numa catedral gótica a simples majestade do silêncio enche as naves e enche a alma de comogão sagrada. A magia das fórmulas litúrgicas pertence a uma categoria de potências que a Lógica não atinge. A ideia religiosa nos povos civilizados tem uma dupla base : a consciência humana e a pessoa de Cristo. A árvore da civilização medieval nasceu e cresceu sob os raios desse Sol. O misticismo da Idade-Média é filho da exaltação interior. A Renascença, ressuscitando o paganismo heleno-romano, foi um pote de água na limpida fervura da evolução social da humanidade. O progresso na civilização sofreu uma solução de continuidade, e a ação filosófica e sentimental determinou os desvios deploráveis do

século XVII e XVIII. O século XIX com o romanticismo pretendeu reatar a corrente medieval.

A Renascença do século XVI foi um retrocesso ao mundo grego-latino, assim como o Romantismo na alvorada do século XIX foi um renascimento da Idade-Média, imprimindo às nações um ideal generoso e forte. A Idade Média fôra um jardim de castos sentimentos, um canteiro de ingénua poesia.

O espírito humano levanta-se até ao céu, enleado na fragrância das suas inflorescências. O seu ideal é puro como os periantos das açucenas. São os perfumes da Terra Santa transportados para o coração da humanidade. Na rudeza do guerreiro floresce o amor puro, vinculado à virtude. E a fé imaculada em Jesus e na Virgem, que eleva o homem até Deus, fazendo da mulher & esposa, da escrava a senhora. Na época pagã a mulher curvava-se deante do tagante que a flagelava, na Idade-Média é o altivo cavaleiro que ajoelha perante ela, cantando-lhe aos sonhos do alaudé uma trova de amor.

A inteligência adelgaça-se na dialectica de Aristóteles, molda-se na Teologia dos Santos Padres e impõe à dedução uma sagacidade nunca vista. O monge cultiva as letras, arroteia os campos, ergue as catedrais.

A Idade-Média amesquinhou pela Renascença e injuriada pela filosofia do século XVIII, surge na aurora do século XIX como uma miragem de sonho na poesia do seu misticismo, na suave resignação das suas dores, na galanteria dos seus mestreis, na briosa pompa dos seus cavaleiros. O paganismo da Renascença e a filosofia ímpia do século XVIII, na embriaguez do sensualismo, haviam crestado a flor do ideal e embaracado a corrente da civilização verídica da humanidade. A alma europeia estava desnacionalizada, mas a Alemanha dos fins do século XVIII, estudando com ardor patriótico as suas

tradições e as suas lendas guerreiras, rejeita a filosofia francesa, despertando os brios nacionais, e fazendo ressurgir a Germânia crente e austera das epopeias guerreiras da feudalidade.

Do estudo das tradições poéticas, felicosas e cristãs nasceu o Romantismo e com élle a escola do cívismo que deu um novo ideal ao princípio das nacionalidades. A revivescência da tradição criou o Romantismo e abriu o caminho ao nefasto liberalismo, gerado no cérebro de Rousseau.

A filosofia incrédula do século XVIII gerou as ferocidades da Revolução francesa e as guerras napoleónicas, enquanto que a ressurreição da alma medieval deu as obras consoladoramente imortais de Chateaubriand, Lamartine, Garrete e Herculano.

O romantismo seduzido pela palavra *liberdade*, suavizou as asperezas do monstro da Revolução francesa, arrimado ao tipo histórico do parlamentarismo inglês, gerando a nociva quimera do regime constitucional.

A escola romântica em arquitectura tomou por modelo o estilo gótico e bizantino. O seu chefe em França foi Viollet-le-Duc, que trabalhou a vida inteira em restaurar os deslumbrantes monumentos da Idade-Média, fazendo admirar ao público essas maravilhas de pedra que o génio do Cristianismo criara.

A arte do século XIX é, no conjunto, formada de restaurações e de imitações, porque ao artista falece-lhe o ideal. Não imitou a arquitectura da Renascença, que já era um centão sem originalidade. Imitou a grande arte mediévica cujo simbolismo derivava todo da inspiração religiosa. O plano das igrejas, em cruz latina, traduzia o divino sacrifício da paixão; a altura grandiosa dos tectos representava o triunfo transumano de Cristo e figurava a sua ascensão ao céu. Os majestosos zimbórios traduziam a aspiração das almas para o celestial paraíso. Em um templo ogival

cada pedra tem a sua significação simbólica, e toda a inspiração cristã é sempre um germe que frutifica.

O Cristianismo, providencialmente dominado aos bárbaros, edifica sobre as imponentes ruínas duma civilização decadente, a civilização medieval, a alma *mater* da civilização universal, regenerando o mundo e indicando-lhe o Evangelho para se nortear.

A corrupta natureza humana surge, de quando em quando, na história a clamor soberbamente pelo Paganismo; mas Deus, dando a liberdade ao homem não permanece como simples testemunha do ininterrupto combate. A impiedade leva à baixeza dos costumes, a descrença é surda ao clamor da civilização moral, enquanto que a obra da fé vibra no amplo campo da história como notas metálicas que enchem o tempo e o espaço. Todos os povos civilizados mergulham na luz do mesmo sentimento cristão. A unidade moral da nossa espécie deve fazer-se pela ideia religiosa. É a seiva divina que há de alimentar a árvore da humanidade, afim de que dê o fruto da paz universal.

\*

O ideal da Idade-Média é a santidade. O ideal da Renascença é a sabedoria. O ideal da Idade-Média é a beleza moral, o ideal da Renascença é a beleza plástica. O ideal da Idade-Média põe entre a terra e o céu. O ideal da Renascença é a invocação da natureza para edificar sobre a Terra um Olimpo de gôzo. As Virgens em êxtasis da Idade-Média, envoltas em ondas luminosas, são substituídas pelas madonas de plena beleza corporal.

Como a Renascença foi um ressurgimento da vida greco-romana, o Romantismo era um renascimento da Idade-Média, retorta da alquimia da civilização moderna. A memória é uma faculdade inata do nosso ser, funcionando por si mesma. A sua energia

aumenta à medida que o seu papel se torna mais consciente. O Romantismo foi uma ação intelectiva e sentimental para criar uma sociedade nova, rejuvenescendo as fontes vivas da tradição e da raça. Os trabalhos do *Cancioneiro* e do *Romancero* de Garrete o comprovam. A sua ardente fé cívica o proclama. A ação romântica não era só estética era cívica, moral e religiosa. Os princípios abstratos e mecânicos da Revolução Francesa foram um parasita que se incorporou no Romantismo. Herculano, liberal legítimo, protestava contra a invasão epidémica desses princípios trans-pirenáicos. A revolução vinista feita por pedreiros-livres, iletrados, essa é que é filha da barreira do oriente-novismo, neto da filosofia racionalista do século XVIII e bisneto da Renascença e da heresia luterana.

Os revolucionários franceses não tem em nenhuma conta nem a raça, nem a tradição. Invocando o ideal de justiça querem constituir uma sociedade mecanicamente. Propõem estabelecer o sufrágio universal para os pretos da Martinica e da Guadalupe, e aplicar à França as leis de Minos e de Licurgo. Afirmam que o mundo está vazio desde os romanos. Imaginam poder suprimir na pátria, a seu talante, a fé católica, substituindo-a pela deusa Razão. Escravos da razão abstrata, não tem nem sentimento, nem instinto de raça, nem imaginação, nem crença religiosa. São o que há de mais oposto à sa literatura romântica. Os românticos, almas generosas e corações fraternais, ávidos de ideias elevadas, são acusados de, em prejuízo da razão, se deixarem dominar pelo sentimento, pela imaginação e pela vontade. Esta acusação é até certo ponto exacta, mas o governar-se o homem únicamente pela razão é árido, porque ela não alcança toda a ação psicológica do nosso ser. O instinto é muitas vezes na vida um guia mais seguro do que a própria razão.

Goethe personifica a arte moderna em Euforion, o filho dos amores de Fausto com Helena isto é, a aliança do génio medieval com a beleza clássica. Rigorosamente a questão entre clássicos e românticos é apenas verbal. Todo o primor de arte é libado na subsância inspiradora das duas escolas. A *Divina Comédia* e a *Iliade* tem muitos pontos de contacto. Foi examinando este assunto que o americano Dr. Kuno Francke, professor da Universidade de Harvard escreveu que a formação dum convénio internacional para a supressão dos termos, romantismo e clacissimo, lhe parecia empresa verdadeiramente filantrópica.<sup>(1)</sup>

O Romantismo por vezes tresvariu. O homem subjugado pelo ardor do sentimento perde a ideia do lugar, do tempo e da medida. O império da natureza rodeia o homem de espessas trevas, todavia impelle-o sempre para a luz, fazendo-lhe erguer a fronte para o céu.

Os fundadores alemães do Romantismo viram que só a religião católica abria seguro caminho para a elevada idealização poética. Desta sorte se explicam as conversões ao Catolicismo de notáveis românticos como Novalis, Frederico Schlegel, Zacharias Werner, João José de Goerres e Luisa Hensel que protestaram nos seus escritos contra a heresia luterana. Mesmo Guilherme Schlegel posto que tutherfordou publicou de colaboração com sua mulher um célebre trabalho estético sobre as pinturas do museu de Dresden, no qual patenteia o valor da liturgia católica para fomentar a arte e poesia. O próprio Goethe na idade proverba pendeu abertamente para o Catolicismo, dizendo-se mesmo que clandestinamente o

abraçara. Ele sabia que é preciso envelhecer para compreender, salvante se for anacoreta que é esse embora moço contempla claramente a natureza com a inteligência divina dos seres e ouve todas as cousas fatarem-lhe de Deus, e ensinarem-lhe a apreciá-lo, não caindo desta sorte como o Fausto no desespero e no sensualismo.

O Deus de Novalis agita-se surdamente nas águas e nos ventos, dormita nas plantas, desperta no animal, pensa no homem e enche o universo com a sua actividade que nunca repousa nem se esgota nem se exaure. Numa das suas poesias diz Novalis: «A natureza concedeu-me o grande dom de poder sempre levantar os olhos alegres para o céu.

Todo o homem de génio que é adversário da fé ortodoxa, envereda pela paixão mística do desconhecido e transporta-se sempre à região eterna do ultra-sensível. Desta guisa o génio impelido pelo orgulho chega por atalhos ao mesmo destino.

O artista soberano não se satisfaz com noções vagas e abstractas, sente a imperiosa necessidade de ajoelhar deante de augustas figuras concretas como a cruz ou a Virgem, e até derramar sentidas lágrimas como fez o poeta Novalis ou o pintor Fra Angélico. Assim se realiza a aliança sublimada do ideal subjetivo com o sensível objectivo.

\*

Reacendeu-se em França, ultimamente, a antiga questão literária do romantismo e do classicismo. A bibliografia motivada pela controvérsia é já avultada. (1) Os românticos são acusados de haverem pleiteado

<sup>(1)</sup> Víd. Kuno Francke, «A History of German Literature as determined by social forces», London, George Bell, 1909, pág. 401.

<sup>(2)</sup> Na Geração actual aparece um número avultado de escritores que levantaram de novo a questão do Romantismo, uns pró outros contra. As Conferências de Júlio Lemaitre

os direitos do coração, desconhecendo a verdade. Os seus detractores até afirmam que eles são os responsáveis de todas as quimeras e de todas as utopias sociais cujos desastres actualmente estamos sofrendo.

O romantismo manifestou-se como uma reacção contra o classicismo. Em que consiste o classicismo? Na submissão da vontade e do sentimento à razão, conforme se acha expresso na literatura grega, procurando a ideia na filosofia e os tropos na mitologia. O romanticismo, dum modo mais geral, é uma potência harmonizadora que se inspira na vontade e no sentimento, apoiados êsses dois factos psicológicos na seiva vitalizadora da sociedade e da natureza.

A arte grega opõe-se à arte romântica como a mitologia helénica à religião cristã, e essa oposição gera as duas civilizações — a clássica e a medieval. Na sociedade grega o ideal moral está ao nível dos costumes, na sociedade cristã o contraste é enorme, porque o ideal é o divino Evangelho. O homem sente-se fraco diante da perfeição de Deus: a humildade é uma virtude cristã que os heleno-latinos não conheciam.

A arquitectura e a escultura gregas satisfazem completamente o nosso espírito, enquanto que as catedrais da Idade-Média despertam em nossa alma uma aspiração inatingível. A arquitectura ogival é transumana. Alveja o infinito, busca a Deus. O romântico vai da oração, da latria, à blasfémia. Ao contrário no clássico o sentimento exagerado está submetido à razão e a sua sensação estética produz-se por peso e medida.

O classicismo moderno vem do renascimento do século XVI. A Renascença é uma ressurreição anacrónica da mitologia artificial e do paganismo dissolvente, que durante três séculos abafou o espírito popular e cristão com o nome de classicismo. O romanticismo é o movimento sentimental e intelectivo, que desterra os moldes batidos das obras clássicas, procurando um novo ideal na alma popular e na tradição medieval. Sejamos românticos judiciosos, seguindo a tradição cristã da Idade-Média e não sejamos clássicos, anarquizando a cultura literária com o corruptor paganismo greco-latino.

A ciência descreve a vida real, a metafísica expõe a lei do dever, e a arte compõe a vida ideal, que, revelando-se na poesia, deve despertar no coração os ecos prolongados da harmonia divina, da bondade infinita.

sobre João Jacques Rousseau e sobre Racine motivaram uma extensão indefinida de controvérsias. Os que enfileiram a favor do Romantismo consideram como chefe central Charles Maurras & quem denominam *cavalo de noite* ou positivistas. Eis algumas obras contra e a favor: Charles Maurras *Trois idées politiques*, des études sur *Chateaubriand ou l'anarchie*, Paris 1898. Pierre Lasserre le *Romantisme français*, Paris 1907. Ernest Seillière le *Mal Romantique* Paris 1908. Marius Arl Lablond *L'Idéal du XX<sup>e</sup> siècle*, Paris 1909. André Jousset *Fondement psychologique de la morale*, Paris 1909. *Le Romantisme et la religion par le même*. Ch.-M. Des Granges le *Romantisme et la critique*. *La Presse littéraire sous la Restauration 1815-1830*, Paris 1907. Maurice Sourian *Annals de la Faculté des Lettres de Caen*, 1887 et édition de la Préface de Cromwell 1897.

O penhor romântico forma o alicerce da piedade humana. E o predomínio do sentimento que geralmente faz a mulher mais terna, mais religiosa e mais capaz de renúncia do que o homem.

A sociedade medieval, fonte da civilização moderna, evolucionava com homogéneo vigor. A Renascença foi um hem ou um mal? As opiniões divergem. Augusto Comte diz que «se o estado católico e feudal tivesse podido resistir realmente, é indubitável a meus olhos que expansão estética dos séculos XII e XIII seria adquirida pela sua eminentemente homogenei-

dade, alcançando uma importância e uma profundidade muito superior a tudo o que pôde existir depois... A Renascença, desdenhando a Idade-Média e apelidando-a de época bárbara, conservou, em parte, a sua fé mística, mas engolfoou-se no amor da vida e da beleza sensível.

É a raga germânica do século XVIII que indaga a nascente inebriante do romanticismo e é Rousseau um dos que primeiro se embriaga. O Visconde de Vogué chamou energicamente a Rousseau um charlatão de génio, enquanto se curva reverente deante da nobre ponderação do rútilo espírito de Chateaubriand. O autor do *Génio do Cristianismo* deslumbra a todos os que temem pupilas. Os seus símbolos descobrem e representam associações de ideias tão ricas e elevadas, que exprimem dum modo comovente, agudo e flexível, todo o vigor do pensamento e todos os matizes fugitivos do sentimento.

Os hodiernos detractores de Chateaubriand em França acusam-no, na sua juventude, de haver sido discípulo de Rousseau. Em verdade a forma literária do autor do *Emílio* influiu no estilo fulgorante de Chateaubriand, ainda que o talento enorme deste drátra <sup>na sua juventude</sup> o contradisse. Quantito an nortamento das ideias e da ação, é exactamente o oposto nos dois escritores.

Rousseau é o obreiro da anarquia mental e da nefasta Revolução francesa, enquanto que Chateaubriand é o restaurador moral da França cristã e o adversário implacável da Revolução. Rousseau é um panteísta sensual que se inspira no paganismo histórico de Roma e no literário da Renascença, enquanto que Chateaubriand é o ardente monoteísta da Bíblia e o evocador admirável da Idade-Média. Rousseau é o materializador da desordem, Chateaubriand é o apóstolo da ordem alicerçada na tradição cristã e monárquica.

No entanto Chateaubriand, se na sua juventude se inspirou de Rousseau, é nas obras não religiosas. Nas obras cristãs comunica a sua poesia vibrante, o seu lirismo comovente a toda a obra construtora e artística, gerada pela palavra divina do Evangelho. Depois de Tertuliano, a sua obra religiosa constitui a apologética mais bela e mais fecunda da história da Igreja. Chateaubriand é no estílo o imitador genial de Bernadin Saint-Pierre; mas o autor das *Mémoires de Além-Túmulo* é o rei magníficente da descrição, mestre exímio de todos os escritores pósteros. Afonso Daudet falava de Chateaubriand com uma conmigo estupefacida, e Flaubert declarava que o seu génio ultrapassava a sua própria reputação.

A escola realista de Gustavo Flaubert e Zola teve na sua parte bela, como exemplar de relêvo plástico, sempre deante dos olhos, a obra inexcedível de Chateaubriand, o *magister magistrorum* de todos os escritores do século. O autor da *Salamão* deslarrava que daria todos os seus trabalhos por duas linhas de Chateaubriand.

Há em Rousseau duas entidades distintas: uma é o filósofo superficial, outra é o literato eminentíssimo. O primeiro julga as sociedades um <sup>projeto</sup> de <sup>criação</sup> teórica, sem nascente divina nem tradição. Descobre na sua fantasia que a sociedade humana é o resultado dum contracto entre os homens e que a pura vontade deles é a fonte de toda a lei. Semelhante teoria gerou o monstro da Revolução Francesa. A outra entidade de Rousseau é o escritor rutilante, criador duma arte literária nova em que a pintura da natureza e a descrição da sociedade tem tal eloquência que arrasta a nobreza dos saízes e seduz a própria côrte. Debaixo da toga coruscante do seu verbo, elle leva o veneno da sua filosofia política com que empegonha os espíritos. O seu talento vê com uma candura vigorosa a poesia selvagem da vida das montanhas, onde se

formam indivíduos de saúde robusta, de equilíbrio de espírito, de pureza de costumes. A vida das cidades torna o homem um composto ou um misto artificial e infuscado.

Chateaubriand foi tão sugestionado no seu amor da solidão por Rousseau como o foi por Théocrite e Vergílio.

Nos modernos povos latinos há a corrente medieval, cristã, e há a corrente da Renascença pagã. Esta abarregou-se impiamente com o filosofismo materialista do século XVIII e gerou o oitenta-novismo. O rio da tradição encontra-se entre dois leitos e tem de decidir-se por um deles. ora *quem deseja a ventura na virtude a procura*. Os nossos escritores românicos seguem todos francamente a tradição cristã. E só Garrete, Castilho, Herculano, Mendes Lial, Rebelo da Silva, etc. Essa obra está patente.

A remodelação da sociedade portuguesa só pode fazer-se dentro do espiritualismo cristão, que foi quem teceu e urdiu a tela da nossa história, mas o paganismo grecorromano subsiste, como se manifestou na Renascença e se manifesta hoje na discrácia de muitos caracteres, filhos do impio realismo literário.

A fonte clássica dera ao Portugal literário a depressão intelectual dos séculos XVII e XVIII, e o romantismo que rejuvenescer o nosso espírito nacional, apostolizando a inspiração popular e o sentimento cristão.

Garrete, Castilho, Herculano, Mendes Lial, Rebelo da Silva, João de Lemos, Latino Coelho, Tomás Ribeiro, corifeus do romantismo, são peitos ardentes cristãos. Na oratória sagrada é Silveira Malhão quem se inspira na forma e no sentimento em Chateaubriand, tendo como regra clássica Massillon. Os políticos liberais de 1820 e de 1834, destruldorres odiantos das nossas tradições nacionais e inimigos secretos da Igreja, não são homens de letras, são

filhos lunáticos da Revolução Francesa, racionais confessos, e chamam-se Fernandes Tomás, Ferreira Borges, Mousinho da Silveira, Passos Manuel, e outros.

Àsse homens é que pertence a causa da ruína das nossas grandiosas tradições nacionais. Demoliram leis e instituições venerandas que em Inglaterra se conservam como patrimônio sagrado da liberdade individual. O Estado não tem o direito de regular as consciências pela educação pública.

O realismo é tumor purulento nascido do seio do ultra-romantismo degenerado. Ao lado dos literatos irreligiosos e zombeteiros da fé cristã, surgem pregadores católicos, esquecendo a disciplina eclesiástica, a doutrina dogmática e moral, para pregarem lindas frases, opulentas de sonoridade com fileiras cadenciadas de innumeraíveis adjetivos, mas quase vazias de sentido. Esses pregadores sem norteamento canônico chiamam-se Alves Mendes e António Cândido, que fazem impunemente extensos e pomposos panegíricos de pedreiros livres e de heterodoxos. Estes literatos e estes pregadores é que constituem a geração maldita da agonia do século XIX. No entanto há sub-doutos que se tem despujado a gritar que este tipo de pregador é o mestre da arte de dizer, segundo a expressão de Cícero: *antistates artis dicendi*, posto que os fieis cristãos fiquem insensíveis como um frade de basalto.

Os envenenadores da alma nacional e autores da catástrofe do século XX são Oliveira Martins, na primeira maneira da sua obra, e os iniciadores do realismo como Alexandre da Conceição, Eça de Queiroz, Filho de Almeida e os epígonos dessa derroada do Portugal cristão e tradicionalista, glorificando sobretudo o amor físico, a beleza corporal, pintando sentimentos baixos e caracteres vulgares. O

realismo opõe-se ao romantismo como o espiritualismo ao materialismo.

O classicismo estreme reconhece à inteligência direitos soberanos em prejuízo do sentimento e da fantasia, ora a arte não pode estar condenada à imobilidade da beleza clássica, deve procurar novas fontes de inspiração. A literatura romântica immergiu num profundo oceano de beleza, embora o neguem os arquissófistas do infra-naturalismo. Novalis é dessa beleza uma prova resplandente, no entanto a sua escola cometeu erros sem dúvida.

No Romantismo há desordem na vida do sentimento e da imaginação. No Realismo a arte reduz-se à faculdade secundária da observação e a lei moral é postergada ou escarreucida. O Romanticismo tem o culto desregrado do grandioso, o Realismo ameaçinha-se idolatrando a vulgaridade e a perversão. O Realismo é um quadro majestoso, o Realismo uma caricatura democrática. Em Portugal o Realismo foi um aliado do negativismo.

Oliveira Martins, Fialho de Almeida, Gomes Lial, Ramalho Ortigão ainda viram apodrecer o fruto da sua abominável semienteira, por isso se arrependeram e retraram publicissimamente. Resta Teófilo Braga, que, apesar de muito teimoso, se a vida se lhe prolonga, ainda fará penitência ruidosamente pública, pois não há eloquência mais persuasiva do que a amarga lição dos factos. Guerra Junqueiro parece que já descontina a visão da entrada de Damasco.

Que deplorável está geração maldita! A pequena mas ruinosa que pode infecionar uma alma é a pena nas mãos dum escritor imundo ou pervertido. Há um tipo de publicistas que não se incomoda a sofismar os bons princípios: renega-os clinicamente e cincicamente apregoa a doutrina da maldade como legítima e impetuosa. O materialismo em filosofia, o realismo na literatura, é que geram o radicalismo desenfreando que

conduz uma nação ao irrespeito público e à desordem gerárquica. O jacobinismo é uma disformidade espiritual da qual nasce o charlatanismo político. A França foi bem apalpada por essa enfermidade. Nós ainda não assámos e já pingamos.

\*

O poeta de inspiração superior traz estampado desde o berço o selo augusto dum missão divina que ele tem à desempenhar na terra com um coração que sente e com um cérebro que pensa. Parece que vem espiritualmente dumha existência anterior, remissivamente vaga dum éden longínquo, tendo por ideal supremo um paraíso que recende ao perfume da bem-aventurança.

Tomás Ribeiro tem uma autêntica alma de poeta, sempre iluminada pela religião, inflamada pela pátria, engrandevida pela justiça, fortalecida pela verdade e consolada pelo trabalho, que é ainda o conforto mais suavemente eficaz nos grandes desalento do coração humano. No âmbito dos sentimentos poéticos de Tomás Ribeiro, a forma cristã domina, como domina num templo gótico a projecção crucifícime. O país abençoará sempre os homens de consciência pura e de vontade forte, que se devotarem a defender as tradições heroicas e a salvaguardar os diários históricos deste povo cristão, que esculpiu no bronze das crónicas o sentimento da fé valorosa e da honra intermitente. Em muitas almas de portugueses fenece desgraçadamente a flor da crença, evolui-se o incenso da piedade em holocausto à quimera do scepticismo forasteiro.

Os clarões da alma do poeta que scisma, ou do místico que medita, tem mais intensidade do que o Sol da vida cósmica. Santo António, anacoreta, dizia: «ó Sol, porque te levantas tu já e me impedes

de contemplar o esplendor da verdadeira luz!» Aqueles que cantam com o Psalmista: *Domine dominus noster quam admirabilis est nomen tuum in universa terra*, são os que tem pleiteado na vida por um ideal transcendente e inquebrantável, procurando no seio de Deus um eterno refúgio de amor.

No horto pênsil da sua fantasia de artista, ainda nos últimos anos recende o «roma que o inebriava na mocidade. A cotovia não entou ainda o seu deradeiro canto no azul do céu. Os ultrajes do tempo foram impotentes psicologicamente para abater aquela natureza robusta de beirão. O ambiente exícial da cidade, nubrado pelo fumo das chaminés, não lhe fez esquecer a sua terra verdejante de messes e vestida de arvoredos. Os seus versos tem o encanto dos vales e a majestade das montanhas. Quando descreve paisagens, o vigor do seu colorido arrebatava a imaginação e embelezava os sentidos. Quem conhece a *Juda* nunca esquecerá a descrição da Palestina. Em quatro versos faz um painel.

Quando se escreve um poema, entende Tomás Ribeiro, o autor não está fora da sua obra a medi-la, a guia-la e a julgá-la, que é a missão do crítico; não, o poeta consubstancia-se em cada uma das personagens do seu poema; apaixona-se, ama, odeia, vinga-se em cada uma delas; a fantasia dirige o estro a seu capricho, e o estro dirige a poesia; o poeta tem delineado somente o plano geral do seu trabalho; os pequenos traços, pormenores, as minudências da obra surgem espontâneas debaixo da pena e quase surpreendem o poeta.

Aconselhou-lhe Castilho: conserve e zele a chama sagrada que o céu lhe acendeu na alma, não tanto para si como para a pátria. Ele venerava e invocava a cada passo Castilho. Esses quadros da juventude, guardados na memória, permaneceram na sua alma como o sacrário das saudades.

Os homens das cidades são os menos aptos, pelas condições do meio, para avaliarem estas subtilezas da alma poética. Nós, filhos do campo, temos um sentimento mais vivo da natureza. Tomás Ribeiro como beirão, e eu como trasmontano, sabemos que o aldeão ainda canta na ladaria ao pôr do Sol as suas dolentes xácaras, acompanhado pelo murmúrio dos ribeiros, ou pela aragem ciciante do esteval. Da franta rude do pastor sai um enxame de vibrações melodiosas, que encerram indefinível poesia.

Nunca fêz da sua pena bastão de alfeireiro para guardar germes de sentimentos, faltos de elevação. Ao contrário, a sua natureza comunicativa leva sempre nos lábios a frase melódica da unção e o sorriso dum ironia amorável, que é simultaneamente um aviso e uma consolação. Por um instinto artístico, conhece obviamente as raízes inconscientes da vida superior do espírito e pinta-a com uma lucidez igual a uma análise culminante da razão.

José de Maistre escreveu algures: *La raison ne peut que parler, c'est l'amour qui chante*. Deixemos, pois, os filósofos falar com razão ou sem ela e o poeta cantar o amor, o céu, o heroísmo, a pátria. O poeta a versejar raciocínios assemelha-se a uma águia à qual houvessem quebrado as asas. A meditação laboriosa do filósofo, a paciência obstinada do erudito não se casam com a inspirada chama do poeta. As faculdades do crítico em que domina o raciocínio, são essencialmente analíticas; as do poeta, em que domina a impressão, mostram-se sempre sintéticas. A crítica da arte é apanágio do filósofo. O artista não sabe analisar, é quase sempre um crítico mediocre e, em regra, um apáixonado. Goethe e Antero de Quental são uma exceção, e ainda assim a sua poesia é mais raciocinada do que inspirada. Em regra, os nossos poetas desconhecem o movimento filosófico. E explanam o sentimento individual, vestido com as

roupagens poéticas, produzindo assim formosíssimos trechos líricos, como sucedeu com João de Deus. Quanto essa fina e eleita compleição de poeta nos encanta e subjuga!

\*

Tomas Ribeiro e João de Deus foram almas essencialmente religiosas. O projecto de tecer uma sociedade sem fé divina constitui uma odiosa quimera, alheia à raça lusa, ao entranhado amor pátrio. Para elle a história humana. A religião é um super-organismo moral que fortalece, dirige e vitaliza todo o organismo social.

Tomás Ribeiro que era um romântico da grande escola portuguesa, ficou sempre fiel à crença nazarena, à raça lusa, ao entranhado amor pátrio. Para elle a vida heroica de Portugal era um constante milagre. Escreveu o sublimado autor do *D. Jaime*: «Quem nos salvou nas vastas campinas do Ourique, se não foi o milagre dêsse amor ao solo sacrossanto da Pátria? Quem nos fez varrer, como gigantes, as ondas insolentes da mourisca por sobre as ondas indómitas do Estreito, e internar pelos desertos e sertões africanos os gigantes da aquæna e do além mar? Quem armou os braços do Mestre de Aviz, do Condestável, de Antão Vasques de Almada e de Mem Rodrigues de Vasconcelos, nos campos de Aljubarrota? Quem guiou e amparou na sua longa viagem as terras orientais os quais desconhecidos e tão heróicos enviados de D. João II? Quem faria bater de entusiasmo o coração do Infante D. Henrique, ao contemplar do promontório de Sagres as velas dos seus navegadores perdidos ao longe, nas brumas espessas do mar? Quem realizou os prodígios do Oriente? Quem guiou as náus do Gama? Quem fez 1640 e nos restituíu a independência? Milagres do amor da Pátria.»

O poeta João de Deus cantou essencialmente a Divindade e o amor. A sua fé de católico levou-o a atingir o sublime nas composições religiosas. Ninguém como ele traduziu em português trechos bíblicos. As rosas de Jerusalém e os lirios de Bethsaída não perderam uma pétala, nem um ápice do seu perfume na versão da língua sagrada para a língua de Fr. Tomé de Jesus. O seu estro parece que se ala, subindo da alma terrena à idealidade celeste. Um outro poeta afirmou acerca de João de Deus: — Alma religiosa e amorosa, chega pelo finto do Belo ao infinito do Bem, ascende da mulher que o encanta ao Deus que o deslumbra; eleva-se num suspiro da terra ao céu; o desejo dilui-se na beatitude. João de Deus foi tam bom como puro, tão magnânimo como inspirado, dessa magnanimidade dum patriarca de Israel, e dessa inspiração dum profeta bíblico. Sem trabalhar venceu os invejosos só pela casta ternura da sua lira e pela doce fascinação do seu carácter. Os simples amavam-no, porque o entendiam; os varões fortes estimavam-no, porque se rendiam às vibrações comovedoras do seu estro. Há já bastantes anos que os nossos desalentos da juventude iam procurar em muitos serões um doce agasalho na conversa finamente cativante de João de Deus. Hoje esses serões constituem uma lembrança que se esbate suavemente no azul etéreo da saudade.

Quando foi do festival de 1895, pela ocasião do seu aniversário, apareceu uma legião de composições literárias escritas pelos admiradores do poeta, e entre elas há uma intitulada: *Homenagem duma criança*, feita por uma menina de 14 anos, filha do grande poeta Tomás Ribeiro. Esta Pérola artística orvalhou de frescura matinal a alma de João de Deus, pela primeira vez na sua vida ensobrecido. Nós achamos-lhe um pequeno quadro de expressão tão delicada, tão simples e tão profunda que é a imagem do

grande lirico, retratado na visão poética dum: imaginção infantil, cujo pincel pediu à alvorada as finas côres num dia radioso de meiga primavera. São apenas duas quadras; elas:

O nome, belo e suave  
Foi uma oferta de Deus,  
O estro é prenda dum anjo  
Descido a cantar dos céus.  
  
O coração, obra prima  
De piedade, zelo e amor,  
Toure-lho uma ave divina,  
Mensageira do Senhor.

A autora destas duas formosas estrofes tem hoje nas letras pátrias o nome aureolado de D. Branca de Gonta Colaço.

Para julgar, num escrito íntimo, a fé de João de Deus, vamos transcrever uma carta, por ele dirigida, ao seu amigo Germano Meireles:

«A fé não se discute. A minha é que, se Cristo não é Deus, Deus é menos que um homem. Pouco me importa o Renan e o Michelet. Qualquer destes poderia eu ser; Cristo é que eu não podia ser. Há evidentemente na sua obra alguma coisa sobrenatural; e se há alguma coisa, há tudo, porque o que é sobrenatural é divino. O século e as aspirações do século, são palavras vãs. Eu sou do século e conheço a minha miséria e a dos outros. Ainda hoje se derrama e até quásí se bebe o sangue humano como há quarenta séculos. O mesmo Renan, que é dêsse século, não passa dum macaco, póstumo, de Voltaire, e tão ridículo como élle. Quem chama patuscos aos apóstolos deu a medida de si. A filosofia do bem, a filosofia da desgraça, a filosofia da verdade, nunca élle a viu, nem sabe o que isso é. Portanto, do que élle diz faço eu tanto caso, como do espertalhão que me viesse desimaginar que o homem não tinha sido realmente

feito de barro, como diz a Escritura. São esperanzas de rato, como aquela minha (e não sei se de mais alguém, porque já a vi nos jornais) que todos hoje com um fósforo na mão, podemos dizer como Deus no princípio do mundo: Faya-se a luz! e fêz-se a luz. Michelet, pelo que me disseste uma vez em casa do Vilhena, (1) parece-me uma boa alma, mas que se incumbia sem precisão do acto adicional do Evangelho. Ohiou pelo mundo todo, e viu que era já velho amarmos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, e decidiu que amássemos agora também os animais, os vegetais e os minerais. Reconheço a razão por que alguns levam tão longe o seu amor, principalmente a este último artigo... Mas o amor universal, graduado, racional e possível, não um romance francês e uma extravagância ridícula, cifra-se mesmo no espírito evangélico. Cristo lá manda tirar no sábado o animal do atoleiro, e diz que o lirio do vale ningüém o veste, e Salomão não traja melhor púrpura!

Progresso sobre o Evangelho é impossível, porque o Evangelho só fecha em Deus o círculo da peregrinação. Uma instituição caduca quando a sociedade não cabe nos seus moldes. ora, onde vês tu em prática o preceito a que se reduz a lei e os profetas? Em Sebastopol, em Magenta, em Solferino, na agonia indiferente da Polónia, no açoique dos Estados Unidos? A balisa posta por Cristo à humanidade é tão perto do céu e tão longe da terra, que nunca lá ha-

(1) E' o Dr. João de Sousa Vilhena, natural de Montalegre, que faleceu sendo Juiz de Direito. Ainda em 1882 o encontro em casa de João de Deus num 4.º andar da Praça da Alegria, assim como ao Dr. Albino Vaz das Neves, médico em Maçedo de Cavaleiros. O poeta, sendo albergado, dizia que preferia sempre em Coimbra a amizade dos estudantes trascantinhos.

vermos de chegar. Portanto, o Evangelho não pode envelhecer; é como a alma do homem, e tudo que é eterno está sempre na sua aurora. Nem Renan, nem Michelet, nem todos nós, tôda a humanidade em peso, era capaz, não digo mais, mas só de fazer o *Pai Nossa!* a mais admirável e a mais perfeita de todas as orações possíveis.

Estes trechos de franca e clã presa epistolar mostram-nos sob um aspecto, diverso da poesia, as crenças cristãs de insigne autor do *Campo de Flores*.

#### CAPÍTULO IV

Alexandre Herculano. A historiografia e a Revolução. História seotária.



NINGUÉM poderá falar adequadamente de Alexandre Herculano sem calçar o coturno dos inspirados de Melipônene e sem ter na eloquência os gestos apocalípticos da âguia infusa de Pathmos. Na literatura hodierna, semeadora do estragamento de costumes, fazer a apologia de Herculano é lançar nota discordante na ruidosa filarmónica do aviltamento nacional. A geração de epígonos que em Portugal continuou depois deles lides literárias, parece confirmar aquele dizer zoogénico do Alcorão, que, na arca de Noé, o gato nascerá do espiro do leão. Em verdade, ao leão sucederam os gatos.

A individualidade potente e inquebrantável do precioso historiador impõe-se hoje e impõe-se há sempre, entre os homens que pensam e que sentem, como símbolo luminoso e inolvidável duma ruidosa geração de sinceros.

A sua linguagem rude, solene e grave, o seu estilo opulento, incisivo e rutilante, a sua figura estoica, dura e tenaz, o seu sentimento de indignação e de revolta contra todas as vilanias, quer a sua voz sono-

ra ruja como um leão contra os tradicionalistas afeirados, quer clamor eloquentemente, cheio de bondade e de crudelíssima dor, defendendo as tristes freiras de Lorvão, semi-mortas pela fome, revela sempre o traço essencial e inconfundível da sua fisionomia moral, nitidamente característica. Herculano era o que se chama um homem com as suas qualidades bem definidas.

A nobre independência do seu carácter, as suas convicções firmes, claras e intolerantes, grangearam-lhe numerosos e formidáveis adversários, que ele ardente mente combatia, ora vibrando o azorrague de Juvenal com uma veemência sangrenta, ora argumentando placidamente como um profundo analista e um dedutivo. Alexandre Herculano nunca desmentiu, como pensador grave e limpido que era, a grandeza da sua lógica e a profundezza do seu raciocínio, quer a sua ação se exercesse como homem e como cidadão no campo da vida moral, quer no campo especulativo como publicista e como historiador. E mais pelas faculdades analíticas que pela capacidade generalizadora, que Herculano se impõe ao nosso respeito: os seus métodos de investigação são a posteriori, parte dos efeitos e consequências para subir às causas e aos princípios.

O elemento predominante do seu grande trabalho histórico é a decomposição, é a análise dos documentos, no intuito de mostrar que o testemunho humano é um veículo infalível para nos transmitir a verdade. E assombroso observar como Herculano estuda e combina os diversos aspectos do testemunho dos homens, a tradição oral, as fontes directas, os monumentos, e como de todos estes elementos complexos, e às vezes contraditórios, sai a verdade transparente e cristalina.

Para se ser historiador é mister ter uma ampla e

penetrante visão da vida íntima e externa das sociedades, e é por isso que nenhuma forma de actividade especulativa demanda um trabalho tão persistente e circunspecto, e um tanto dispendioso de energia psiquica quanto são os estudos históricos. A posição ocupada pela história, no quadro taxonómico das ciências, mostra que as suas leis estão condicionadas por uma série de conhecimentos prévios, que o sociólogo tem de conhecer. Além dos factores de ordem cósmica e de ordem social que actuam sobre o indivíduo, há o estudo do espírito humano, agente essencial da história, que por si é o problema mais difíciloso da ciência. Efectivamente a história não é mais do que a exteriorização dos fenómenos de consciência; toda a vida social é a resultante de sentimentos, de ideias e de resoluções. O historiador precisa ser em primeiro lugar um psicólogo, que adivinhe nos homens as paixões, que conheça os desejos, e que penetre na alma das causas.

Herculano possuía integralmente os requisitos para se investir na elevada dignidade intelectual de historiador. Ninguém com justiça lhe contestará o seu legítimo lugar entre a galeria dos grandes historiadores europeus do século XIX. Herculano foi pela primeira vez interrogar, arranado com o critério de rigorosa análise, as gerações ocultas nos primórdios nebulosos do nosso incipiente regime feudal. Os documentos existiam, nos arquivos, há longos anos pulverizados e esquecidos, sem que alguém tirasse deles preciosos elementos para refazer a verdadeira origem da nossa nacionalidade. Tirar por uma investigação paciente e cuidadosa os dados preciosos dos antigos documentos, para establecer a filiação histórica do desenvolvimento progressivo da vida nacional, é o principal mérito de Herculano. Antes dele, a história de Portugal era, em parte,

uma série de lendas piedosas, misturadas com tradi-

ções monásticas, sem obediência ao sentimento da austera verdade e ao critério lógico da intuição exclusivamente científica. As suas pacientes indagações revolvendo os arquivos, fazendo a hermenéutica dos códices, decifrando pelo método da comparação os costumes e as tradições medievicas, encaminharam o seu poderoso espírito à visão clara da verdade histórica. Foi ele que nos libertou da vergonha nacional de, perante os historiadores europeus, ignorarmos os inícios da pátria história, e que, reconstruindo essa época da nossa vida nacional, descrevendo a lenda da verdade, a certeza da falsidade, deu aos reis e aos barões feudais o aspecto verídico da raça.

Herculano era sobretudo um historiador, não verdadeiramente um filósofo da história. Tomou nos seus trabalhos científicos, para modelo o dinamarquês Nebuhr na história romana, Prescott na história de Fernando e Isabel, e os dois notáveis historiadores Thierry, Macaulay, Mommsen, e o grande Ranke, protótipos, na época, de segurança e imparcialidade nas suas laboriosas investigações. Herculano seguindo estes modélos via a ciência da história, fechada, posto que escrupulosamente exacta, sem que a modalidade intelectual do seu ponto de vista lhe deixasse concever no amplo campo dos princípios e das altas generalizações científicas. As concepções sistemáticas do desenvolvimento da humanidade, de Bossuet, de Vico, de Montesquieu, de Condorcet, de Turgot, de Herder, de Hegel, de Michelet, etc., não seduziam o seu espírito. O único historiador filósofo que ele lia e admirava era Guizot, mas visto somente através da crítica histórica.

Como psicólogo, foi um espiritualista por crença e por temperamento; em religião era um cismontano, um cristão liberal, e em política amando ardente mente a liberdade, condenava a democracia nos seus exageros, e era sobretudo um descentralizador e um individualista.

Carácter dum ativo e nobre orgulho, a que às vezes não correspondia igual energia de vontade, na arena da síntese activa, esta feição moral gerava na sua alma certas intermitências de desalento e de desconfiança no futuro do seu país.

O autor da *Voz do Profeta* conheceu os elementos terminadores que encerra o liberalismo, e, nos seus escritos históricos patenteou a necessidade de afirmar a superior magia da tradição nacional. Ela é como a virtude fecundante que reanimava a vontade. Com efeito, a tradição, que é a sagrada correspondência de amor entre vivos e mortos, dum mesmo corpo social, é o que constitui o nervo propulsor do patriotismo. Para o democrata, a pátria esforço-se e dilui-se na humanidade quimerica do progresso indefinido.

Herculano é um liberal legítimo, autêntico, um liberal tradicionalista. É adversário franco da soberania popular do oitenta-novismo. Declara-se em diferentes passagens da sua inconfundível obra, inimigo vigoroso das ideias democrático-republicanas e do fantasma irresistível da igualdade social entre os homens. Para Herculano a égide da liberdade é a monarquia paternal, e o bastião que a defende, é o município medieval que a sua robusta mentalidade de historiador examinou e esclareceu tão luminosamente. São essas duas antigas instituições que patrocinaram os nossos lares e os nossos altares. Herculano nunca foi liberalista, foi sempre um verídico liberal. Escreveu ele: «Nos tempos que foram, o que me sorri, não só como saudade, mas também como esperança, são as tradições dessa liberdade primiúva, pôsto que incompleta, filha primogénita do Evangelho, que ele gerava para mãe, para abrigo das sociedades da península; dessa liberdade que se estribava nos hábitos, que resultava de instituições positivas e exequíveis, e não de instituições copiadas quais ao acaso da primeira teoria que tivesse trans-

posto os Pireneus, dessa liberdade que tornava a monarquia uma coisa santa, necessária, indestrutível...»<sup>(1)</sup> E a liberdade e a justiça como eco da voz de Deus que preside às grandes justiças, formadoras da civilização. Até os povos pagãos faziam provir o berço das suas leis dum a inspiração nas suas divindades. Toda a ossatura do corpo social tem uma origem divina. Se por abstracção separamos a Igreja, da história de Portugal, essa história ficará um montão de sucessos incompreensíveis. Os visionários, filhos da ideologia do orientalismo, conceberam o criminoso contrassenso de fundarem uma sociedade sem Deus, negando a liberdade e o direito cristãos que santifica a família e criou a civilização. Herculano viu essa liberdade nova e profetizou a desorganização e a ruína das nações que a acolhessem, escutando as declamações dos utopistas sectários.

Herculano não pertenceu a esse género de figuras impertigadas, feitas de linhas rectas e o carácter moral feito de linhas curvas; ao contrário, Herculano é o tipo rude e bruscamente plebeu de consciência direita e austera. O respeito humano, essa covardia de espírito, disfarçada em respeito do ârro, como lhe chamou Lamartine, não construiu ninho em o nobre carácter de Herculano. A pureza dos seus intentos morais fêz dele um dos caracteres mais rios e mais elevados que o Sol se tem honrado de alumiar sobre a terra. E o mais preclaro filho de Portugal do século XIX. Há invejoso que forcejam por encavar reputações; esta permanece intacta. Patenteou-se sempre alma franca e aberta. A insinueridade é inusitada nos caracteres elevados. E como uma estátua de Lysippo que se comprava pelo seu peso em ouro. A opulência de pensamentos, propriedade de diâgo,

sublimidade de imágens, resurreição viva do passado histórico, são atributos de toda a sua obra. A *dicendi* vis de Herculano parece esculpida em granito: a ideia grava-se, o sentimento geme, o ritmo canta. O erudito, o poeta, o crente enaltecem a alma da pátria na sua grandiosa obra. Aos defensores da medrança humana, fora da ideia religiosa, diz Alexandre Herculano: «A civilização moral nunca existiu na terra senão por benefício do Cristianismo».

Os portugueses que hoje insultam a Igreja com aleives ou tonilhos, são filhos espúrios que arranham na cara a ubertoza ama que lhes deu o leite da vida moral e o da glória da pátria. O grande historiador considerava o Cristianismo como o vínculo sacrossanto que prende as almas do mundo civilizado. Quando os seus correligionários políticos desalojavam cruelmente os monges dos seus asilos de paz e rapinavam ávidamente os mosteiros, falando das ordens religiosas despejadamente e soltamente, como um arreieiro à sua azémola, él pegava na pena e escrevia, em defesa dos monges, as páginas mais eloquentes da sua obra de mestre da língua. A sua prosa gerou dandão nos sonhos dos sacrilégios espoliadores.

Compreende-se obviamente que a solenidade grave e religiosa do talento do grande historiador, reverenciável o mosteiro. Um coevo de Herculano, Balzac, vestia um hábito de monge sempre que tinha de assentar-se à mesa para redigir. Cria supersticiosamente que essa vestimenta, emblema espiritual, lhe ministrava a superior inspiração. Compreende-se, além disso, o amor e a veneração de Herculano pelas congregações religiosas — bebera toda a sua disciplina intelectual nos Oratorianos; a ulterior cultura do seu espírito: *ortus est a se*. O Cristianismo é a religião dos bons, dos grandes, e dos scismadores. Quem escreveu o prologo do *Parochô da Aldeia* e tam coloridamente desenhou o suave vulto do

(1) Opusculos, III, pag. 66 da 1.ª edição.

presbítero campestre, não podia deixar de ter uma sensibilidade profundamente cristã. Na *Voz do Profeta*, em estilo bíblico, revela-se um conservador em política, conquanto um inovador em literatura. Nasquelas admiráveis páginas sente-se a alma eloquente de Lamennais. A *Harpa do Crente*, essa tem a inspiração religiosa, ai o pensador ajoelha devotamente. A fé não tem olhos, quem quer ver não tem fá. É verdadeiro o dito de Pascal: «O coração tem as suas razões que a razão ignora».

Escrive Herculano: — «Como a florinha do campo, a alma por onde passou a procela da filosofia, esse turbilhão transitório de doutrinas, de sistemas, de opiniões, de argumentos, pende desanimada e triste; e na claridade baixa do scepticismo, que torna pesada e fria a atmosfera da inteligência, não pode aquecer-se aos raios esplêndidos do Sol dumra crença viva. Com Kant o universo é uma dúvida: com Locke é dúvida o nosso espírito: e num déstes abismos vem precipitar-se tôdas as filosofias. A árvore da ciência, transplantada do Eden, trouxe consigo a dor, a condenação e a morte; mas a sua peior penónha guardou-se para o presente: foi o scepticismo.

«Feliz a inteligência vulgar e rude, que segue os caminhos da vida com os olhos fios na luz e na esperança postas pela religião além da morte, sem que um momento vacile; sem que um momento a luz se apague ou a esperança se desvaneça! Para ela não há abraçar-se com a cruz em impeto de agonia, e clamar a Jesus: «Creio, creio, oh Nazareno! Creio em ti, porque a tua moral é sublime; porque eras humilde e virtuoso; porque filho da raça sofredora e austera chamada o povo, eras meu irmão, e não podias, tão bom, tão singelo, tão puro, enganar teu pobre irmão. Creio, creio, oh Nazareno! porque até à hora de espirar na ignomínia, até à hora da grande prova, nunca desmentiste a tua doutrina. Creio, creio,

oh Nazareno! porque tu só nos explicaste o mistério desta associação monstruosa da saude, do ouro, do poderio e dos crimes a um lado, e a da enfermidade, da pobreza, da servidão e da inocência a outro; porque nos explicaste como os destinos humanos se compensavam além do sepulcro. Creio, creio, oh Nazareno! porque só tu soubeste revelar a consolação à extrema miseria sem horizonte, e os terrores à completa felicidade sem termo na vida, colocando no lugar do destino a Providência, e do nada a imortalidade! Creio, creio, oh Nazareno! porque a intensidade do teu viver é um impossível humano; a vitória da tua doutrina severa contra a filosofia e o paganismismo, um milagre; a gloria do teu nome de supliciado, maior que tóclas as glórias das mais altas e virtuosas inteligências do mundo.»

O trecho que acaba de lêr-se é bem uma profissão de fé do poeta que canta:

Ó morte, amiga morte!  
Quebra duras prisões que a natureza  
Lançou a esta alma ardente,  
Que ela possa viver por entre os orbes.  
Aos pés do Omnipotente.

Quem, como Herculano, estudou e usclareceu a Idade-Média, devia ficar cristão, se ainda o não fosse. O direito canónico exortado no direito romano é que faz a emancipação dos povos. O Catholicismo medieval é, ora o bordão, ora o chouço que está sempre ao lado do débil contra o forte, do oppresso contra o opressor.

Na monumental *História de Portugal* não fala, no primeiro volume, no milagre de Ourique e dera a esse combate o insignificante valor militar que élle tinha. Isso ofendeu o patriotismo de alguns padres menos discretos. O milagre existia gravado na nossa bandeira por uma tradição plurissecular. Houve pro-

longada polémica e essa polémica cansou e azedou a Herculano. A obra de Alexandre Herculano tem sido apreciada por diversos escrivores nacionais e estrangeiros como o mais belo monumento literário de Portugal no século XIX. O seu trabalho histórico, em que a paixão turvo a limpidez do juízo com menoscabo da justiça, foi a *Origem e Estabelecimento da Inquisição, tentativa histórica*. A análise feita, em seguida à publicação do livro, por Sousa Monteiro, um amigo e admirador de Herculano, revela uma alta capacidade crítica que a probidade de Herculano deixou passar, em silêncio, por homenagem à verdade histórica. O grande historiador ficou assaz contuso. Depois dessa obra de Herculano apareceram áceras da história publicações que são uma tristeza pela paixão sectária que as inspira. Por exemplo a *História de Portugal* de Oliveira Martins é livro escrito num ponto de vista pessoal e azedo, contra a instituição monárquica e contra a Igreja Católica. É uma diatribe contra o sentimento da verdade e contra o sentimento da pátria, em estilo facetado, de folhetim avariado, indigno dum cultor da austera musa Clío. Na idade madura, Oliveira Martins arrependeu-se e retratou-se escrevendo obras sérias.

No festival da comemoração do centenário do nascimento de Alexandre Herculano fizeram-se e publicaram-se diversos trabalhos literários, entre os quais avultam os seguintes: *Discurso pronunciado na sessão solene de 28 de Março de 1910, por Consigliero Pedroso na Academia Rial das Ciências, o Panegírico de A. Herculano*, que na sessão solene, na noite de 4 de Abril de 1910, celebrada em sua homenagem pela Escola Politécnica, leu o professor Baltasar Osório; *Alexandre Herculano, historiador*, conferência celebrada no liceu Central de Coimbra pelo professor Fortunato de Almeida. O trabalho

deste insigne professor é um dos mais meritórios da comemoração, pela agudeza da crítica e pela elevação do pensamento. Fazendo judiciosa reserva, não poupa aplausos. Os avaros de louvores evidenciam que são pobres de merecimentos.

Criticos escassos de sinceridade chegaram a insinuar que Herculano poetava contra a vontade das musas, quando ele foi acima de tudo um profundo poeta. O mais belo e mais completo livro ácereo do maior português do século XIX, feito para comemorar o seu centenário natalício, 1910, é o volume de José Agostinho, intitulado *Alexandre Herculano*, cujo conteúdo patenteia a sólida obra rutilante, o carácter de bronze e o coração de ouro dêsse nobre corifeu elevado romantismo peninsular. D. António Sanchez Moguel e José Agostinho envergam a mesma toga no tribunal da crítica para galardoar Herculano. José Agostinho, pela justeza dos conceitos e pelo minimo do estilo, esculpiu um fino medalhão, conseguindo emoldurar indelevelmente o inconfundível perfil do poeta do *Eurico*. E o juízo dum crente prestando culto a outro crente. Herculano, não obstante as suas heterodoxias, declara solenemente, no seu testamento, que querer morrer no seio da Igreja Católica.

O seu opúsculo *Instrução Pública*, talvez o mais profundo e reflectido de quantos escreveu, constitui para uma sociedade o ideal intelectivo e moral de Herculano. Como historiador completo, ele nunca comprehendeu a existência da civilização fora do Cristianismo. Eis as suas palavras como pedagogo: «A educação moral da infância, quásí que diríamos da generalidade dos homens feitos, não deve nem pode ser senão a que nos oferece a religião. No catecismo religioso está para ela toda a moralidade possível, e só a moral que se liga aos afectos mais santos do coração, às nossas relações com o céu, e às

nossas esperanças além da morte, é inteligível, porque só ela sabe dar razão da sua existência. A moral da filosofia é suave e pura como uma destas estátuas de mulher que se encontram sobre os campas dos antigos sepulcros: é formosa, mas é gélida e insensível: vêmo-la, passamos e esquecemos-la. A moral filha da fé assemelha-se à virgem, cheia de mocidade e virgo: vêmo-la, e não a esquecemos. Ela nos acompanha na peregrinação da vida, porque as promessas e ameaças de Deus nos fazem voltar os olhos de contínuo para a sua imagem. Guardai as vossas doutrinas de sábios para o orgulho da ciência: para os pequenos e ignorantes, basta o catecismo. O Evangelho é mais claro e preciso que os volumes escritos de todos os filósofos desde Platão até Kant: a moral que não desce do céu nunca fertilizará a terra.

E acrescenta ainda: «É nossa opinião que nesta parte do ensino geral, tanto elementar como superior, senão admitta mais do que um bom catecismo e a Bíblia, para que logo na infância se não incuta aos homens a errada ideia de que é possível separar duas coisas que realmente são uma só — religião e bons costumes».

Esquecendo as palavras resplandecentemente arcanhílicas dos nossos grandes escritores de outrora, continuamos assentados ao horralho da nossa inconsciência, lendo a prosa ímpia e dissolvente do realismo contemporâneo.

As flores do génio étnico de Herculano não devem emmurchecer na alma nacional. Nêle o espírito de escola não subjuga o temperamento. Diz o adágio: *Da lasca pelo pôr, se conhece o pescador.* Goethe era um génio pagão, tinha a idolatria da Psique alada, não gostava de ouvir os sinos e desagravava-lhe as cruzes erguidas nas estradas. Herculano, ao contrário,

adorava Cristo, deleitava-se com o toque dos sinos e com a poesia das cruzes até quando mutiladas. Herculano foi o maravilhoso evocador das energias mediévicas que criaram a pátria portuguesa. E o Portugal da 1.<sup>a</sup> dinastia e a aurora da 2.<sup>a</sup> que él amou, fazendo-o ressurgir, vivificado, da poeira obscura dos arquivos. E o Portugal religioso, bélico e monárquico que se ergue para a história da veltuséz dos pergaminhos em que jazia sepultado. E a alma portuguesa ressuscitada pelo génio de Herculano cuja força, através da sua obra, sentimos actuar nos mesteiros, nas ermida, nas capelas, nas fortalezas, nos campos de batalha, nas terras semeadas de pão, enfim, no ideal que move o coração dos seus filhos obscuros e dos seus senhores sublimados.

Parece que a obra literária e a vida de Herculano tem uma analogia frisante. Por um misterioso motor psicológico, a vida nacional, no período em que él estudou, e a sua alma de poeta estavam como que unificados profundamente, por uma simpatia poderosa e por um mesmo ideal transcendentie. A harpa do poeta, a lança do soldado e as cogitações do filósofo compeliram-no a sonhar no luminoso ressurgimento dum pária austera, como él se enxergara nas brumas da Idade-Média. A desilusão foi cruel e a Voz do Profeta é um eco do seu desalento e da sua amargura. Era moço e forte, por isso resistiu por algum tempo, mas o inverno desdobrou as pregas do seu escuro manto enrugado pela ventania.

A rigidez moral de Herculano nunca podia dar um político, por isso diz conceituosamente José Agostinho: «Deputado, pretendeu expor ideias e viu-se numa atmosfera de palavras».

Foi então pedir gasalhado à pátria rural contentando-se com a áurea mediocridade do seu austero lar, certo de que acharia uma hospitalidade escocesa, nutrindo-se com o pão que semeasse, aquecendo-se

com a lenha que fendassem e alumniando-se com o azeite que fabricasse. Ainda aí, sem embargo dos altos tributos de veneração que recebia, receava da maldade dos inteligentes e da bondade dos ineptos. Contra a iniqüidade a sua cólera rugia e o seu olhar alargava-se como uma fulguração de revolta. Cá fora, nas cidades, o articulista, como báio sendeiro de carreta, dirige viajas entre as baixas do jornalismo. Muitas vezes os jornalistas são homens sem reputação e que se ocupam em fazer e desfazer reputações. O orgulhoso português irritado acolheu-se sobre a égide da divisa de Descartes : *Bene vici, bene qui latuit.* Aborrecido dos homens, encerrou-se numa gândara extremenha, acabando ai os seus dias, em 13 de Setembro de 1877.

\* \* \*

O critério liberalista na história de Portugal, assim como na de França, condena sem piedade todos os factos e sentimentos que recuam conformar-se com os preconceitos do liberalismo. Esses historiadores atacam todo o governo moral dos homens, porque ofende a *liberdade de consciência*. Desta sorte, a Revolução condena o emprego da força para melhorar o indivíduo, porque isso ofende a liberdade.

Os dogmas da revolução são o instrumento destruidor da ordem jurídica e moral, o dogma da *liberdade de consciência* destrui o princípio da autoridade espiritual; o dogma da *soberania popular* destrui o governo temporal; o dogma da *igualdade* destrui o princípio da hierarquia social. Com efeito, estes dogmas não encerram senão o germe da ruína da sociedade.

A Igreja, como representante da autoridade espiritual, é a mais alvejada pelo ódio revolucionário;

porque ela obsta a que o homem livremente procure a verdade, afirmando solenemente aos fiéis : — a verdade ortodoxa é esta ! Dai a guerra sem quartel feita à Igreja, como depositária do Cristianismo organizado, e como farol do princípio da autoridade. O historiador liberalista está sempre do lado do rei contra a Igreja, do vassalo contra o rei, do cristão herético contra o católico, do judeu contra o cristão herete.

Como filósofo ego-centrista, o seu alvo é a absoluta liberdade individual, conseguintemente a desordem doméstica e pública. Tais ideias foram moda : *Nuo more fastidiorum vestitus est.* As impiedades, as blasfemias, os sacrilégios praticados pelo estrangeiro do interior tem sido tão-barbaros que até as ossadas dos nossos heróicos antepassados lão estremecido, sob a cruz, nas sepulturas, parecendo-lhe que a sua pátria se tornou em demolação.

O ceticismo, dizia Magalhães Lima, numa conferência maçônica : «é o micrônio endémico da sociedade, o qual necessitamos destruir». O ceticismo já está em Portugal desterrado do ensino público e particular. No entanto ele era necessário, independentemente do seu altíssimo valor moral, como simbólico elemento intelectivo para o entendimento da história, da literatura e da arte. A nossa vida nacional é toda cristã e o Estado hodierno priva os seus subditos dum património comum de cultura patriótica, exigindo, justamente, ao mesmo tempo, o estudo das religiões grega e latina para compreender essas duas grandes civilizações.

Cristianismo e liberalismo estão em conflito permanente ; a liberdade para o liberalismo consiste em escravizar o seu semelhante, e para o Cristianismo em servi-lo como irmão.

*Não é a soberania subjetiva da consciência indi-*

vidual que fêz a nossa pátria grande, é a soberania objectiva da Lei do Altíssimo, vivendo na alma cristã dos nossos cavaleiros dos *Lusitâas*, encoroadados por Camões a El-Rei D. Sebastião :

Os Cavaleiros tende em unius estima;  
Pois com seu sangue intrepido e ferventes  
Estendem não sómente a lei de Cima,  
Masinda vosso império preminent.

A história escrita pelos historiadores revolucionários constitui uma escola de dissolução ética e um exercício de revolta espiritual. A lição de história deve ser sempre uma lição de patriotismo e de moral. Ensinase um patriotismo verbal, mas cheio de ideias contrárias aos sentimentos e aos factos históricos de Portugal, desde Afonso Henriques, herói da monarquia, até ao seu sepulcro de 5 de Outubro de 1910. Querem a história do povo, dizem êles, e não a história dos reis. Esse povo significa o pobre contra o rico, o operário contra o burguês, o plebeu contra o nobre, o governado contra o governante, enfim é uma apologia constante da rebelião. Querem só a história dos que não tiveram papel importante no drama nacional, mas êsses simpáticos actores são obscuros, combateram pela pátria e pela cruz, e as suas ossadas jazem debaixo das lousas mudas, nos pavimentos e nos adros das suas amadas igrejas. O sentimento da imensidão do olvido, onde se abismam até as propriedades humanas, não os angustiou em vida, elas morreram confiantes, esperando um galardão mais alto & eterno: *At statum oblitioris est gravis.*

Os historiadores liberalistas tem a pretensão ilançosa de não julgarem o passado senão pelas ideias de cujo mérito êles são os pregoeiros. Desprezam a experiência histórica e a tradição ao julgarem as instituições do passado, para atenderem sómente à razão

filosófica. São uns enfatudos que se colocam acima de todos os séculos, arrogando-se juízes dos grandes homens do passado. Eles a julgarem no seu tribunal o majestático cortejo dos nossos trinta e quatro reis, autores reais e simbólicos da nossa pátria! Outros pedagogistas fazem-se apóstolos da história das instituições. A história das instituições, que é dum alto interesse, assume um carácter especial: a história no ensino primário e secundário deve ser política e militar, porque é o único ensino que ministra os elementos essenciais sobre a formação e o desenvolvimento da nação portuguesa.

O vinho de França embriagou quase todos os nossos escritores. As penas fascinantes de Oliveira Martins, de Eça, de Ramalho, de Fialho, atacam brilhantemente os ridiculos, mas fazem a apologia do vício, escarnecem da virtude e aplaudem as misérias doutras. O Estado, a disciplina pública e particular, a família tradicional, a religião, são vítimas constantes das suas setas ervadas, e é essa a condição do seu êxito, enquanto que os nossos escritores clásicos, João de Barros, Damião de Góes, Rodrigues Lobo, António Vieira, defendem o rei, a família, a pátria, a religião, tecendo hinos à grandeza nacional. Os primeiros são obreiros da desordem, os segundos da obediência à autoridade.

A reacção dos escritores patriotas começa a fazer-se, a dos convertidos avolumar-se, e o seu efeito será salutar e fecundo. Também os hidiondos apóstolos Lutero e Calvino geraram a heresia, que nos valeu, ao menos, a Companhia de Jesus. Começa a rasgar-se o véu. O escuro Leviathan da Revolução Francesa pelos seus principios e pelas suas doentias consequências gerou a clara verdade dos desenganos. Foi a baleia enferma, que guarda nos intestinos o excremento solidificado, durante anos, para o transformar em âmbar cinzento, assim de per-

fumar a geração actual de lutadores que com o seu *dilecta* estão despertando toda a raça latina da funesta letargia da ilusão.

Quem segue a razão individual e desampara a razão plurissocial e a experiência colectiva, é um transviado que saiu da estrada e necessita voltar a ela, vem cansado e ferido dos silveiros e barranços, mas almeja pelo restabelecimento das antigas fórgas. O termo próprio chama-se *racção*, pois que o dever de um doente é reagir, retroceder até à saúde. Com efeito, é previso: *re cuer pour mieux sauter*.

O ideologismo revolucionário no seu verbo agreste é como a videira brava que dá muita para e nenhum fruto. Lisonjeia o individual e desconhece os méritos da nação e da raça. A sua obra ainda que aparatosamente ingrata. O tesouro da energia acumulada pelos mortos não se exaure; a tradição é uma prova de que apenas se produz um renovamento incessante da vida. Essa é a lei orgânica das sociedades na sua continuidade histórica. O historiador é um magistrado que presta no altar da lei o culto sagrado da justiça. Os historiadores assecas da ideologia revolucionária, ao descreverem a vida social dum povo nado e criado, sob a árvore do Catolicismo e da monarquia orgânica, impelidos pelo espírito de propaganda da sua seita, fazem história anti-patriótica. A acção de padres e de reis que é uma realidade constante na tecitura dos factos, assume para estes historiadores a significação dum sentimento execrável. Actuam como servos dum maçonismo internacionalista, perdendo a consciência do sentimento da pátria. E esse vírus mental é, entre nós, anterior às revoluções de 1820 e de 1834. Os maçons portugueses que em Lisboa hiperdulcavam a deusa razão, conseguiram fazer eleger, em 16 de Novembro de 1808, sócio honorário da Academia Rial das Sciências ao general Junot. A insinuação das lojas ia ainda mais longe, queriam

elevar a Presidente da Academia o indouto representante de Napoleão em Portugal, o verdugo da nossa pátria.

Como pregoeiros da subjectividade anárquica do otentianovismo esfalsam-se por laçar essa semente desorganizadora nos julgamentos do terreno do passado, injuriando as gerações que nos precederam. Uma semelhante propaganda anti-nacional, saída em gorgolão da virulência viscosa do maçonismo é que tem empeçado há um século o carácter português, tornando-o um largo cemitério moral.

Para deslubar a nossa história, tão manchada, tão deminiuida, tão pervertida pela mente sectária durante um século de racionalismo deambulatório, necesita o espírito restaurador de trabalhar com energia virípotente. Para erguer do chão as ruínas de Teófilo Braga, na história literária e na história pedagógica, é necessário uma tarefa radical de renovação. O nosso volume os *Educadores Portugueses* foi um antídoto que a mentalidade liberalista afastou.

Na história da acção social da Companhia de Jesus o sectarismo atribui-lhe as ideias que ela mais tenazmente combateu. Afirma que ela queria escravizar o homem, quando foram os doutores da Companhia os arautos do movimento intelectual do século XVI, defendendo o livre-arbitrio contra a predestinação dos teólogos protestantes, depois em política foram os defensores do direito nacional contra os abusos do direito dinástico e da *pólestas regalias*.

Na ebullição mental da Renascença aproveitaram o que havia de salutarmemente vivificador, criando as *Humanidades* e a disciplina pedagógica para coordenar e dirigir cristãamente a civilização. Pois é a estes incansáveis legionários da desenvolvida intelectiva e moral na Europa e no Ultramar que os nossos historiadores liberalistas atribuem a fautoria do declínio de Portugal!

Não há nada mais falso nem mais injusto. Os ardentes inimigos da Companhia : protestantes, jansenistas e enciclopedistas, empilhando acusações fizeram fantasiosamente dos filhos de Santo Inácio uma fonte transbordante de maldade. Bem sei que os termos mais difíceis de definir na Ética dos povos são os monossilabos *bem* e *mais*. A vasta filosofia dos Jesuitas tem sofrido bem estranhas interpretações !

A história sectária acusa impudicamente os Jesuitas de nos entregarem ao domínio da casa de Áustria. Não há calunia mais insubsistente. Os Jesuitas defendiam acaloradamente os direitos do Duque de Bragança, desdenharam das pretenções do filho da Pelicana e foram honrados com o implacável ódio dos Filipes. O Duque de Bragança, sem desistir expressamente dos seus direitos à coroa, entendeu não dever fazê-los valer para não danificar a causa da independência da pátria, sustentada com as armas na mão pelo filho da Pelicana.

O Grão-Prior malter, conhecido por D. António prior do Crato, era filho da formosa hebreia Violante Gomes por alcunha a Pelicana. Este filho bastardo do Infante D. Luís encarna o tipo das classes elevadas da salaz Renascença pagã — bravo, ilustrado e corrupto. Fôru discípulo de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, porém do mestre aproveitou a cultura, não a fé. Era este pretendente auxiliado pelos judeus, pois contavam eles que o filho dum a sua raça, feito rei, lhe outorgaria largo patrocínio. Lutou com energica tenacidade, mas nem os seus famosos diamantes, nem o ouro dos judeus, nem a valiosa ajuda de França, nem a armada do almirante Drake e do Conde de Essex conseguiram colocar-lhe a coroa na cabeça. Frequentemente o condenado por uns, é corrado por outros. Há quem diga que o Prior do Crato não triunfou como o Mestre de Áviz por falta de sorte. A sorte é um deus sisudo que os homens acusam

constantemente, porque ele não responde. O Mestre de Áviz triunfou porque a sua geração possuia a fé cristã da austera Idade-Média, o Prior do Crato caiu vencido, porque a sua geração possuia o sentimento pagão da corrupção Renascença. No entanto se a desfornita merece perdão, o enodado D. António deve estar clarificadamente quito e com a justiça emmanente das causas.

O individualismo que desvincula os homens dos seus predecessores históricos e que os desvincula socialmente entre si, não tem a sua *sôns et origo* sómente na Revolução Francesa, provém da Renascença que depreou e difamou as orgânicas e disciplinadoras sociedades medievais, alimentadas e robustecidas pelo nobre ideal cristão. Do individualismo desagregante nasceu o zotismo libertino e liberal que desaguimando todas as paixões ruins, assola e aniquila as nacionalidades. Aretino, Lourenço Valla, Poggio e Rabelais foram nesta devastação libertina os primários mamposteiros de Satanás. O império literário conquista vassalos. Na ação estética convém que o individualismo intelectual não se afaste do sentir tradicional da raça e não se desvie da alteza do carácter pâtrio.

\*

O ideal mais forte dum nacionalidade é o que resume e condensa o longo esforço de gerações contínuas, mantendo as energias nativas da raça, os tesouros do pensamento e das acções morais, que inspiram os poetas e inflamaram os historiadores, arauto da grandeza dum povo.

Em verdade, o prestígio da tradição vale muito, porém não basta. É necessário seguir atentamente o movimento ponderado, que se desenha no horizonte dos povos cultos. Uma nação não pode, sob pena de morte, renunciar

aos elementos básicos da sua raça e da sua constituição histórica, mas também não pode ser avessa à força de desenvolvimento, à ideia de perfectibilidade. No escoital duma Pátria deve haver uma corrente conservativa, que não tombe em retrógrada, ao lado dum corrente progressiva que não degenera em anarquista. Uma repentina e radical inovação gera a desordem, e só por um retrocesso pode encontrar outra vez a ordem. Este facto está patente a todos os espíritos que não padecem a desmemória da história.

Estudemos a história, que é a grande criadora dos novos caracteres, desenrolando-nos o drama empolgador da raça, o enlace dos nossos antigos sacrifícios heróicos e das nossas aspirações modernas, transmitindo-nos o germe de todos os nossos ideais.

Incontestavelmente o ensino da história é o alimento pedagógico mais próprio para a formação moral da juventude, ensinando no decorrer das idades o sentimento da abnegação e o sentimento da glória; mas a história, para ser mestra da vida, necessita ser discípula da verdade, rejeitando portanto o critério revolucionário que debaide pretende suprimir a realidade histórica.

O primeiro artigo da *Declaração dos direitos do Homem* diz que o homem nasce livre. Assim faz voltar o cidadão do século XVII ao estado selvagem, idealizado pelos literatos, escorchanhando-o dos antecedentes históricos, dos laços da família, dos princípios da religião, das associações corporativas, da tradição nacional. Desta sorte o Liberalismo representa a surreição do cidadão contra a pátria, do indivíduo contra a sociedade. É isto, segundo o Liberalismo, que princípio da emancipação dos espíritos, da reivindicação do direito individual, é a teoria da dignidade humana.

O historiador liberalista peleja em favor da *dignidade humana* em todos os lugares do tempo e do es-

paco. Aplaudie Verres e Catilina contra Cícero, Luíther e Calvino contra o Papa Leão X, Cromwell contra Carlos I, o parlamentarismo contra Cromwell, Robespierre contra Luís XVI, o *thermidor* contra Robespierre, Buçca contra El-Rei D. Carlos e contra o inocente Príncipe D. Luís Filipe. E sempre a rebulião do administrado contra a autoridade, o sentimento da inveja do inferior contra o superior.

Não se aplaude, em regra, um homem de Estado, sobretudo, se ele é rei ou nobre, ou mesmo quando é plebeu, primeiro por inveja a todas as Personagens que sobressaem, segundo porque representam o princípio da autoridade, inimigo da liberdade democrática; aplaude-se sempre, em a narração dos grandes feitos históricos, os revoltados, os herejes e, acima de todos, o povo anônimo que personifica a soberania e a igualdade.

O estudo desejo do livelamento egualitário pretende destruir a nobreza, reduzindo a sociedade a um con-fuso aglomerado, nutrido de apetites e de cubigas, isto é, regressar da civilização ao nomadismo. O que molesta a vaidade do individualismo democrático é a ideia da herança do mérito. Evidentemente o mérito é uma riqueza moral que se adquire pela prática de ações de valor em prol da colectividade, porém uma vez conquistado é uma nobre propriedade de quem a adquiriu, e deve ter o seu dono tanto direito a transmiti-la aos seus filhos e aos seus netos como qualquer propriedade material. Um laborioso industrial afadi-gou-se a amontoar grossos baveres e pode transmiti-los ao seu filho. Nun'Alvares honrou-se em proveito da colectividade, vencendo as batalhas dos Atoleiros, de Aljubarrota e de Val Verde e conquistou a riqueza moral do título de Conde de Ourem, é porque não há-de poder deixar esse título a seu filho?

Devem por ventura os filhos dos heróis ficar numa

situação subalterna aos filhos dos homens vulgares?

Pois parece que o culto da glória deve ser superior ao culto da riqueza e até para permanecer como exemplo de admiração e alvo de estímulo para os vindouros. O sentimento da transmissão da honra é tanto da natureza humana que se impõe como uma insosfismável lei das sociedades civilizadas quer se estude na genealogia mitológica dum Júlio Cesar em Roma, quer num *livro de ouro* dum doge de Veneza. Urge opor à invejosa democracia revolucionária a demofilia cristã que quiere na ordem moral igualar, sem exceção de nenhuma classe, todas as almas. Sem abaxiar nenhuma, eleva a todas pelo chamamento unívoco ao exercício de todas as virtudes evangélicas, criando pelo império da caridade uma nobreza harmônica na Terra e que no fim da vida consiga gozar a alteza da harmonia no Céu.

Em verdade, como disse alguém, os porgaminhos nobiliaríquicos são o depósito de muitas quimeras vernerandas e de muitas imposturas uteis.

Um sectário do *Liberalismo*, a escrever história, pretende aplicar o critério negativista aos factos fundamentais, aos elementos organizadores da vida nacional. Em Portugal as duas instituições construtoras da nossa pátria foram a monarquia e a Igreja: uma representa, para a vida humana, o interesse natural, outra o interesse sobrenatural, ambas conjugadas constituem a estrutura da nossa vida histórica. O historiador liberalista é, por essência da sua doutrina, adversário da Igreja, podendo tolerar, como fantasma provisório, a monarquia. E tem razão dentro da sua teoria destruidora, visto que a Igreja é o seu adversário formidável, como alicerce e força orgânica de toda a ordem social. Há, por exemplo, um conflito de jurisdição entre El-Rei D. Sancho I e o Bispo do Porto; o historiador liberalista está sempre do lado do Rei contra o Bispo; há uma divergência de domínio entre o despótico ministro de D. José I e a

missionária Companhia de Jesus, o historiador liberalista está do lado do ministro contra a Companhia, insensível ao suplício do inocente Padre Malagrida; mas dá-se no reinado de D. Manuel I a expulsão dos judeus e mouros forros, e depois o sangrento alvoroto do povo de Lisboa contra os judeus, o historiador liberalista está do lado do judeu contra o rei e contra o povo. A sua falsa teoria torna-lhe o manejo da pena anti-nacionalista.

No reinado de D. Sebastião é ferozmente trucidado no alto mar o benemérito Padre Inácio de Azevedo, jesuíta, e os seus 40 companheiros pelos corsários calvinistas, com requintes de barbaridade, um por um, sacerdotes, estudantes e irmãos leigos. O historiador liberalista, se não ousa aplaudir o sicário hereje, cala-se criminosamente para não louvar êsses educadores infatigáveis, êsses heróicos patriotas, missionários do Brasil, martirizados. Ao mesmo tempo convém-lhe êsse silêncio para deixar, na sombra do impune esquecimento, a canibalesca atrocidade do herje francês.

Até o silêncio acerca do nome de Jesus-Christo entra no sistema, sem embargo da demonstração, copiosa de provas, feita pelo insuperitíssimo Renan, sobre a individualidade histórica do fundador do Cristianismo. Houve em Portugal um professor notável que escreveu um *Compendio de História Universal para o ensino secundário*, o qual foi aprovado oficialmente e adoptado em quase todos os liceus do Reino durante o último quartel do século XIX, e nessa história universal não se escreve uma única vez o augustu nome de Jesus Cristo, o nome mais importante da história da humanidade. O autor desse compêndio fôr Consiglieri Pedroso, um homem muito inteligente, muito culto e muito bondoso, mas era sectário maçónico e republicano. Sendo nós aluno d'ele, um aluno benevolamente acolhido, com o ouvio dos vinte

anos dissemos-lhe que tínhamos verificado esse caso e perguntámos-lhe o motivo de tal silêncio. Ele respondeu-nos, soridente, que esse silêncio obedecia a um sistema, pois que esse nome não era um facto histórico, mas um mito; porém nós objectámos-lhe que a sua história referia numerosos mitos da antiguidade oriental e da antiguidade clássica, ao que élé redarguiu que esses mitos não influiam nada na sociedade moderna, o que não sucedia com o Cristianismo.

A Igreja em Portugal tem sido o arquitecto do edifício de toda a nossa glória. Todo o alto patriotismo está escrito em pergaminhos cristãos. E não aparecem escravos com a tentativa burlesca de pretenderem deschristianizar vultos como Nun'Álvares e Camões? E é óbvio que esse impudico sectarismo se torna perigoso, quando difundido em almas ignorantes e suggestionáveis como são crianças e adultos.

O Liberalismo considera a Igreja como o primeiro inimigo. Sem dúvida tem havido abusos na Igreja. Ela é de origem divina, mas tem administração humana. Permanece irrepreensível no seu dogma e na sua moral, todavia os seus ministros não o tem sempre sido nos seus costumes. Houve mosteiros desregrados, onde a vocação se reduzia ao hábito. Houve pontífices imerecedores da tiara e bispos indignos da mitra, tem havido párocos simoniacos e sacerdotes desonestos. Em nome da Igreja tem-se cometido iniquidades evidentes. Mas? de que nos espantamos? Os homens são entes livres e fracos: livres em seguir o bem ou o mal, fracos para praticar a virtude e fugir do pecado.

O Cristianismo encaminha a liberdade, não a anula; a sua doutrina vem em auxílio da fraquezza mas não a elimina. O apostolado católico lembra incessantemente aos fieis o dever imperioso e salutário de fazer o bem, porém não os compelle, se áles forem obstinados. Aconselha ardenteamente as consciências,

mas não suprime as vontades. Querer que não haja abusos, seria exigir que os homens não fossem fracos nem livres, isto é, que não fossem homens, o que é uma pretensão absurda.

O historiador sabe que o Catolicismo não surgiu ontem, vive e reina, há vinte séculos, e tem muitos milhões de prosélitos; pois não é para estranhar que em tão dilatado tempo e entre tantos milhões de crentes se possam indicar algumas faltas. E na representação de tão majestoso drama, teve homens por protagonistas e o globo inteiro por proscénio. Que admira que houvesse alguns defeitos? Aos olhos do odiente sectário, os esplendores do Catolicismo, instituição única, com serviços inegualáveis na vida da humanidade, a sua história reduz-se a alguns abusos verídicos e a muitos crimes inventados. Cegos sectários! Do vasto oceano só vêem a espuma, do imenso Aquiles da eterna Ilada só vêem o calcanhar!

Tirai do mundo a fé religiosa e a vida ficará sem um valor elevado, as ideias torrar-se-hão aberrações omnimas, os sentimentos, egoismos desvairados, e a sociedade ficará reduzida a um aristofanismo degenerado, a uma baixa comédia. O culto público à Divindade é a armadura moral dumha nação e que a cinge robustamente em todas as veredas da cunhada do seu destino. E a fé religiosa ainda, que guarda as reservas da vitalidade que dormem no recôndito seio da pátria e que acordam em todo o momento grave, quando a necessidade imperiosamente confrange.

É óbvio que a sociedade portuguesa está invadida por uma lepra crescente que ataca as fibras morais da raça. Os sonhadores do Liberalismo, esses falsos filódeos, que, com as suas delirantes quimeras imaginaram criar um novo direito e uma nova justiça, apenas conseguiram envergar os intentos claros e

enovellar os principios seguros que nortearam o glorioso caminho da nossa pátria.

Enquanto o carácter nacional é bom, a nação vive, quando decai, perde-se. Desde que se não preste culto às virtudes da veracidade, da justiça, da honradez, da fé, a nação afunda-se. Quando essas virtudes aluidas pela corrupção revestirem o aspecto de cossas velhas do passado, a única esperança de salvamento será a restauração do carácter nacional, e se essa restauração for irremediável então nada restará que, com justiça, mereça salvar-se.

## CAPÍTULO V

**A literatura e o seu influxo social. Conceito do amor. Conceito do belo. O romance e o teatro. A leitura.**



estado presente da alma portuguesa provém da acção literária, jornalística e liberalista dos últimos cincuenta anos.

Os nossos grandes escritores românticos sofreram a epidemia do liberalismo, mas conservaram-se cristãos e portugueses. Os que lhe sucederam eram pagãos e estrangeirados, passando a vida a zombar, a derruir. Eça, Oliveira Martins, Ramalho e Fialho foram na prosa os capitães da quadrilha. Oliveira Martins na primeira fase ridicularizou e amesquinhou todas as grandes figuras da nossa história.

Foram achincalhados os nossos reis, os nossos santos, isto é, o respeito da autoridade e da virtude. A burguesia, a nobreza, a própria ciéte do fim do século XIX só queriam rir. A pena do escritor e o lapis do caricaturista convertem-se em fúmen de sarcasmo. Escarneceu-se da religião, difamou-se a Igreja, motejou-se da piedade, zombou-se das glórias patrias, chasqueou-se da pureza e da vernaculidade da língua, enfim caçou-se de todas as graves tradições.

Eça de Queiroz, na pompa das suas descrições, além de injuriar a tradição nacional, foi um quadri-

lheiro do pudor que em pormenores microscópicos, foscamente, desenhou e coloriu o muladar da animadade humana. Diz Teófilo Braga que Eça «sacudiu de si a marca da mediocridade que a tatuagem da Universidade lhe imprimiu com o título de *bacharel*. Teófilo e Eça, ambos filhos intelectuais da Universidade de Coimbra, escarneceram de sua mãe dum modo descarado e crú.

Teófilo Braga dizendo-se positivista, que é uma filosofia construtiva, actuou sobretudo como negativista, como pregoeiro revolucionário.

O próprio Antero de Quental, na sua refúgia inteligência, com as suas noções abstractas contra a fé da nossa raça, com o seu scepticismo doentio, deu ao seu ideal um carácter esterilizante e mortífero. Só o negrume do pessimismo e a baixezza do materialismo ou da idolatria panteísta é que nos lançam no desespero e no crime. A vida que cultiva a alegria honesta é bela. O Cristianismo, na alegria, embala todas as almas de ridente esperança e, na dor, fortalece o desejo de viver com a disciplina da resignação.

Vivi com ástes homens, sofri de vez em quando a sua influência, mas sempre fiz sentir que queria viver e morrer: «ouvindo o credo velho ao padre cura».

Se o veneno desses homens e seus sequazes pudesse ser sepultado, a nação poderia erguer-se, procurando a vida na tradição. Esta é a verdade: *Sublata causa tollitur effectus*.

Não há sociedade sem autoridade, e a autoridade impõe-se aos espíritos rectos pela persuasão e aos torcidos pelo temor. Só a educação pode criar um ambiente de obediência, fortalecendo os espíritos rectos e corrigindo os espíritos tortos; e esse ambiente tem de ser preparado pela acção directiva da religião, da ciência e da arte. A arte nunca é estranha à sociedade como pretendem os perniciosos ideólogos da arte

pela arte. A arte é, indirectamente, sempre um elemento social construtivo ou dissolvente.

O senso estético dirige-nos para a beleza, a consciência moral dirige-nos para o bem. O artista que não realiza a harmonia, entre estes dois poderes, é um indisciplinado que espalha a anarquia dissolvente nas almas e a corrupção na sociedade. O individualismo artístico, sem ideia objectiva do conjunto, considera a sinceridade como o único fundamento de toda a obra estética. Esta selvaginea sinceridade é análoga à do revolucionário e à do criminoso que os tribunais necessitam punir. A arte pela arte é um deleterio embuste. Oscar Wilde foi nos tribunais ingleses condenado, sofrendo dois anos de trabalhos forçados, (*hard labour*) pela sua obra corruptora dos costumes. A sua *Salomé* era representada com aplauso em França por Sara Bernard, quando proibida em Inglaterra.

Falsa e funesta teoria a daqueles cultores das artes fonéticas ou ópticas, que entendem que o seu único dever é expressar belamente as suas ideias ou os seus sentimentos individuais ou nascidos da observação, sem se importarem com os moralistas quer filósofos quer religiosos. Esses processos artísticos de forma sedutora e sugestiva, sem outra preocupação além dessa forma, lançaram para o público português obras, spão abertamente nocivas, sempre perigosas. Hoje o regresso ao bom caminho começa a fazer-se: *Errare humanum est, perseverare diabolum*.

Os romances, mesmo os bons, produzem freqüentemente perniciosos efeitos. Estas obras, criadas sobre-tudo pela imaginação, representam ordinariamente a vida tal qual ela não é, com os seus prazeres, os seus desgostos. O romance chamado *realista*, afectando de verdadeiro, é tão falso como o idealista e mais nocivo, por nele ser a apariência de verdade mais frisante e sugestiva. Os romances pintam exageradamente a felicidade e o infotúnio neles expostos. Inventam

personagens fantásticas, cujo destino é inteiramente feliz.

Põem em cena entes tão completos na virtude e no crime, que até são chamados heróis e heroínas. Inventam situações sociais tão prósperas e tão esplêndentes, que há leitores que se confrangem com a sorte que Deus lhes deu e com os deveres reais que Ele nos impõe. A leitura de tais livros, falseando a imaginação e amolecendo a sensibilidade, produz em geral, os resultados mais funestos, desviando a vida do dever imperioso e da realidade tranquila. Ao menos os romances de cavalaria da Idade-Média ostentavam um lado heroico e professavam um culto pela majestade moral.

Luis de Valdilecha, referindo-se aos perigos da novela, mesmo moral, escreve: «O naturalista pagão, fazendo discrições para tornar amável o vício, e o naturalista católico, fazendo-as para o tornar aborrecido, por distintos caminhos e com opostas intenções, podem coincidir, cooperar e causar males espantosos e enormes.

P. Siflot, no seu livro *Vérité catholique*, diz: «Os melhores romances fazem aborrecer as leituras e estudos sólidos, desviam das ocupações sérias e sobre tudo da piedade, exaltam a imaginação, falsificam o juízo, absorvem um tempo precioso, que bem se podia aplicar a melhores causas. Toleram-se; mas não se propagam nem se aconselham.»

O romancista francês René Bazin expõe assim a sua opinião: «O romance (moral) não é um gênero de literatura que convenha a donzelas simplesmente, porque supõe conhecimento da vida e do jogo das paixões, numa idade e num sexo em que é perigoso perturbar a calma dos sentidos e a pureza do coração. E por isso tem muita razão as mães que proibem expressamente a leitura de romances a suas filhas.»

E o eminent L. Veillot deu a seguinte resposta a

um Padre que lhe pedia que escrevesse romances bons para as pessoas da sociedade: «O verdadeiro antídoto contra os romances maus, diz ele, não são os romances bons. Aquelas a que se dá este nome nada valem. Sei-o porque os tenho feito. Só servem para despertar o desejo de ler os piores. Diga às pessoas da sociedade que evitem êsses passa-tempos e que leiam só livros verdadeiramente sérios e cristãos.»

Bonald disse afiisticamente: «A literatura é a expressão da sociedade.» Se uma sociedade está corrompida, a literatura será a sua imagem. Se essa sociedade é fútil, o romance, o drama, todo o elemento estético será o seu éco. Para haver idealização estética, vigorosa, é preciso que haja uma vida social energica e fecunda.

A fé religiosa é o primeiro elemento criador da arte. Sem uma convicção profunda, a arte reduz-se à técnica, à habilidade mecânica, à teoria aviltante da arte pela arte. Então serve apenas para divertir o público, quando não serve para o degradar, idealizando os instintos baixos que são comuns ao homem e aos animais.

O romance, a comédia, o animatógrafo não ensinam pela ação sugestiva só a prática do adultério, do suicídio, mas até a prática do furto e a arteirice de quitar a impunidade. Os esclarecidos filotécnicos hão-de ver nesta arte um agente de dissolução moral.

O romance é uma fábula racionalizada, afastando tanto mais a inteligência do leitor, da realidade, quanto mais pretende aproximar-se dela. Sendo a imaginação a faculdade do *ideal* e a inteligência a do *real*, uma e outra compõem e recompõem ideias, fazem e refazem análises e sínteses, mas a imaginação não obedece a nenhum princípio de verdade, e, operando à rede solta, afasta constantemente

mente o homem da verdade, que é ideia tão necessária e tão saudável na vida real.

O escritor realista, quando nasce com talento superior, tem de descer ao nível das inteligências vulgares, porque a sua escola na arte é constituída pela parte inferior, a observação, e, ainda assim, de observar apenas o que observa o instinto ou a baixa vulgaridade, escrevendo sinais em vez de sentimentos, notando somente poesia onde pode haver uma realidade secunda de inspiração.

Desta sorte, o rol da roupa suja ou o talho do magarefe originam intermináveis rasgos de descrição. A crítica, diz Brunetière, deve basear-se na identidade constante do senso comum. E contra o impressionismo puramente voluptuoso, que não procura nos livros de sensibilidade senão o prazer, abstendo-se de verificar esse prazer e de apreciar o seu valor, que a crítica deve exercer-sse.

A literatura moderna e sobretudo a contemporânea não faz senão desfolhar flores de admiração sobre o amor, quer seja tratado no romance, na poesia ou no drama. E o que é esse amor? É a paixão absorvente, encerrada na taça do prazer sexual. A mor parte das vezes esse amor é apenas vaidade no homem e capricho na mulher. Esgotada a taça, o amor desaparece. A verdadeira característica do amor é a pureza expressa no infinito, por conseguinte, no inexaurível que jaz na taça da fé religiosa. O outro amor é animal simplesmente.

E preciso disfilar o sentimento do amor, tomado este termo no sentido grego *charitas*, tal qual o esplhou a doutrina de Cristo.

Reza o nosso cancioneiro popular, não sem ardilosa sutileza:

Estive no purgatório,  
Vi toda a espécie de pena,  
E notei que por amor  
Nenhum alma se condensa.

Escreve o insuspeito Jules Payot no seu tão celebrado livro *L'Education de la Volonté*: «A literatura contemporânea é na sua maior parte uma glorificação do acto sexual. A acreditar-se muitos dos nossos romancistas, muitos dos nossos poetas, o mais alto, o mais nobre fim que pode intentar um ser humano é a satisfação dum instinto que nos é comum com os animais! «Já não é do pensamento que nós devemos orgulhar-nos, nem da ação — mas simplesmente dum a necessidade fisiológica!»

«O que Carlyle execrava com mais violência em Thackeray era ser o amor ali representado à moda francesa como estendendo-se à toda a nossa existência e formando o maior interesse dela, enquanto que, ao contrário, o amor (isso a que se chama amor) está confinado em um limitado número de anos da vida do homem, e que, mesmo nessa insignificante fracção de tempo, não é *sendo* um dos objectos de que o homem tem de ocupar-se entre uma multidão de objectos infinitamente mais importantes... Para dizer a verdade, tudo o que trata de amor é uma futilidade tão miserável, que numa época heroica, ninguém se daria ao trabalho de pensar nisso, e muito menos de abrir a boca a esse respeito.»

E Manzoni: «Eu sou, escreveu ele, daqueles que dizem que não se deve falar do amor de maneira a inclinar a alma dos leitores para essa paixão... o amor é necessário neste mundo, mas haverá sempre demasiado: não é pois realmente útil que se deem ao trabalho de cultivá-lo, porque querendo cultivá-lo, não fazem outra coisa senão provocá-lo onde não há necessidade dele. Outros sentimentos há, dos quais a moral tem necessidade e que um escritor segundo as suas forças deve fazer penetrar cada vez mais nas

almas: tais como, a piedade, o amor do próximo, a brandura, a indulgência, o espírito de sacrifício...» As palavras de Carlyle e as de Manzoni estão entre as mais sensatas que tem sido escritas sobre este tão importante assunto. Além da tendência absurda da literatura que é usada pela maioria da sociedade, isto é, finalmente, a literatura de segunda ordem, tem curso um grande número de sofismas, que desarmam de antemão o estudante nos seus ensaios de repressão sobre si mesmo. Estes sofismas tem os médicos na sua maior parte por autores. Eles lançaram-nos com esse tom decisivo e com essa fé robusta que tem muitos de entre eles, quando afirmam, como axiomas inevitáveis proposições procedentes de induções verdadeiramente infantis.

«Primeiramente eles citam o exemplo de animais para provar pela série completa a necessidade natural que há em cumprir estas funções fisiológicas. Como se as grandes intermitências desta função, na maior parte dos animais, não fossem contrárias à tese, e como se por outro lado não fosse precisamente a honra do homem o saber-se libertar das necessidades puramente animais.»

Os médicos actuais, em geral, são materialistas, por escassos conhecimentos de cultura intelectual e por apoucamento de elevação filosófica; portanto a sua psicologia rasteja pelo instinto. É evidente que nos referirmos aos vulgares filhos de Esculápio, não a Malpighi, médico do Papa, aos Laennec, aos Desault, aos Claude Bernard, aos Grasset, à Pasteur, o maior benfeitor da medicina, sem ser médico, porque estes luminosos construtores da terapêutica moderna são não somente espirituais, mas fervorosos católicos. Em Portugal as beneméritas *Associações dos Médicos Católicos*, constituem um testemunho consolador de elevada reacção contra o baixo materialismo de numerosos obreiros da arte de Avicena. Afirmou o Dr.

Dias Chorão na *Associação dos Médicos* do Porto: «Sejamos apóstolos em tôda a parte. Não escondamos a nossa fé; ela é um título de glória. Professemo-la pois desassombradamente, esforçando-nos por praticar todas as virtudes que ela recomenda, e tornando-a conhecida e amada em seus princípios, em seus ensinamentos. Assim faremos uma grande obra social. E tenhamos a certeza de que estes actos de desassombração apostólica, Deus os há de colocar em sua balança e que lá do alto nos há de sorrir amorosamente.»

O romance é, em regra, um devocionário da idolatria da carne da mulher. Ora a idolatria resplandente da beleza plástica da mulher é uma autolatria do homem, porque ele não é a ela que idolatra, mas ao prazer que ela lhe dá. A mulher que, escrava das más leituras e das modas indecorosas, dá o seu corpo semi-nu em espetáculo, não só abdica do seu dialema de respeito, que é sempre esmaltado pelo pudor, mas renuncia ao espiritual enlevo da sua existência artística—a graça. A impudicícia desterra rudemente a graça natural, que é uma sombra longínqua da graça sanificante.

O culto da carne aquila as paixões bravias, não inspira o augusto sentimento do amor. A semi-nudez exibe uma prostituição para os olhos, enfermos de paixões vulgares. A nudez nas artes plásticas da cristianíssima Idade-Média era casta, porque eram castos os olhos que viam.

A ação cristã semeou durante séculos as delicadas suaves do sentimento do pudor. O primeiro atentado devastadoramente ruinoso contra essa sublime sementeira foi cometido pelo renascimento do paganismismo no século XVI. No entanto, na Renascença há muito artista verdadeiramente cristão.

A modestia cristã não é adversária da arte: tem

sido até uma fonte sublime das obras da mais requintada e grácil delicadeza.

O belo e o bem são um duplo ideal, mas o primeiro é apenas atraente e o segundo é obrigatorio, e é só sobre este que se pode fundar o respeito social. Os apóstolos duma fé ideal que alimenta a vida interior, espalzindo no ambiente a essência da bondade, são os enamorados da beatitude da espécie humana, são os cavaleiros duma felicidade, intangível sobre a terra, mas que os olhos agudos da sua alma descortinam na ridente infinitão do céu.

A arte é a criação do belo pelo homem, mas a criação do sublime é objecto exclusivo da arte religiosa.

Só o pensamento da eternidade, só a grandeza ilimitada do céu nos sugere a ideia dum potencial incomensurável, isto é, a ideia do sublime, sendo como é, por definição, o sublime a expressão sensível do infinito.

A arte é uma tradução da natureza transfigurada pela reflexão da alma do tradutor.

Quando a natureza apenas balbucia o belo, a arte deve fazê-lo falar. A arte nunca deve ser contrária à moral, porque a moralidade é uma lei universal que se impõe à arte, como a tóda a actividade social; além disso, o imoral incendeia as paixões e perturba a sensação estética. Ainda que o bem e o belo são diferentes, necessitam viver harmónicamente como vizinhos que se amam e respeitam.

O amor sexual é um sonho que se vive num instante, e ora nos conduz a uma miragem de ventura, ora nos despenha numa escarpa de desengano; enquanto que o amor evangélico é uma realidade que dura séculos, trazendo a nossa alma embrulhada pelo suave canto dos querubins.

O célebre romance de Fogazzaro, *Il Santo*, nascido da immaneidade religiosa, arrebatou as almas demorá-

ticas modernas. O herói, que é o monge Benedetto, apostoliza o Evangelho por entre os gemidos da sua consciêncioa recta e pura, no acrisolado instante de aliviar a dor humana, mas essa alma doce é um profeta do socialismo. Esta primorosa obra literária mereceu a condenação do Index, por herética, pois desliza para o modernismo. A heresia cristã do modernismo congrega misticamente os desvios filosóficos da idolatria panteísta, do socialismo visionário e da literatura romanesca.

A teoria da arte pela arte é um funesto contrassenso. A arte tem uma nobre função social; mas, se encaminha o homem para o crime, é a arte do crime.

A literatura contemporânea é desgraçadamente uma glorificação do acto sensual. O seu fim é a excitação a prática dum instinto que nos libela com toda a escala zoológica. A leitura de muitas dessas obras produz em espíritos juvenis um subcídio moral.

Ferido um homem no coração ou no cérebro, para pouco lhe servem as pernas e os braços. A paralisia gerada por semelhante peçonha impede o caminhar da consciência para uma vida nobre.

Afirmou algures o grande Lacordaire:

“A parte a necessidade de indagações para um fim útil, não é preciso ler senão as obras primas dos nomes célebres, não temos tempo para o mais.

“Por maioria de razão, não devemos dar importância a estes escritos que são como o monturo da inteligência humana, e que, não obstante as suas flores, não cobrem senão uma corrupção assombrosa. Da mesma forma que um homem honesto evita o convívio das mulheres perdidas de costumes e dos homens desonestos, assim um cristão deve evitar a leitura das obras que só mal tem feito ao género humano.”

Os escritores sem escopo moral lembram o que diz um nosso insigne quinhentista: «São como cesios rotos que não colhem águas claras e excellentes das vidas dos

bons, senão alguns limos, ou palhas de alguns descuidos, em que os homens às vezes caem, ainda que sejam justos». (1)

A linguagem carnal da escola realista é bem mais imoral do que a tão censurada mitologia dos escritores católicos do século XVI. Ao menos a mitologia é um armazém de metáforas reguladas por um povo genial, e na metáfora é que consiste toda a poesia. Melhor seria no entanto deixar dormir sob a lousa do esquecimento as mortas divindades gregas e sobretudo a desoladora moral que elas personificavam, empregando o talento e o capital no apostolado da doutrina cristã, como fazem as almas de escol. O Duque de Norfolk, chefe dos católicos da Grão-Bretanha, grande artista amador, vendeu ultimamente a sua célebre galeria de quadros para empregar o produto em sustentar escolas que os católicos ingleses tiveram a seu cargo. A venda produziu mil e quinhentos contos fortes.

A leitura das novelas românticas faz mais vítimas do que uma epidemia. Só no ano de 1914 foram feitas no necrotério da polícia do Rio de Janeiro 1.400 autópsias de cadáveres, em resultado de suicídios, assassinatos, mortes por desastre.

A maior parte dos suicídios e homicídios provêm de tragédias amorosas e de ambigüezas de grandeza, geradas pelo romance.

Felizes os analfabetos !

\*

Tanto o romance como o teatro é uma escola de novas sugestões e uma nascente de maus costumes. O tema avassalante que domina todos os outros é o do amor, mas o amor das crassas impurezas, das

(1) *Imagem da Vida Cristã* por Frei Heitor Pinto. Tomo I, pág. 96.

violentas sensações, que se manifestaram no mais crespo paganismo da Roma dos Césares. Algumas descrições parecem frescos de prostíbulos desenhados em Pompeia.

O teatro e o romance podem pouquissimo para melhorar os costumes, e podem muitíssimo para os corromper, ateando as nossas paixões ruins e não ministrando força para nos impelir à prática das paixões nobres.

Escreveram-se floridas páginas, desenham-se formosos quadros na literatura romântica, que tinham como fecho o amor santificado pelo casamento; mas ainda nesse género literário a ação moral, quando não é nula, é sensivelmente escassa. E trabalho vão ir provar, num romance ou num drama, um código de virtude. No entanto, em alguns romances licenciosos há, no meio das suas corrosivas manchas, páginas luminosas.

Geralmente a moção produzida por essa literatura faz com que os impulsos desregrados triunfem sobre a ideia do dever. Alguns desses quadros são tapas douradas, onde se bebe o veneno de sensações doentias, geradoras do adultério ou do suicídio. Têm cenas abomináveis de imoralidade campeante, onde o ditto agudo descortina um emunitório, e onde, o que devia ser cingido dum respeito augusto, é chocarreiramente amesquinhabado.

Vulliermet, falando do teatro moderno, consagra-lhe estas palavras: «As personagens destas peças semelham-se com as dos romances. Florescem neles o adultério, o divórcio e os instintos vis. São degenerados que sonham as maiores tempestades. E os seus colóquios apresentam aos ouvidos dos espectadores os mais repugnantes mistérios da vida. As palavras que pronunciam, os gestos que fazem e tudo o que for um requinte de malícia deixam adivinhar: é o cúmulo da pornografia. Acrescentai a isto o feticheiro encanto do

meio, em que a luz e os artifícios dos vestidos tornam a carne mais viva, em que a música, a um tempo lasciva e enervadora sacode os nervos; acrescenta ainda o que se observa nos camarotes e frisadas, as conversas que se ourem, os encontros que ocorrem, e então haverá de compreender que o teatro é na verdade a *escola nocturna de todos os vícios.*

A monstruosa tese delineada pelo ultra-romantismo e desaforradamente glorificada pelo realismo de que todos os desvarios da mocidade, todos os crimes de desregimentos voluptuosos são redimidos pelo amor sexual, logo que este amor seja sincero, semelhante tese é a ruína moral duma sociedade aniquilando-a pela sua traga e aluindo-a pelos seus alicerce. E degradadamente essa ofuscante literatura nasceu da riqueza da inteligência estética, aliada à pobreza do carácter moral.

A enfermidade do ultra-romantismo com as suas fícticas, poetizando a sedução, o adultério e o suicídio, é o prelúdio sonoro do realismo que, desvairando a sensibilidade, lança cínicamente os espíritos na fúria salaz da brutalidade avultante dos sentidos. Da *Dama das Camélias*, obra-tipo do sentimentalismo romântico, em que uma cortezã se apaixona por um mogo, poeta-vagabundo, e que o arrasta a todas as misérias, a literatura desce até Zola e Éça de Queiroz. Então esse amor doentio enfeitado pelos lavrantes do romance e do teatro penetra nos corações juvenis como uma labareda no periano dum apanhena. A si literatura duma nacionalidade não é vagabundo cai-xero de amostras, deve buscar a inspiração nos tesouros de energia acumulados pela raça. O fito primacial da arte é a realização da beleza, mas o conceito da beleza varia com as condições históricas duma pátria, com o seu florescimento e com a sua decadência. A arte interessa pois, sobremaneira, ao sociólogo e ao político, porque influí poderosamente

na vitalidade dos organismos sociais. A arte deve merecer nas raízes mestras da árvore da pátria, tornando-se a reflectora das nobres qualidades da alma nacional e a expressão mais pura das suas aspirações ideais.

Para o filósofo Aurélio Agostinho a quem a Igreja chama Santo Agostinho e a crítica chama Águia de África, a beleza é o esplendor da ordem. Com efeito a ordem resplandece no cosmos, porque todos os seres obedecem às leis físicas e só pode resplandecer na sociedade se os homens acatarem o império moral do dever. Conseguintemente os cultores do belo para realizarem o seu fim, mais do que ninguém, necessitam submeter-se à lei moral. Os solícitos da teoria da arte independente sustentam que a moral e a arte tem cada uma o seu domínio. É óbvio que o artista se ocupa do belo e não tem por missão directa ocupar-se do bem, mas não lhe assiste o direito de converter-se num agente de desmoralização, porque, no verdadeiro conceito da vida toda a ação humana é tributária da lei moral.

A ação estética tem notável alcance social, deve irmanar-se com o bom em favor da civilização. A arte não é uma fiul diversão ou um negócio lucrativo, possui o nobre encargo de almas, necessita seguir ao lado da Pedagogia, não lhe assiste o direito de ser um elemento corruptor. É evidente que nos referimos à arte cristã e não à arte pagã.

O sistema da neutralidade em Pedagogia e em Estética é defensável, mas a sua prática torna-se de difícil execução. Em regra os que se dizem neutros em Pedagogia é para ferirem a religião, os que se dizem neutros em estética é para desprezarem a moral. Consideradas as ideias abstractamente, parece que a neutralidade podia manter-se: A alma tem por poderes dominantes o entendimento, a vontade e a imaginação—o entendimento ocupa-se da verdade, a

vontade do bem, a imaginação da beleza. Ora parece, à primeira vista, que cada uma destas faculdades podia manobrar independentemente, porém não sucede assim, porque a alma, essencialmente activa, é só uma, posto que revista estes três aspectos.

Por um ilogismo palpável os partidários da arte independente pretendem desinteressar-se do *bom*, alegando a missão única do *belo*, mas, ao mesmo tempo, fingem servir a *verdade*, para exhibirem o realismo do obsceno. A laboriosa indagação da verdade pertence à ciência e não à arte. O historiador e o anatomicista é que estudam a sociedade e o corpo humano, respectivamente. O alvo do artista é o belo, extraindo da verdade unicamente o que é belo; aquilo que é obsceno, embora seja verdadeiro, não pertence à arte cristã.

A formosura da forma não encerra toda a obra estética; a ideia, a concepção, o objecto expresso, que o artista realiza, não é matéria, indigna de consideração. Se a ideia é viciosa, se a inspiração é depravada, a obra artística contém elementos estranhos à beleza. Semelhante obra será inestética, porque patenteia o esplendor da desordem, o fermento da perturbação sensível. O efeito psicológico dumha obra de arte sobre quem a contempla, deve ser a serenidade deleitosa da comogão, o repouso suave da alma na harmonia, afastando o homem incessantemente e progressivamente da animalidade. A sugestão da obra salaz rouba a tranquilidade aprazível, característica elevada da moçâo estética.

domina, ergo o egoísmo é a principal força dissidente, e a literatura retrata essa força.

Escreven Xavier de Maistre: «Alguns livros perigosos tentaram um dia introduzir-se em minha casa. Resultaram daqui certas perturbações e uma certa fermentação. Julguei oportuno promover um conselho nacional e pedir aos Padres um símbolo relativo às leituras, e sobretudo às leituras dos romances. Compareceram a Modéstia, a Alegría, a Imaginação, a Diligéncia, o Tempo; a Razão, a Escritura Sagrada, a Tradição e alguns outros Padres menos conhecidos. Os debates foram por vezes acessos. A Imaginação, tendo a sua sede *in partibus infidelium*, e admitida por simples favor, mandara para a mesa um *postulatum*, com o fim de não se tomar decisão alguma formal; mas a maioria não aprovou, e, de comum acordo, ficou sendo lei do Estado o seguinte:

Creio que a leitura é o espelho da alma; que são as doutrinas que fazem os homens. Dize-me com quem andas, dir-te-hei quem tu és.

—Creio que o temperamento intelectual se forma como o temperamento corporal.

—Creio que é impossível a qualquer natureza resistir sempre ao mesmo género de leitura.

—Um comércio frequente é sempre vitorioso.

—Creio que as más leituras são perniciosas à alma como o veneno ao corpo.

—Creio que a leitura dos romances tira à carácter a sua gravidade, à vida a sua seriedade, ao coração a sua pureza, à vontade a sua força.

—Creio que os romances não são de forma alguma modelos de literatura.

—Creio que muitas pessoas se iludem a respeito de leituras, quer permitindo-as, quer fazendo-as.

—Creio que as pessoas que pertinem, que favorecem, que impõem, que aconselham as leituras frivolas,

A filosofia francesa do século XVIII esgarrou os tecidos do organismo religioso; a gangrena apareceu logo no corpo social. O individualismo revolucionário

perigosas ou más, contraem a mais terrível responsabilidade perante Deus.

—Creio que na hora da morte muitas ilusões se dissiparão tardamente em detrimento de muitas almas.

—Creio que se as almas que se perdem pelas más leituras nos aparecessem repentinamente, ficariam espantados do seu número.

—Creio que se os livros pudessem falar, revelariam onusas espantosas sobre o apostolado da perversão que tem exercido sobre as almas.

—Creio que um cristão não deve ler maus livros, que perde o seu dinheiro em os procurar, o seu tempo, a sua inteligência, a sua alma em os ler, e que se alguma obrigação lhe resta, é queimá-los.

—Creio isto em nome do bom senso, da experiência e da fé.

Se a instrução é um vasto tesouro e a sua chave é o trabalho, a leitura é o escrínio desse tesouro, que engerra num compartimento a fonte da saúde espiritual e no outro o gérme da peste. Da sua escolha depende a felicidade ou a ruína da alma humana civilizada.

A vida é curta, e as ocupações são múltiplas. É mister fazer uma rigorosa seleção de obras para ler. Não devemos ler nem nugacidades, nem perversidades; as primeiras constituem um desperdício, as segundas viciam a inteligência e enlameiam a sensibilidade. Devemos recusar a leitura dum livro mau com mais vigor do que recusamos a ingestão dum alimento deletério.

A leitura não é um fim, é apenas um meio de

adquirir conhecimentos, de experimentar coisas

morais ou estéticas. Não basta ler, convém saber ler,

colhendo nas páginas do livro o calor, a luz e a

graga das ideias e dos sentimentos do autor.

A leitura é, na vida espiritual, a mais elevada das

inclinações, pois fortalece o entendimento e deleita o coração. O leitor é um viajante que, para se consolar dos desgostos quotidianos, vai visitar aprazíveis terras e contemplar belas paisagens.

Entre as obras boas devemos escolher o género para que sentirmos inclinação. Afirmou o grande inglês Channing: «É sobretudo pelos livros que nós gozamos do convívio dos espíritos superiores, e êste inapreciável meio de comunicações está ao alcance de toda a gente.

«Nos livros mais belos falam-nos os grandes homens, dão-nos os seus mais preciosos pensamentos e langam a sua alma na nossa. Agradeçâmos os livros à Deus. Eles são a voz dos que estão longe e dos que morreram; eles fazem-nos herdeiros da vida intelectual dos séculos decorridos. Os livros são os verdadeiros niveladores; a todos aqueles que querem usar deles sinceramente arranjam uma sociedade, uma presença espiritual dos melhores e dos maiores homens. Que importa a minha pobreza? Que importa que os felizes do século tenham deixado de entrar na minha obscura morada? Se a Sagrada Escritura entra e vive sob o meu teto, se Milton passa o limiar da minha porta para me cantar o paraíso, Shakespeare para me abrir os mundos da imaginação e os segredos do coração humano, Franklin para me enriquecer com a sua sabedoria prática, eu não terei falta de amigos intelectuais, e posso vir a ser um homem bem educado, embora eu não seja recebido no lugar que habito pelo que se chama a boa sociedade. Para tornar eficaz este meio de cultura, deve fazer-se selecção de bons livros, daqueles que foram escritos por espíritos rectos e firmes, por verdadeiros pensadores que, em lugar de diluirem as ideias de outros pelas repetições, temem elas próprios alguma cousa a dizer e escrever para pessoas sérias. Estas obras não devem ser folheadas por divertimento, mas

lidas com uma atenção assídua e o amor respeitoso da verdade. Na escolha dos livros para as nossas leituras, podemos fazer-nos auxiliar por aqueles que estudaram mais do que nós. Mas nisto é sobretudo preferível que seja o nosso próprio gosto que determine principalmente. Os melhores livros para uma pessoa não são aqueles que o sábio recomenda, são antes aqueles que respondem às necessidades particulares, à sede natural do nosso espírito, e que, por consequência despertam o nosso interesse e fixam o nosso pensamento..»

A leitura deve mirar a corrigir defeitos, sofrer desmandos, nortear entendimentos, fortalecer vontades. A leitura que desorienta a inteligência e degrada o sentimento, gerando fermentações tóxicas, é procurada com avidez nas épocas de decadência, e ceva-se tanto com as impudicícias de Ovídio, como com as licenças de Zola. O seu fim inconfessado é a degração que arrasta e baixeza que exaulta. O escritor dissolvente é um inimigo público que trabalha por precipitar a sua pátria no abatimento e na morte. Esses modernos scépticos repetem a criminosa tarefa dos sofistas da Grécia e de Roma que corromperam e aliniram essas duas grandes nações, enfraquecendo-lhes a fé antiga, alicerce de todo o amor da pátria.

Escreveu Merault em *Os Apologistas involuntários*: «Pais, mestres, e amos, se virdes um mau livro na mão de vossos filhos, discípulos ou criados, tende sequer o zelo do incrédulo Diderot; não direis que peço demais! arrancai como ele fez, com indignação, das mãos dos que prezais, o livro em que não se respeita a religião. Era uma obra que o próprio Diderot havia composto, e contudo o incrédulo não pôde vê-la nas mãos de sua filha.

«Ter-se-ia podido dizer: Se esta doutrina é funesta, como parece que a reconheces, e porque a dás à luz

pública? Porque fazes que circule pela sociedade um veneno, que juígas tão perigoso para tua família? Se a arte, condicionada pela lei moral, é a filha primogénita do céu, emancipada dessa lei, é a filha corrupta da terra, que envenena o ar e encorta a vida.

Qualquer ocupação honesta é superior à leitura do romance; porque este transvia e anolece a razão. A nossa atenção, solicitada por um êrêdo químérico que nos deleita, entrega-se a elle sem o menor esforço, tornando-se indiferente aos impulsos exteriores que às vezes nascem dum dever imperioso. O romance é um péssimo alimento espiritual, que debilita a alma quando não a perverte. Escreveu o insuspeito E. G. Goncourt:

«Qual é a causa destas doenças chamadas *fato*, às quais são sujeitas certas mulheres?

«Os médicos encontram uma causa na medicina, cujo tratamento consiste no abuso das sangrias e dos purgantes à menor indisposição.

«Eles assimilam uma outra causa bem singular: a leitura dos romances. Está ai, para vários de entre elas, a origem e como a alma do mal da mulher. Elas fazem derivar o seu mal-estar, a desordem da sua saúde, desta mania de leitura romanesca que se apodera das raparigas desde o babadouro. E, pintando o estado em que os romances põem a mulher, essa vida absorvida na atenção, essas longas horas, essas noites consumidas pela paixão de ler, todo esse trabalho de espirito sem exercício, tantas comocções, tantas sensações que o atravessam, o atordoamento que lhes sobe ao cérebro proveniente dessas páginas mágicas que ela respira, desse papel inebriante; chegam os médicos a concluir que toda a rapariga que lhe aos dez anos, em vez de correr e saltar, virá a ser uma mulher de *fatos*.»

Necessitamos ler com método, chamando aos olhos as frases, à sensibilidade os sentimentos, à inteligência

as ideias, traduzindo mentalmente a obra do autor e mirando a um ideal elevado que abranja o sentido íntimo da vida transcendente, condicionado pelas causas finais. Esse será o processo superior para fecundar a alma e criar nela as qualidades que admiramos, como por exemplo: a coragem, a renúncia, a justiça.

Como uma rosa olente a leitura dum grande escritor exala, em suas frases, a própria essência da sua alma. O novelista ilusor assenhoreia-se frumentamente da alma ilusa de quem lê, até anestesiar-lhe na consciência a dor que produz a infracção da lei moral. Além disso a curiosidade, despertada pela leitura afrodisíaca, fustiga os dormentes instintos e esporreia a alimária humana. A flor da humanidade em todos os tempos fez constantes esforços para erguer o homem do instinto animal à razão sublimada, pondo deante dos olhos tudo o que pudesse suggestioná-lo para o exercício da virtude. Assim os cinco botões que os chineses costumam usar nos seus hábitos lembram simbolicamente as cinco virtudes morais preconizadas pelo ilustre Confucio: a Justiça, a Humanidade, a Ordem, a Prudência e a Rectidão.

## CAPÍTULO VI

**Malfeiteiros literários:** Emílio Zola e a sua acção, a sua probidade perante a tau-maturgia de Lourdes. Eça de Queiroz, filho espiritual do oitenta-novismo. A sua obra e a crítica.



INGUÊM é obrigado a dizer a verdade toda, mas todos temos obrigação de falar verdade. A escola literária, denominada *realista*, blasona aucha que deve dizer claramente a verdade toda; mas, por desgraça, ela não se limita a dizer verdades, que são inconvenientes: propaga invenções mentirosas para seduzir as imaginações e apagar as linhas nobres da espécie humana. Em França a criminalidade aumenta inquietadoramente, não porque os crimes fiquem impunes; ao contrário, a polícia multiplica-se e os tribunais estudam melhor a área da repressão. O crime aumenta porque a corrupção cresce. O jornalismo vulgariza-o, a literatura realista justifica-o, indirectamente, pela necessidade do gôzo e das reacções elegantes. A literatura realista abre novos horizontes aos segredos do prazer material, embota os escrúpulos de consciência, apaga os vestígios da lei moral e familiariza a alma com o vício, tornando-a egoista, e conseguin-temente insensível à dor alheia e à dignidade pró-pra. Se o escritor realista, ao pintar personagens devassas, reflectisse no adágio: — *mete a mão no teu*

*seio e não dirás mal do fado alheio*, talvez quebrasse a pena. Os homens que defendem a civilização necessitam relegar êstes malfeiteiros, repetindo os bons princípios *iterum atque iterum*. Basta, às vezes, uma resistência passiva, protegendo a boa leitura e desprazendo a deleteria, isto é, praticando o anexim : — *ao bom dás e do mau te afastarás*. Reúneem congressos contra os maus costumes públicos, propagados pela estampa, pelo jornal, e pelo livro. A assistência a eles é numerosa e escolhida. O egoísmo cresce, diz o Sr. Béranger no último congresso : as crenças enfraquecem, a boa causa porém tem os seus numerosos e resolutos defensores. O congresso apelou para uma legislação nova, para a ação internacional, sobre tudo protestando contra a obscenidade do cartão postal, imunda exploração e vergonha da arte. Em França ? em Portugal, Emílio Zola recebe de muitos indivíduos idolatria. Na extensa obra de Zola há personagens que são tumores purulentos que tem infecção nas muitas almas, e cuja sujidade tem estragado muitos ideais. A fama do talentoso novelista é universal. Um dos ministros do actual gabinete do micado do Japão publicou a tradução duma das obras de Zola, fazendo-a preceder dum prólogo elogioso para o autor ; pois êste facto foi alvo de tal reprevação em toda a micadia, que o seu colega da Instrução pública, depois de proibir a venda da obra sordida, teve que pedir ao ministerial tradutor que solicitasse a demissão, pois não queria colaborar com êle no mesmo ministério. Em França a nefasta obra de Zola tem notáveis adversários. Atacam mesmo com violência o *Grande Fécal*, como lhe chama pitorescamente o filho do imortal Alphonse Daudet. O novo ídolo dos materialistas pornógrafos, conseguiu no comêgo, por algumas novelas, entrar em lares de famílias honestas ; mas os chefes de família que desejavam fomentar nobres sentimentos, depois de reflectirem, entenderam

que consentir semelhante leitura equivalia a meter o gato no pombal.

A arte que não é um impulso para o bem, é indigna deste nome. Não é arte a nudez como incentivo à lascivie, como aguilhão da carne aos apetites erônicos ; não é arte a fotografia nítida que ateia o fogo da sensualidade, anestesiando o sentimento do pudor e amesquinhandoo a *velharia* da moral. Nessa arte, os sentidos vêem só o vício, os olhos vêem só lodo, a alma vê só os instintos bestiais. O coração humano, obedecendo às paixões dos sentidos, é um relógio perpetuamente desacertado.

O culto mundial dos nossos dias está penosamente transviado ; todavia, se eu tiver de oferecer flores votivas a um ídolo hodierno, prefiro, ao prostrar-me, o esplendor da bondade ao do talento. O amor da verdade seduz as almas nobres ou simples ; o culto da fama, vindo do talento ou do erime, seduz as almas vazias de elevação ou de agudeza de entendimento.

A crítica hordalenga da escola de Zola, servida por escritores de imaginação radiosa, desceu o ideal social a uma ordinária degradação. Nessa escola se enfileiram, sonorosamente, como músicos de panada num regimento, os diferentes romancistas de *vaga-Venus*, e o cardume dos novelistas da intidelidate conjugal. A turba de leitores é inumerável. Quem engenhosamente paralogiza a verdade é mais escutado do que quem a pratica.

Eis a opinião de Anatole France sobre Zola, cujas cinzas foram transferidas para o Pantheon : — « Nin-guem, antes do sr. Zola, elevou tão alto um montão de imundices... Nenhum homem fez jamais tanto esforço para aviltar a humanidade... Ele é um desses desgraçados que melhor fôra não tivessem nascido... »

Anatole France é patriarca do radicalismo francês.

Em verdade, pode considerar-se o autor dos *Poèmes dorés* como um scéptico benigno e um artista subtil e delicado.

A propósito do transporte do cadáver de Zola para o Pantheon, escreve madame Aline Raymond :

«Quanto à apoteose oficial de Zola, em vão a quiseram impôr ao Governo e ao país. Numa época em que se diz que tudo passa, um fúretro não pôde passar nas ruas dumha cidade. De noite, como se levam os criminosos à guilhotina, é que se devia levar para um pedestal, tornado pelourinho, o morto nefasto, do qual, para sua suprema vergonha, quiseram fazer uma abantemsa. A galope, desordenado, sacudido, fugiu, sob as injúrias e os assobios ; e os nossos soldados, vilipendiados e enxovalhados pelo autor de *La Débâcle*, se foram submetidos à humilhação de ter de fazer continência aos seus restos mortais, ao menos tiraram a desforra de ter de os defender. Foi preciso mobilizar a guarnição de Paris para guardar o que até então ainda nunca se tinha atacado : um atitude, tornado em monumento de ignomínia e de iniquidade.»

Em Portugal Zola tem, entre outros de ordem inferior, um discípulo notável : é Eça de Queiroz, escritor fulgurante que maculou indelevelmente a literatura nacional. Antes do seu cadáver estar putrefacto, já tinha estátua numa praça de Lisboa, monumento digno d'ele e dos seus admiradores. Os bilhetes postais que levavam a fotografia desse monumento eram devolvidos por obscenos, por algumas nações, como, por exemplo, a grande República Norte Americana.

E fútil ou pueril fazer ídolos de neve, mas é pior fazê-los de lodo. De Donald pronunciou a seguinte sentença : «O maior crime que se pode cometer é a composição dum mau livro, pois que se não pode cessar de o cometer.»

Se pudesse operar-se uma maravilha de reaparição, semelhante à da lenda das sete dormentes de Efeso, e surgissem os grandes escritores portugueses, fundadores e glorificadores da nossa língua e da nossa pátria, deviam sentir intensamente o travo da amarrissima vergonha. Ainda bem que a maravilha não se opera. A absintina da ingratidão, amarga até nas almas dos santos ; se elas se sorriem ao experimentá-la, é porque a doçura mística do perdão lhe suprime o amargor.

Por uma mesma escada sobem uns e descem outros. Assim é o talento nos homens : com ímpeto semelhante, uns sobem até ao céu luminoso da verdadeira glória, outros descem até ao inferno tenebroso da ignomínia.

Para tornar bem patente a ausência do amor do verdadeiro, do real, nos escritores chamados *realistas*, vamos narrar o seguinte facto, seriamente e notoriamente verídico : — Zola um dia anunciou que ia a Lourdes ver com os seus olhos. Queria *palpar*, desfibrar o milagre. E, se se lhe deparasse um milagre autêntico, realizado ante seus olhos com uma evidência perfeita, que não desse margem a um resquício de dúvida, élle, Zola, deporia a pena com que andava atacado a Revelação, e iria ajoelhar convertido e contraíto ante a imagem de Nossa Senhora. Compreende-se a expectativa que esta declaração do romancista suscitou em todos os campos.

Partiu. Recebeu-o em Lourdes o Dr. Boissarie

com os seus colegas do *Bureau des constatações*, dis-

pensando-lhe todas as atenções e facultando-lhe todos

os meios de investigação. Zola viu os arquivos, con-

sultou os documentos, as provas numerosíssimas dos

milagres, interrogou os miraculados, e com tanta

minúcia, que o seu afã tocou as raias do ridículo.

Pois Zola viu, não um, mas vários milagres. Parecia

que a S.S.<sup>a</sup> Virgem queria mostrar ao escritor in-

créduo a verdade palpável da fé. Entre todas as curas, tornou-se sobretudo notável a duma pobre rapariga que sofria dura enfermidade terrível: estava tísica em último grau. A sua cura instantânea, a restauração dum pulmão corroído pela tuberculose e do outro já seriamente doente, foi tão completa, tão absoluta, que não deixava margem à menor dúvida. Zola viu este prodígio, como vira os outros. Convertiu-se? Pelo contrário.

A viagem a Lourdes deu-lhe ensejo e assunto para uma tão formidável mentira, uma tão afrontosa calúnia, que nos excita, não sabemos se passmo se indignação. Poucas vezes se terá visto um exemplo de tão impudente cinismo. Quando voltou a Paris, escreveu o que ele tinha dito que havia de ser o relato fiel da verdade. Fazendo desta rapariga, conta a cura, descreve o assombro dos circunstantes e o jubilo da beneficiada. Manifeste-se a cura — escreve Zola — enquanto a doente viveu no nervosismo daquela atmosfera de milagre, isto é, uns oito dias.

Mas quando regressava à sua terra, acomete-a um ataque terrível no comboio, e a doença volta medianamente recrudescida.

Esta asserção de Zola é a mais deliberada mentira, a mais impudica contradicção à verdade reconhecida e testemunhada por milhares de espectadores, de que há memória. Nunca o mais leve sintoma do mal se manifestou. A cura foi completa, absoluta e definitiva.

O Dr. Boissarie, revoltado contra a calúnia, vai procurar o romancista. — E Como ousa o senhor — diz-lhe — fazer morrer Maria Lebranchu, sabendo que ela está de tão boa saúde como o senhor e eu? — E que tenho eu com isso? — replicou o romancista. — As minhas personagens pertencem-me; tenho o direito

de as tratar como muito bem me aprouver, posso matá-las ou fazê-las viver como fôr do meu agrado. Não tenho mais preocupações que a minha fantasia e o interesse da minha obra. Este deslavado cínismo, se dá lôda a medida da probidade de Zola, é também uma terrível lição, e mostra quanto valem estes caluniadores tristemente glorificados. (1)

(1) O problema dos prodígios de Lourdes é extra-scientífico, é metafísico e religioso. Os científicos, a vésseos à credulice milagreira, que pretendem interpretar os sucessos miraculosos dentro das leis biológicas saem do método científico e vaguem no arro. Quem ler a *História Crítica dos acontecimentos de Lourdes*, por Jorge Bertrand, onde se expõem êsses factos com rigor científico é forçado a admitir imperiosamente uma explicação ultra-natural. A hipótese da sugestão foi rejeitada como impossível. Hoje lança-se mão da conjectura das *fórcas desconhecidas*, mas essa conjectura importa a negação da ciência. Em verdade sabemos pouco, todavia consta a crer que esse que positivamente hoje sabemos seja destruído por novas descobertas de anatomia. Só Deus conhece todas as forças, difusas no Universo e Ele é o Senhor delas.

Nos factos povoados de Lourdes impêra o sobrenatural.

Estão lógicamente anuladas todas as explicações naturais e pseudo-scientíficas das 3.363 curas, inscritas até hoje no Bureau entre 48 quais se contam 650 de tuberculose óssea, coralgia, mal de Pott, 48 cegueiras, 12 sanctos, etc., não figurando naquele total senão 265 afecções nervosas.

A palavra *milagre* significa admiração, espanto, tem a sua raiz no verbo latino *miror*. O milagre pode definir-se como a admiração revelada do *Iustitia, patenteada num facio, scaneo*, realizada *fora do curso ordinário da natureza criada*. Se Deus existe o homem está em comunicação com Ele e a vida religiosa é que explica essas relações da criatura com o Incriado.

O diariista J. S. relata o seguinte:

Na reunião dos curados em Lourdes, efectuada em 1916 na capital francesa, sob a presidência de Monsenhor Schenifer, bispo de Tarbes e Lourdes, foram lidos pelos respectivos médicos-relatores cinco interessantíssimas comunicações científicas, relativas a curas mais recentes. Das pessoas citadas nesses relatórios como pacientes cujos males foram sanados

\* \* \*

Os nossos românticos não rejeitaram de todo os princípios do classicismo, de lei, de autoridade e de tradição, posto que dessem mais amplo lugar ao sentimento e à iniciativa própria. Os realistas que lhe sucederam lançaram-se nos braços da natureza pura como escravos dos instintos. A lei de Deus, fixada na alma humana, é para a vida social um Sol luminoso que projecta, sem eclipses, os seus raios benfazejos. A alma privada deste guia, se não é feita da lama de todos os vícios, está em perigo de vir a sé-lo.

O critico é um juiz. O juiz togado, ao examinar o corpo de delito, tem por fundamento a lei forense; o oráculo literário deve ter por fundamento a lei moral, e

na famosa gruta, achavam-se presentes à reunião as senhoritas Sylvia Biennainé, Susanna Moreau e Maria Antonieta Rivière. Havia, já se vê, muitíssimos outros favorecidos pela extraordinária terapêutica de Lourdes; a concorrência era numerosa; mas as três curas preictadas mereceram atento exame e referência especial.

Expois o caso de Sylvia Biennainé um antigo médico do hospital de Saint-Dizier, o dr. Chardin. Tratava-se de uma peritonite tuberculosa, que se complicou depois com uma cistite e nefrite, rebeldes a todas as drogas e cuidados, a tal ponto que, em 1909, três facultativos acordaram no prognóstico de proxima e inevitável morte. Nau obstante a sinistra profecia, Sylvia Biennainé quis ir a Lourdes. Mergulhada na piscina, sentiu-se grandemente aliviada; momentos depois, ao receber a bênção do Santíssimo Sacramento, estava perfeitamente sã. A cura fora quasi instantânea. Verificaram-na os Drs. Gouraud, de Paris, e Despiate, de Lille, além do Dr. Chardin. A cura persiste até hoje, passados já alguns anos. O relator concluiu afirmando que se não pode explicar tal fenômeno por influência de nenhum meio natural.

O Dr. Marchand, médico do exército, referiu a dupla cura de Susanna Moreau. Sofria a paciente de coxalgia bem declinada e de uma ulcera no estômago, o seu estado era tão grave

por alvo, o belo. As circunstâncias, ainda as mais valiosas, são apenas atenuantes ou agravantes. Em estética, o belo não pode, teleologicamente, divorciar-se do bem. Para Brunetière e Faguet, o crítico devia ser antes de tudo um homem que dedicue superior atenção à moralidade da obra.

O Romantismo tem um alto conceito do destino da arte: é essencialmente religioso, mostra-se ávido do infinito e empregnado do ideal, pedindo à natureza só aspirações amplas e elevadas. Basta ler os nossos escritores românticos, Garrete, Castilho, Herculano, Mendes Lial, Rebelo da Silva, Tomás Ribeiro, almas profundamente cristãs, bebendo o licor das nossas aspirações éticas e saboreando a nostalgia da Idade-Média, esse paraíso perdido da vigorosa fé, da

injeções de sôro artificial. Em Lourdes, ao cabo do sétimo banho, a coxalgia desapareceu; dois dias depois, já não havia tique no estômago; Susanna podia em si mesma alimentar-se e mover-se à vontade. Duvidavam os médicos dos próprios olhos; apelaram para a radiografia, que confirmou a cura radical e a perfeita reconstituição dos tecidos atacados. Concluiu o Dr. Marchand que é impossível atribuir tal resultado à ação das forças naturais conhecidas.

O Dr. Grandmaison, ex-interno dos hospitais de Paris narrou o caso de Maria Antonieta Rivière. Declarada incurável por vários médicos, alguns dos quais passaram atestados escritos, a enferma já parecia um cadáver quando empreendeu a ida à Gruta. Ulcerações internas de caráter tuberculoso lentamente iam minando. A 10 de Julho de 1907 recebia os últimos sacraementos. A 18 de Agosto decide-se a viagem a Lourdes. Ali chegada subitamente se opera a cura, assim o mínimo possível terapêutico. Faz nove anos que se den o fenômeno. Até hoje não se tornou a manifestar o mal; a cura foi completa. O Dr. Grandmaison confessava a impotência da medicina ante factos como este, naturalmente inexplicáveis.

Também o Dr. Le Bac, cirurgião do hospital de São José,

referiu um caso de variz, em que todas as veias superficiais

das pernas estavam atacadas, com tumores largos; após a

cura operada em Lourdes, a veia safena voltaram ao estado

primitivo, desapareceram todos os tumores e normalizou-se a

pureza moral e do lirismo heróico. O naturalismo e o realismo que lhe sucedeu é essencialmente irreligioso e até grosseiramente impiو procurando na natureza as paixões baias, os instintos brutais sem freio moral, escarnecedo das nossas tradições augustas, negando e amesquinhandos os elementos étnicos e a fé cristã que constituem a tectura das glórias da nossa pátria. Para sentir essa desolação, basta ter a amarga coragem de ler a prosa dissidente de Eça de Queiroz, Ramalho Ortíz, Flávio de Almeida e outros nossos conspícuos discípulos de Voltaire e de Zola: todos pintores miudos de caracteres vulgares. O escritor realista, privado da conceção dum destino ultra-vital, mergulha nos pormenores da natureza física, reduzindo a sua metafísica ao matemático.

Neste caso é de notar que houve supressão ou eliminação de matéria e reconstituição de tecido, sem operação nem tratamento algum. Pouco depois das aparições, quando os primeiros fenômenos começaram a molivar o espanto de todos, houve quem pretenesse dar, como causa das curas, as propriedades terapêuticas da água. Faz-se a afálise. Verifica-se que a água de Lourdes é uma água como outra qualquer. Ela, porém, opera prodígios, o que inelutavelmente se não dá com as outras... Fazem-se... poucos, nas virtudes radiactivas do líquido da piscina. Extraminaram-no: resultado negativo. Mais uma hipótese que falha.

Demos que a análise tivesse descoberto algumas propriedades na água de Lourdes: ainda assim é incompreensível que talas propriedades operem a cura dos males diversos e, em muitos casos de idéntica enfermidade, deixem de agir. Sugestão? Mas Ferdinand Balin, curado em 1895, tinha *trinta meses* apenas; Yvonne Annalire, restabelecida em 1896, era ainda menor: *vinte e três meses* somente... Muitos dos curados são indivíduos sem filhos: Gargan, por exemplo, conforme o que o Dr. Lavrand expôs no seu volume sobre a *Sugestão e as curas de Lourdes*.

Factos são factos. E o que se tem visto até hoje em Lourdes é isto: andam paralíticos, úceras cicatrizam, tuberculosos

respiram aliviados, cegos contemplam as maravilhas da luz.

realismo do gôzo, e desta sorte é legitima o prazer sensual nas suas mais exerçandas aberrações.

A conferência feita por Eça no Casino Lisbonense, em 1871, sobre a *afirmação do realismo como nova expressão da arte* foi julgada como um plágio, bebido no livro de Proudhon, *Du Prince de l'Art et de sa destination sociale*: Eis um trecho da conferência:

«A nossa arte é de todos os tempos menos do nosso. Veja-se o Euríco, o Monge de Cister, o Arceo de Santa Ana. A arte deve corrigir e ensinar e não ser só destinada a causar impressões passageiras, a dar-se unicamente ao prazer dos sentidos. Deve visar a um fim moral. Se a arte não tem moral perde a sociedade. Deve-se tentar a regeneração dos costumes pela arte. Exceptuando a facada, vibrada a Herculano e a Garrete, o resto do trecho é doutrina superiormente justa que os romances de Eça contradizem sistematicamente e favorosamente. Semelhante afirmação de ideal estético, saída da boca de Eça, é o que em calão parisiense se chama *une fumisterie*, pois a sua obra é, moralmente, um infecioso pantanal. A contou em prosa vibrante a sua pátria com toda a casta de aleivos. A ausência de acalamento pela mulher portuguesa é uma horrasca que cresta tudo. O compacto magote de mulheres geradas para os seus romances: A São-Joaquim, a Amélia, a rascocira Juliana, a sua ama Luisa, a Raquel Cohen, a D. Paracincio das Neves, etc., etc., ou são adulteras, perversas, hipócritas, ou fêmeas abjectas.

Qual é a alma pura que sem um grave risco moral pode ler tais novelas? *Qui hant les mechants perira avec eux.*

O Evangelho é claro: «Toda a árvore que não dá

bom fruto será cortada e lançada ao fogo.» (S. Mateus 3, X).

Eça de Queiroz escrevia em 1878, na *Renascença*,

em artigo a respeito de Ramalho: «Há quasi dez anos

apareceu, vindo, parte de Coimbra, parte daqui, parte dacoá, uma extraordinária geração, educada já fora do Catolicismo e do Romantismo, ou tendo-se emancipado dêles, reclamando-se exclusivamente da Revolução...»

«Não falemos agora de Ramalho. Essa alta figura de estilista exímio penitenciou-se publicamente dos graves pecados literários da sua bulhenta mocidade. Oxalá a sua lição aproveite aos novos.

Eça declara-se, como filho da Revolução, emançipado do Catolicismo e do Romantismo, irmmando assim as duas doutrinas literária e religiosa, professadas em Portugal. O nozilhão do oitenta-novismo na sua propagação purulenta espalha um cheiro nosocomial que turba as inteligências, atacando mais virulentamente o realismo do que o romantismo. Se colocarmos frente a frente como o teim feito os representantes da autoridade católica e os escritores da escola revolucionária, os dois princípios: o Cristianismo e o oitenta-novismo, como harmoniza-los?

Os pares e os nones não se conciliam, a verdade e a embustice, a justiça e a iniquidade, o Evangelho luminoso que redimiu a humanidade dando à vida social pela fé intensa e pela exaltação da bondade, a pureza espiritualizada do preceito do amor, não podem casar-se com filosofismo dissolvente que ensanguentando a vida preparou a consumação dos mais hediondos crimes que narrá a história.

Eça declara-se filho da Revolução, discípulo político de Diderot.

O scientista Diderot, sendo ateu, afirmava que a moral era uma invenção humana, um lôgo, porque se opunha aos apetites naturais, aos quais devemos unicamente obedecer. Fiel à sua teoria, desamparou a esposa, para se abarrigar com amásias, tendo a sua pena, como protectora, as famosas Pompadour e Catarina II da Rússia. Foi inimigo da disciplina e da

moral e escarnecedor da religião, corrompido até à defesa do incesto, anarquista ideológico, mau marido e mau cidadão. É bem o filósofo inspirador da encravada Revolução, da qual Eça se declara assecla. Foram estes escritores que na ordem moral apanharam avéndalhas para uma fogueira de chaminé.

A Revolução, em 1793, suprimiu as faculdades de medicina e convidiu os charlatães a entregarem-se à arte de curar. O filosofismo, suprimindo a religião, convidiu os charlatães intelectuais a criarem uma moral legal.

A infinitidão e a majestade da fé divina não se abate, zombando sacramento das almas devotas, perseguindo e desonrando aqui e ali um sacerdote ou caluniando a Igreja. E como se se tentasse alterar a pressão do Atlântico enchendo um pote de água no mar cantábrico para o deitar no Estreito de Gibraltar. Os literatos que se inspiram na Revolução leem o Visconde de Paraty, autor da *Guerre aos deuses*, poema sacrilegamente licencioso, em que delineou uma paródia da Bíblia e do desenvolvimento do Cristianismo, fazendo nos seus versos a propaganda burlesca mais imoral e mais corrupta que a baixezaria de um estro pôde conceber. Os gozosos leitores deste livro imundo marcaram a estesiometria moral do seu caráter.

A aventureira Dalrymple Elliot, que viveu nos casmarins da tragédia da Revolução, é uma das testemunhas que nos conta no seu *Journal of my life during the french Revolution*, valiosos pormenores da época sangrenta dessa revolução-chaçaina.

Eça tem a força irônica por ídolo, a ganância por acicate e o gozo por escopo. A sua ação moral foi grande na burguesia letitra e na fidalgaria degenerada.

Onde deve buscar a força o homem de letras? No alto e em baixo, isto é, em Deus e no povo, na sua

origem e no seu destino. *Fazer arte pela arte* é não lhe assinalar nenhuma missão moral, salvante a nobreza do esplendor, com mira na celebriidade ou num proveito pecuniário. No entanto, combater esta escola não significa de nenhuma sorte converter a arte num puro moralismo ou numa aretologia.

A arte deve ser sentida ; o vocábulo Estética, criado por Baumgarten, discípulo de Wolf, provém do grego e significa sentir ; o seu fundamento é a psicologia, e a sua exemplificação acha-se na história. A arte é um produto de fermentação contínua entre o génio individual, o modelo histórico e o meio cósmico. As suas condições escapam à ciência. Fora do belo protótipo de Platão, a arte reduz-se à crítica. O alemão Guiherme Lubke, no seu *Bracio sobre a História da Arte*, explica-nos a evolução da ideia artística pelas condições geográficas e políticas, definindo-a como a expressão viva das nacionalidades e dos séculos.

A soma de comoção verida por uma obra de arte na alma do paciente, modifica-lhe a sensibilidade, altera-lhe o critério e ministralhe evidentemente motivos ao poder da vontade para obrar. A tal arte pela arte, admitida como estranha à sociedade, é um dos mais criminosos embustes que a inteligência humana inventou. Semelhante arte deve ser desterrada como um acelerado envenenador. Essa arte que rompe o equilíbrio entre o pensamento e a sensibilidade, e que por uma atração carnal nos roiba a origem divina para nos despenhar como fim numa cova, à semelhança de simples animais, é uma falsa arte que só vegeta nas nações que caminham para a putrefacção, e pertence aos homens que se degradam, largando-se nos braços fatais da natureza, procurando a felicidade na esfera egoista dos sentidos.

A civilização greco-romana aproximou-se tanto da

natureza nas suas manifestações artísticas, que reservou no plano inclinado da bestialidade do império dos Césares, à procura da felicidade na satisfação dos sentidos. Providencialmente, o Evangelho apareceu, regenerando os povos e salvando a civilização. A Renascença e a Revolução Francesa constituem dois achaques da humanidade de regresso ao paganismos.

A civilização cristã, única e verdadeira civilização na história da humanidade, de vez em quando achaada, não pode ceder o seu sceptro e o seu trono à barbaria pagã. Esse domínio dos Césares desaparecen, costido com as muralhas apodrecidas da imensa galeria do tempo ; e a Boa-Nova foi o mensageiro celeste que continua redimindo a humanidade.

O renascimento deurado da arte helénica, favorecido pelos baixos instintos, é frequentemente o veículo que inocula no corpo social o vírus pagão.

Escriveu Fialho de Almeida num estudo crítico sobre Eça de Queiroz : «...mui pouco drama, que, a não ser no «Padre Amaro» e «Primo Basílio», é uma fábulas incoerente, ligando mal instintos bestiais; a cada instante a interferência do panfletário devolvida com chufas à boa fé do leitor quanto à ilusão real da narrativa ; e como qualidade avassaladora, suprema, a ironia, agredindo por vício de educação, por frialdade de sangue, ignorância negadora, e que seria tremenda se tem sido posta ao serviço dum filosofia profunda, e duma moral de intuições definidos. O homem para elle é uma máquina do tempo ainda da mesmice rude, movendo-se por grosseiras sensações e instintos porcos, debóche, avareza, inveja, gulá ; a vida, sem ideal, não levanta o olhar aos vastos céus, nem estreluz de esperanças panteistas, é uma coisa triste, reles, reduzida a malandrias com intermitências de luxúria, no meio dum natureza cumplice que parece refocilar-se nos homens de todas aquelas imundícias. «Dos enigmas da alma moderna, onde diz Bourget, parece que toda a superioridade

faz chaga, tōda a compiação dor e tōda a riqueza miséria — dos frenesíos gregantes da dúvida, dos esparecimentos da personalidade e da vontade, que prò tempo fora se vem chamando nevrose, pessimismo, nilismo, misticismo do excesso, enfim do elemento mórbido, em detrimento do sāo, reparador, que tantos problemas íntimos explica, Eça de Queiroz nada comenta, perscruta, entende ou interpreta, de entrerido com os fantoches autobiografistas do seu escarnio, movendo-se no despaixamento do seu cosmopolitismo de consul enojado da terra que lhe paga e chama filho, entre os saltos mortais duma ironia que faz luxo em deformar para estarrercer, e as inverezas da memória falseada por 27 anos de ausência, longe da raça tolerante de que él se fez ao mesmo tempo parasita e algraz e cuja vida julgou chinesa e decomposta, só porque ao seu dandismo desprove reestudá-la com impassibilidades de filósofo e pudores austeros de moralista. Se me preguntarem agora qual a moral dos romances e grandes livros de Queiroz, que hei-de eu dizer? Que é a moral naturalista, zolaica, que põe as criaturas como pilhas de instintos, molhos de forças naturais, travando lutas onde a mais bem armada delas é que vence? Que da narrativa impassível destas lutes, sái, por contraste, uma força de protesto, talhada em aspiração de homem para um ideal de graça que lhe foge? Bom Deus! mas impossível subordinar os romances de Queiroz a uma tal lei! — Daquelas forças e instintos, só um número pequeno atravessa as organizações tardias que él avoca, e tão fugidas, essas, que quase não fazem eixo no tipo, desmentindo-se sempre que isso convenha ao improviso sardônico do romancista. Amaro e Carlos da Mais, dois voluptuosos sentimentais, descamparam em odiantos bilhostres, quando o primeiro, farto de Amélia, quer dela descertar-se, e quando o segundo, sabendo-se irmão

de Maria Eduarda, continua a ser o seu amante. Além disso na obra de Eça a aspiração idealista é imprecisa, raras balbuciações a denunciam em vagas fórmulas que nem sequer formulam sonho, pois a ironia, egoista, não quer ver Triboulet chorar no meio da orgia dos senthures. Dirai então que Eça de Queiroz, pelo temperamento de garoto, pelos frenesis da vida gozadora, e desmazelos da educação literária e científica, nunca conscientemente pôde realizar vida superior, uma autonomia moral e mental onde os gérmenes de literatura social que por ventura haveria no seu génio, desabrochassesem em obras fortes, autopisias das almas, musculaturas de lutas, raivas de interesses, o todo por sequências de razão crítica, numa ciência profunda de relações e de conjuntos. Assim, mercê das futilidades dum espírito que ficou sempre embrionário, as qualidades fortes, que originalmente seriam muitas, pelo cosmopolitismo de artista, "venhi a dizer, 27 anos de exílio propositadamente isolado de tōda a observação e constatação da vida pátria, só deram abortos; e só as outras vingaram, mas mesquinhias, deformando-se: por exemplo em chufa, a ironia sem força filosófica; em catilinismo, o dandismo; em virtuosidade de quadrista episódico, a mais nervosa força literária moderna.

Como o leitor vê, Fialho é assaz áspero com Eça, porém, quanto a pureza de linguagem e a modalidade literária, podemos repetir: *Ambo florentes astutius arcades ambo.*  
Sendo Eça destituído duma alta capacidade filosófica, apesar do seu grande engenho estético, a sua actividade literária agita-se sem plano à mercê dos seus instintos e da rapacidade mercantil dos editores. A acidez do seu espírito sceptico não sente a docura da fé e a pureza dos intentos dum alma cristã. Zomba com triunfante alacridade de tudo o que é

venerando. Há nêle o realismo falso que procura o vício espesso, avassalante; há o pintor maldoso que exagera os defeitos, matizando a tela com sarcasmos cruéis e com antifrases subis, e raro se encontra o criador de almas de pureza idílica que, subjungando o leitor, lhe ministra seiva moral e luz acariciadora sob a floresta da vida.

O seu estilo anti-gramatical, com vocabulário que veio na enxurrada literária dum cígano de tribu gábia, que habitou em estalagens e alfaijas, é por isso adequado principalmente a descrever o regorgitar dos instintos da besta humana e não o homem moral superior, modelo nobre duma literatura sã. Quando julga no tribunal da sua acerosa ironia os homens e as instituições mostrase injusto.

Ora o princípio da justiça é a alma divina da espécie humana.

Muitas e muitas páginas dos escritores que, como ele, se dizem aparelhos registradores da realidade, não representam mais do que uma projecção subjetiva do seu ser, como um painel à guisa de consciência visível das suas próprias sensações, geradas por uma imaginação mórbida ou por um perverso idealismo a que elas chamam falsamente realismo. Estes realistas escarnecem dos românticos, mas, ao menos, as concepções ideológicas dos românticos apoavam-se sobre uma intenção moral elevada que ministrava seiva elegante à árvore da vida social.

O modelo de Eça tem uma existência fútil. George Brummel, o rei da moda, é a encarnação elegante de Fradique Mendes, o ideal de Eça. Brummel começou por corneta dum regimento, mas Fradique Mendes nasce fidalgo de linhagem em Angra, fonte da prosápia agoreana. É singular que, havendo tanta casa solarenga na Ilha Terceira, não há uma única com o apelido Mendes. Todos os Mendes terceirenses pertencem à casa dos vinte e quatro.

A feição psicológica de Eça de Queiroz é uma amalgama de epíourista e de Petrónio, — o gôzo e a peraltice. Estas duas ideias mesquinhas aliadas ao sarcasmo rutilante, constituem a preocupação da sua vida. Nunca teve o ideal sublime duma ideia grande, de renúncia ou de sacrifício. No advento da velhice meteu-se a escrever vidas ascéticas de santos, mas, desconhecendo os arcanos sublimados da fé, quis imitar o seu mestre Flaubert, na *Tentação de Santo António*, burilando apenas lindas frases. Não fez como o seu coeveo, Barão de Castelo de Paiva, médico e naturalista, que começou por tradutor dos romances de Voltaire terminando por autor dos *Nortões* ou *últimos fins do homem*, obra sincera e profundamente mística. A todos os talentos que indagam e refletem assim sucede, debuxando a *Arte bene moriendi*: do génio medieval.

A ação espiritual da literatura da escola de Eça gerou, em política, no primeiro quartel do século XX, entre os chamados intelectuais, esse abajramento de caracteres que motivou a glorificação dos assassinos de El-Rei D. Carlos, do Augusto Príncipe D. Luís Filipe, dando à luz o despotismo anémico e simiano duma república enferma e forasteira, sem haver geração nem um grande poeta, nem um escritor eminentíssimo.

\*

A obra literária de Eça não fôrta ainda res judicata no tribunal da crítica estética e ética. Foi-o no livro de José Agostinho, intitulado — *Eça de Queiroz*. Quem é o crítico que se patenteia deante de nós? E um talento amplo e vigoroso, nutrido dum ideal levantado, sem receber os aplausos que merece; é um desajudado do patrocínio oficial e que escreveu, entre variadas obras onde há encanto melódico para os ouvidos e pasto salutífero para a alma, um livro-pró-

testo contra um romancista nocivo que preparou com outros a nossa catástrofe moral.

Quem foi o escritor criticado que se ergue deante de nós? Foi um homem que nasceu da burguesia conceituada, viveu festejado na elegância aristocrática e rodeado de altas considerações, cesso de viver sentindo ainda escaldar o bronze para uma estátua que esfusivamente se derreia entre o leito e a sua essa. O primeiro escritor professa a religião da virtude, o segundo professou a do prazer. A figura de realce de José Agostinho, com o seu talento rutilante, fez uma dissertação honesta e elevada da obra do famoso romancista. É bem sabido que todo o bacharel de *tibi quoque* é idólatra de Eça, indo beber deliciado na sua obra, de lombo em arco de pipa, segundo a expressão de José Agostinho, a sugestão moral e artística, que o canon do célebre romancista lhe impõe. Para êsses, a obra dele é oracular, e o seu autor arroga-se o *meum suavium*, na frase de Terêncio. José Agostinho, o autor de tantos volumes meritórios, vem no seu juízo recto, no seu estilo imaginoso e terso como ago resplandente, dizer nobremente o que élé pensa da obra de Eça de Queiroz. Constitui uma merecida homenagem ao notável romancista, pois conforme é o santo, assim é a oferta. O brilhante escritor, antes de elaborar este volume, já estava coroado de louro, como na iconografia cristã está santa Gudula; mas nunca certamente, como agora, nas horas de trabalho, o demônio procurara como à santa padroeira de Bruxelas apagar-lhe a luz que o apô acende.

A pena do luminoso escritor, não obstante as tentações dos demónios mesocráticos, permanece iluminada pela fulgurante luz da verdade.

E bem certo que as línguas de fango, mensageiras do Espírito Santo, só desem do céu quando na terra as desejam inteusamente. Esta fulgida discessão era bem desejada por muitos e melhor aceita.

No entanto, necessitamos amargamente confessar que José Agostinho, neste volume, se fez fascinador de serpentes, não conseguindo dominá-las todavia, por serem cegas e surdas. Ora lá nos organemos; porém, fazendo semelhante juízo, não pretendemos ensinar a águia a voar. A crítica de José Agostinho patenteia-se calma. A sua frase coruscante, feita de precisão e de equilíbrio, projecta na cerração do pensamento alheio o fulgor profético duma visão mágica que deleita e avassala.

Illuminando com a fé muitas escurezas da vida oculta do universo, não deixa no entanto de nos dar, a miúdo, uma tabuada da objectividade positiva da vida real. Os seus livros são sempre um alto ensinamento.

Eça necessitava dessa crítica intrépida, esclarecida e desapixonada. A nenhum escritor português contemporâneo adregou o achar-se com tantos admiradores títulos como Eça, para garnear a sua obra. Luta por apagar as estrelas do céu e por atear o fogo infernal das paixões da terra, desconhecendo que a flor da felicidade só desabrocha na virtude e na paz. Observou e descreveu o que estava fora do homem, esquecendo o que estava dentro — a meditação; zombava do que havia de melhor na alma humana — da sua fé religiosa. A obra de Eça é uma caricatura dissidente da efígie espiritual da sociedade. A caricatura já é por si um arremédio da bela arte da pintura. A verdadeira arte não analisa a triste vida real: isso é objecto da ciência, mas compõe uma nobre vida ideal; Eça, como caricaturista, ainda deprime, disforma e envenena a vida real. No *Primo Basílio*, o supremo juiz e guarda da consciência moral duma esposa não é o sentimento da honra, nem o temor de Deus: são as ameaças da *sopeira Juliana*. E o livro achou leitores honestos, tornados partidários desta moral, e leitoras adulteras que evitam escrupul-

losamente, como cúmplice, uma Julian. Com efeito, há leitores honestos que por fascinação são ardentes admiradores de Eça, permanecendo todavia homens de bons costumes pelas virtudes herdadas ou pela educação da infância. No entanto, é necessário confessar que pertencem à categoria psicológica dos pervertidos pela razão estética. Esses leitores preferem sempre, como Eça, o ramo de mirtto ao ramo de oliveira, porque o mirtto era consagrado a Venus e a oliveira a Minerva.

O fim superior dum romancista é polir os costumes dumha sociedade e sublimar-lhe o seu sentimento moral. A soltura dos romances de Eça e o despejo das suas teorias impestaram a alma da nossa burguesia, tornando-a insensível ao espectáculo do descomodamento e da licenciosidade. A autoridade sugestiva da sua imaginação opulenta e a agudeza psicológica da sua observação não lhe tiram a sordida monstruosidade da sua obra, antes lha aumentam.

A sua produção literária ostenta-se, pois, como uma tela verbi-criminal feita por um artista verbi-criminoso. Estas telas só cessarão de cometer novos crimes quando se tornarem delidas e apagadas pelo tempo em que durar a impudica moda. E só destingirão o seu colorido vital quando se afunde no oceano da morte a geração de snobs ou de concupiscentes que o idolatram. A obra literária de Eça é das que felizmente não perduram. Acovardou uma louca geração e tiranizou uma nobre nacionalidade, que há de ressuscitar.

A *verbi-delinquentia* de Zola e seus sequazes traz-se na expressão de Cícero em *delictus nefarius servorum* que gera funestos actos, inficionando a sociedade. As personagens dos seus romances, as páginas fesceninas, as descrições lasciviantes, sujam quadros muitas vezes belos, lembrando o cálamo de Suetônio a mexer na libertinagem dos Doze Césares. Esses

quadros não existiam realmente em Portugal; a lascívia mórbida do Paris dissoluto, engolido do romance gaulês, é transportada como planta exótica para Portugal, burguesemente morigerado.

A obra de Eça é uma afrodisiografia, e a sua devração piedosa uma galotaria do realismo fescenino. Esses livros devem ser sepultados debaixo duma lousa, mais pesada do que o remorso, mais espessa do que o generoso esquecimento. No *Primo Basílio* teve o ouvio de se arvorar em *fellatorum turpis magister*. Parece um erotómano. Como é natural, esse erotismo literário intubou com a idade. O espírito deificador da luxúria parece um produto de hereditariade psicológica. Em verdade, os nossos Egas veem de fina prosápia, pois descendem de Fernando de Eça, que se chamou assim por ser senhor da vila de Eça, na Galiza, donde se derivou o apelido dos seus descendentes. Escreve Vilas Boas, autor da *Nobiliarchia Portuguesa*, na pag. 270: «Este Fernando de Eça teve amplissima geração, porque tinha tão larga consciencia que foi casado com muitas mulheres, recebendo umas, sendo vivas as outras, das quais dizem houve quarenta e dois filhos entre legítimos e bastardos, de que procedem os desta família.» Sabem qual era o sangue que girava nas veias d'este ditílito Fernando de Eça? Era nada mais e nada menos que o da estragada rainha Leonor Teles, Pois era filho da sua irmã Maria, conseguintemente sobrinho autêntico da barreiga de Andeiro, da Messalina lusitana. Esse pendor lascíviento acreditava-se ser um vago diabólico que acompanha esta linhagem do berço à essa, ou estrado mortuário, chegando um descendente, já proelecto, a requerer para que o seu escudo fosse cercado com um cordão de S. Francisco, emblema de devota penitência, mercê que o rei de armas lhe concedeu.

Semelhante ascendência, caso se provasse, explicava

a inclinação da pena de Eça de Queiroz perante os psicólogos do atavismo e o seu culto pelo realismo. Tratámos com Eça em Paris, em 1890, e antes e depois em Lisboa. Ele era pessoalmente um homem probro e um carácter bondoso, mas literariamente um delinquente. Há homens de quem se diz: não tem acção boa nem palavra má; de Eça quase se pode dizer o contrário.

Em Paris conversou muito conosco à cerca de coisas várias e sobre o escasso salário em Portugal do trabalho intelectivo. Em Agosto de 1890, para uma missão na Holanda, recebímos-nos do Governo, por intermédio do Consulado, noventa libras esterlinas; e o Consul Eça, ao entregar-nos essa quantia em luizes de ouro, diz sorrindo, com a sinuosidade subtil dos seus descorados lábios: «Esse naco do bezerro de ouro do Terreiro do Paço hás-de fazer-lhe mais bem ao estômago do que o bilhão arrancado aos judeus Guillard Aillaud.» Ele queixava-se-me muito, como autor, da avareza desta livraria editora de alguns livros meus.

Eis como o define José Agostinho: «Assim se explica que, sendo fundamentalmente bom, fez propaganda tenaz e satânica do Mal; deu esmolas e ridicularizou a Caridade; abnegou-se em alguns actos partidários, e ensinou os mais torpes e desvairados egoismos; foi afetivo e fêz gala dum cínismo per verso e indigno; amou e sofreu, e fêz de Amor o Ódio, e da Dor a Blasfêmia; sentiu piedade e amargura, e só derramou orueza e estreito utilitarismo.» (Pag. 122).

Escreveu tantas páginas licenciosas, não à maneira, mas como expansão peculiar da sua sensibilidade, e preconceito da sua nefasta escola. As essências estéticas queimadas na sua obra foram tam nocivas para muitas almas juvenis, que ficaram a aspirar um ambiente de gases tóxicos, não prevendo o envenenamento da sua vida moral. O verniz viscoso da sensualidade que ressuma de toda a obra de Eça macula o carácter do adolescente que tiver a infelicidade de ler.

Bemaventurados os que não sabem ler, porque ficaram limpos do coração e podem ver a Deus, Nossa Senhor. O saber ler é apenas um instrumento: tanto pode servir o bem como o mal. Os católicos franceses,

principalmente os *Irmãos da Doutrina Cristã*, ensinaram a ler metade dos filhos da França, para mais tarde virem a ler os periódicos anarquistas e os livros de propaganda antireligiosa.

A sensibilidade é assaltada logo na juventude coim-

bra por uma propaganda que abusa, em linguagem despejada, de todas as licenciosidades que possam agradar às paixões menos levantadas. Haja liberdade,

e Deus quer o uso dela, pois só nesse uso está o mérito das acções; mas nunca fique impune o que ataca os princípios éticos dum povo.

As plantas floríferas que vegetam nos livros de Eça preferem a montanheira à terra gandareza; e na luta

geração moderna pegaram de alporque, incendo o campo da burguesia letada sem carecerem de inver-

nadouro.

Na escola, de que él era mestre, matricularam-se

escretores de talento e escrivedores secundários, como

Alfredo Gales, Abel Botelho e outros que propagaram

muita sujidade. Todos os problemas sociais tem a sua

solução definitiva no lar doméstico. E esse o labora-

tório onde germinam os sentimentos, onde se preparam

as inteligências, onde se temperam os caracteres e se

purificam os costumes, imprimindo toda a fortaleza

material e moral a uma pátria. A família reclama

virtudes por tal forma poderosas, que uma nação que

querer viver, necessita que a sua autoridade esteja

vigilantemente de espingarda ao ombro contra os

diversos assaltantes

mento da sua vida moral. O verniz viscoso da sensualidade que ressuma de toda a obra de Eça macula o carácter do adolescente que tiver a infelicidade de ler.

Bemaventurados os que não sabem ler, porque ficaram limpos do coração e podem ver a Deus, Nossa Senhor. O saber ler é apenas um instrumento: tanto pode servir o bem como o mal. Os católicos franceses,

principalmente os *Irmãos da Doutrina Cristã*, ensinaram a ler metade dos filhos da França, para mais tarde

virem a ler os periódicos anarquistas e os livros de propaganda antireligiosa.

A sensibilidade é assaltada logo na juventude coimbra por uma propaganda que abusa, em linguagem despejada, de todas as licenciosidades que possam agradar às paixões menos levantadas. Haja liberdade, e Deus quer o uso dela, pois só nesse uso está o mérito das acções; mas nunca fique impune o que ataca os princípios éticos dum povo.

As plantas floríferas que vegetam nos livros de Eça preferem a montanheira à terra gandareza; e na luta

geração moderna pegaram de alporque, incendo o

campo da burguesia letada sem carecerem de inver-

nadouro.

Na escola, de que él era mestre, matricularam-se escritores de talento e escrivedores secundários, como Alfredo Gales, Abel Botelho e outros que propagaram muita sujidade. Todos os problemas sociais tem a sua solução definitiva no lar doméstico. E esse o laboratório onde germinam os sentimentos, onde se preparam as inteligências, onde se temperam os caracteres e se purificam os costumes, imprimindo toda a fortaleza material e moral a uma pátria. A família reclama virtudes por tal forma poderosas, que uma nação que querer viver, necessita que a sua autoridade esteja vigilantemente de espingarda ao ombro contra os diversos assaltantes

O romance, o conto, a comédia, o drama de espírito pagão, são agentes corrosivos da célula social, que a envenenam e matam.

Sem sermos maniqueus, cremos que dominam o mundo dois princípios opostos e coexistentes, um bom e outro mau; na arte e na moral dos povos civilizados, o primeiro princípio chama-se cristão, o segundo pagão. A existência desse rude combate dura, há muitos séculos, com épocas intensamente rubras por sangrentas pelejas.

A renascença do paganismo continua: *voluptas est malorum essa*. A voluptá é isca da desgraça. Foi a voluptá que tiranizou o espírito de Eça, e aviltou a sua obra. Os seus romances, gerando um nefitismo pútrido, espalharam uma poeira tóxica que cegou até os olhos da sensibilidade moral de algumas pessoas honestas.

Toda a sua obra constitui um vasto muladar onde aqui e além vegetam flores de notável fragrância, mas nenhum leitor que seja alma de sentimentos puros pode arriscar-se a ir colhê-las sem que fique enameado.

De nenhuma dessas flores, no templo da arte, se pode fazer, ao menos, um artezão, porque são fragmentos dispersos como ruínas. A *Correspondência de Fredíque Mendes* poderia ser lida por uma senhora, se não fosse o impudico capítulo VI das scenas da alcova, que imprime a toda a brochura o aspecto dum rosal, babado por uma lesma, sendo para notar que essa obra é o auto-modélo vivo da estatua que é esculpiu vaidosamente sob o criptônimo de Fradique Mendes.

Tomás Ribeiro, um génio de artista e um génio de bom, contou-nos na sua casa, das ruas do Salitre, em Lisboa, a seguinte passagem: «Ontem de tarde comprei numa livraria a *Reliquia*, romance que acaba de aparecer, lendo à noite apenas umas dezenas de páginas. Pois, meu caro amigo, não leio mais. O culto

egípcio a Antínoo, a ámasis de Adriano, era menos pagão. Eu nunca vira semelhante *inhonestum verbum*. Vou queimar o volume. Que blasfêmias tam indecorosas e inauditas!»

Tomás Ribeiro é um grande poeta, classificado de romântico.

O romantismo prescrevera a imitação tirânica da antiguidade pagã e procurara na crença popular e nos cantares da Idade-Média a sua inspiração.

Que formosa e alta geração aquela!

Quero furtar-me às misérias do presente, encerrando-me pelo estudo e pela contemplação nesse passado literário.

O pendor essencial da literatura romântica é a constante exaltação do heroísmo e da virtude. A lista destas criações é longa, enaltecedo o amor da liberdade e o horror à mentira. A literatura realista é profundamente desoladora e triste, mas dum tristeza soturna, onde não surge nenhuma aspiração elevada. Cria personalidades sem fé e sem esperança. Não pode manter-se : a reacção virá necessariamente. A obra de Eça reflecte as carnalidades da moderna França dissoluta, e falsamente adapta-as a personagens portuguesas. Quem quiser compreender o que é a vida social da terra lusitana, leia Júlio Dinis, cujas obras são um eucolégio das nossas virtudes caseiras, das nossas mulheres recatadas, da nossa fé cristã. Neste escritor aprende-se a amar a nossa terra e evitar os seus desfeitos. Uma semelhante obra contribui para a criação de ideias sãs e para a purificação dos costumes. Eça residia em Portugal, porém não vivia em Portugal; por isso cada um dos seus livros é um pregóiro da desnacionalização, mas o seu talento falso obteve adaptar ao nosso meio parte das suas criações artísticas, fazendo de muitos leitores portugueses, pela sua depravação psicológica, simples hóspedes de Portugal. Um português autêntico que tenha

a rara afoutenza de ler as obras de Eça, com a convicção de que lê um escritor nacional, apoderando-se do seu assunto, sente-se imensamente triste e intensamente aguiilhado pela nostalgia da Pátria, dessa pátria amada por Garrete, Herculano, Castilho e Mendes Lial, antecessores literários de Eça. Eça, ainda que xenomaníaco, tinha talento para não precisar de ser romancista brejeiro, podendo deixar de escrever páginas e páginas em que cada frase é uma remetidura contra a honestidade.

José Agostinho fez uma larga e profunda exposição didáctica analisando as relações entre o *materiaísmo* em filosofia e o *realismo* em arte. Era Eça um artista com pouquíssimo cultivo filosófico e científico, professoando por temperamento o estreito materialismo vulgar que coexiste sempre com uma moral essencialmente egoísta. O anseio que torturava a sua alma era o dinheiro; suas divindades dilectas, Pluto e Venus. A cobiça do ouro obrigou o seu espírito a uma produção literária intensiva para obter maior soma de ganho, atum de conquistar gozos. Ele dizia que o dinheiro é que faz a vida nobre. Eça era um sóptico. Nunca entendeu a harmonia do ser, nunca atingiu senão a vida carnal, quando a única realidade substancial, pôsto que invisível, é o espírito; o corpo é apenas uma aparência instável. Essa é hoje a conclusão da análise da própria sciéncia. A sua inteligência não viu êste arco do horizonte cognoscível. Encharcado no lodo da impiedade, o seu espírito era levado pela teiro da lascivía, que é o miserando cacoete da sua obra literária. Chega a parecer um vitimado intelectual por uma satirise tórica ou nervosa. Com resplandecente eloquência dá na sua obra literária a tradução do seu ideal em carne, dissolvendo êsse ideal em gózo.

O pudor é a *magiestas faeminarum* constantemente assaltado pela pena dos escritores realistas; e êsses campeões não podem fazer outra guerra, pois que uma

mão ulcerada só lança punhados de pus. A escolha nas páginas desses isónomos livros é fugir do ribeiro e cair no atoleiro, o que é natural, pois que não bebem a inspiração na límpida fonte de Castália. Esperar o contrário equivale a buscar água em fonte seca. Os livros de Eça, uns são abertamente imorais, outros, pelo conteúdo ou pelo equívoco da frase, são, pelo menos, perigosos. A sua leitura empestou o nosso ambiente social, porque, quando não desmoraliza francamente, zomba, e a zombaria é o relâmpago da calúnia que abala muitos caracteres. A personagem imaginativa que circula, pintada nos seus romances, quando não é concupiscível, sofre de flebite hereditária, criando trombose purulenta e acabando em embolia mortal, proveniente de hipocrisia, de sarcasmo ou de ridículo. Eça não ama a beleza sô: ele próprio era um mórbido, um cadáveroso. As suas criações, quando não são um charco de sujidades, são, como tipos nacionais, um arquivo de mentiras. Considerou Portugal como uma terra da *herba pedicularis*, plantando nela o tanchão do vício gálio.

O verdadeiro artista é apostolo do belo nem nunca se deslembra que, como homem, é vassalo do bem. Eça, escravo dos seus mestres franceses, postergou definitivamente esse dever universal de vassalagem. Clasifico-o de escritor clínico no sentido filosófico do termo, isto é, que aparenta afrontar as conveniências tradicionais e a decência pública, desprezando como fama.

Não quero ocupar-me do semeador, mas unicamente daquilo que semeia. O escritor realista dêste toque é uma rês do rebanho de Epicuro, que enrijou para o campo estético a pastar a erva da lubriidade humana. A literatura licenciosa, quer ministrada nos livros, quer espalhada nas gazetas periódicas, ou patenteada nos teatros, dissolve a civilização cristã, cria o exér-

cito do vício e do crime, anulando a moral avita e degradando a nossa raça. O Sumo Pontífice Leão XIII condenou a *opera omnia* de Zola, e os falsos católicos chancearam do salutar rescerto. O periódico *Times* evita o nome de Zola como uma indecência. O seu austero respeito pelo público inglês não consente, por obscura, sequer a menção dos livros de Zola e doutros realistas pornográficos.

Eça, nas *Cartas de Inglaterra*, faz galhofa dessa medida de sanidade moral, tomada pelo grande diário inglês, e aplaude estarrado, com facétias, um garoto que traçosamente meteu um dia umas obscenidades no texto da grave folha britânica. São diferentes modos de ver, o do relator inglês e o do romancista português.

O seu juízo era flácido. Falando de Brunetière escreve: «Isto desde logo o torna para mim um crítico extremamente respeitável e pouco simpático. É um risipido inflexível. E esta outra qualidade do Sr. Brunetière aumenta a minha antipatia total de instinto para com este homem de talento e de bem.» Esta modalidade critica exprime o sentir de toda a sua obra pagã antipatiza por instinto com a mulher austeria e simpática com a compassiva e acessível. É um paridário franco da moral relaxada. Ramalho Ortigão e Fialho de Almeida, dois brilhantes parceiros de Eça, ainda viveram para, sucumbidos, envergarem a colheita apodrecida que deu o fruto bichoso da sua nefasta sementeira. Nesta crise desalentadora da nossa pátria, exclamamos: Bemaventurados os mortos porque já não tem que morrer.

As causas do mundo caminham às avessas: O escritor Eça bateu desalmadamente e feriu profundamente, nos seus alicerces, a instituição monárquica, e recebeu dela em vida só mercês e depois de morto uns estatua e uma pensão à viúva. A república que lhe sucedeu é fruto da semienteira de Eça e da dos seus

sequazes; pois essa república já retirou a pensão à viúva e pensa em apear a estatua! Bem diz o rifão popular: — assim paga o devo a quem o serve.

A generosidade semeia sobre a terra, freqüentemente benefícios e a sua colheita são viboras. O orgão visual da vibora não tem pápebras, mas ela tem dentes de peçonha para entopecer os animais de que se nutre.

As estâncias dos correios da América do Norte, como já dissemos, rejeitaram o distribuir e fazer seguir por indecentes, os bilhetes postais ilustrados com a fotografia do monumento erigido em Lisboa a Eça de Queiroz. Tam justa medida lembra ao Portugal velho a frase de Herculano: «O sangue ainda não esqueceu o caminho das faces».

O glorificado com dinheiro de portugueses por essa estatua nem venerou as mesmas glórias, nem professou a mesma fé, quase nem se exprimiu na mesma língua, pois que vioiou e deturpou o idioma de Cambes, do Padre Vieira e do Padre Manuel Bernardes. O homem de talento, como Eça, que escreve a sua língua sem correção, é como a mulher formosa que não sabe lavar-se nem pentear-se. Afirmou o notável lexicólogo e carinhoso cultor da nossa língua, Dr. Cândido de Figueiredo: «Depois que se publicou o *Primo Bastião* e *O Crime do Padre Amaro*, os perniciosos exemplos de um grande romancista produziram uma clientela, que diariamente nos anda a martelar o timpano com loquões deste jazez...».

Em seguida reproduz uma série de frases bárbaras que arrepiam os cabelos a todos os que prezam a nossa formosa língua. Num escritor, o amor da pátria não deve separar-se do amor do nosso idioma: A língua pátria é a condição mais robusta e a mais característica da autonomia nacional. Sobre os livros de Eça escreve José Agostinho: «*Lá-los* é descer da pátria e da família, da colectividade e do indivíduo,

do progresso e da liberdade, da fé e da moral... renegar da boa linguagem dos nossos avós. Com belezas de estilo a sua leitura só deixa desconsolo e pessimismo.

A nossa servil imitação do figurino da república francesa atingiu até o arremedo da sua absurda grafia, quando tinhamos, para imitar, as duas racionais ortografias das monarquias de Itália e da Espanha, que são a representação simples e nítida de duas formosas línguas, de parentesco fonético e morfológico mais próximo da nossa. Já sentenciara o grande Castilho: «Causa lastima a quem tem olhos de ver, onvidos de ouvir, e coração de palpitar aos influjos do bello, causa deserto muita lastima presenciar o como, sem razão, e contra toda a razão, se está em nossos dias despojando de suas formas as construções, tão artísticas, o escrever e o falar das nossas duas gentes, d'aquem e d'alem-mar.

Se lá e cá ha ainda (que os ha merecê de Deus) escritores que dentre o vulgo dos escrivedores se extremam pela sua fidelidade a esta respeitabilissima parte da tradição, que nos filia tão legitimamente ao antigo povo togado, senhor do mundo; a maioria, incapaz por sua incultura de conhecer o que pisa aos pés, imagina fazer também obra de progresso, quando, a par com o vocabulário forasteiro que se deva aceitar, aceita, busca, dessa em tudo invasora França, a sua pauperrima distribuição das parcelas do discurso, esse desar, e o maior desar da lingua francesa, sentido, confessado, deplorado por todos seus autores mais ilustres. Traductores do francês, froucos de consciencia e apoucados de discernimento, lidam por nol-o incamparem para o logar do nosso período vernaculo, quando o nosso período vernaculo tanto sobreleva em donaire, e em effeitos de composição, em variedade de cortes, em numero e musica, em razão lógica, em prestígio rhetoricos, poeticos, e talvez até em

clareza ao engojado período francês, de agente, verbo e complemento, quanto ao nosso desbancava aquelle mirítico, tão calculado, e tão sabio exprimir dos romanos e dos gregos!».

Todo o romance que não tivesse o fetido lascivento, era para o paladar de Egas um xarope de sensaboria. Assim pensou e assim escreveu, enchendo os livros de muita ironia feliz e de muita vivacidade coruscante. O tipo das mulheres das suas novelas é uma rosa em que cada amante tira uma pétala. A filosofia do novelista está expressa na cantiga andaluza:

Por um beijo ni dos,  
Ni tres, ni quatro, ni ciento.  
La mujer no pierde nada,  
Y si hombre queda contento.

Os seus diálogos são um câmbio de vícios entre as almas. Em verdade prestou larga homenagem ao vício e atacou com alacridade rutilante o ridículo. Ora é máxima que nas sociedades onde se censura o vício está-se virtuoso; nas sociedades onde se censura o ridículo está-se corrompido.

Não se pode esperar das tostadas areias dum deserto o refrigerio dum fonte perene.

O amor da nota original e exótica levava a afirmações estranhas. Na *Correspondência de Fradique Mendes*, cap. XVI, com que remata, julga nele mais meritória a vida de Budha do que a de Jesus-Cristo. Vê-se que este divino hóspede não foi hóspede do seu peito, porque o não podia agasalhar condignamente. Por último, *sapientis est mutare consilium*. Eca meteia-se a agiógrafo, talvez como penitência literária, pois ninguém em Portugal ofendera tam despejadamente o licínio da iconografia de Santa Justina, animal que é símbolo do mais puro dos sentimentos humanos. Deixára a *eloquio turpis* para entoar os funerais da ilusão, afirmando a superstição da ciência. E

necessário haver muito cuidado com a congestão: a turgência dos vasos conduz, às vezes, à ruptura. Quando o sangue se extravasa no tecido celular, produz-se o edema, e a reabsorção na ordem fisiológica é às vezes difícil e lenta; na ordem social quase incurável.

O simpático moço Vicente Arenoso, filho do nobre Conde de Arenoso, publicou no *Dia*, a propósito da pensão «Ega de Queirozo», uma carta aberta na qual confessa que, em toda a obra, o famoso romancista foi um demolidor de velhas ideias e preconceitos, por conseguinte nocivo ao regime monárquico, mas que a monarquia lhe deu a pensão, atendendo à sua prosa cantante e à beleza da sua forma literária. O talentoso moço escritor acrescenta que ninguém entendeu cuidou do conteúdo das nefastas ideias do célebre romancista, às quais chama *futilis nimborizas*. E entre as obras que na carta elogia, cita *O Crime do Padre Amaro*, essa falsa invenção criminosa contra o clero nacional, e a *Reliquia*, essa repugnante blasfêmia contra a portuguesa piedade cristã. O Sr. Vicente Arenoso é, como seu pai, um fidalgo português, amante das belas letras. Até o vocábulo arenoso lembra o gladiador que combate na arena; e o egrégio Conde, o desenganado *riulista*, na rude adversidade revelou-se o lial cavaleiro dum valoroso suzerano que ajudara a perder desastrosamente, fortalecendo os assaltantes que minavam as covas de Jóbo do seu castelo roqueiro, e desmoralizando os sitiados à sombra da mancenilha da criminosa e letal indiferença. Os cortezões da monarquia cuidavam de dilectantismo e não de princípios, dos burilados do vaso de ouro por onde se bebe a peçonha e não da própria peçonha, da casca e não da amêndoia. Seguiam portanto o adágio da língua de Bossuet: *L'œuf mange la paille et la souris le blé*. As páginas da história repetem-se. A narrativa das revoluções

políticas não é letra morta: é espírito sempre vivo para olhos traç quilos que sabem ler. A história instrui, patentendo-nos como é que a revolução destrui e a tradição constrói.

Estes áulicos lembram-nos os salões da hetera marquesa de Pompadour, em que, mancomunada com nobres e literatos voltaireanos, combinava, nessas impías tertúlias, em que se escarnecia de Deus, enzonar o indígnu Luís XV para efectuar a expulsão dos jesuítas, que fizeram o renascimento literário em França e criaram a grande sociedade hierarquizada do século XVII, outorgando à França a hegemonia literária, e à diplomacia a língua francesa. Esses padres expulsos de França eram ao mesmo tempo acolhidos com alta estima na Prússia por Frederico o Grande... As ideias dos escritores incrédulos do século XVIII geraram a Revolução, cujas reformas políticas foram aceitas pelas nações latinas, resultando daí a sua decadência e a sua desordem. A raça germânica, que desprezou a nefasta revolução francesa, domina, firme na sua fé, sobre a Europa e sobre o mundo, como antes dominara a raça latina. O despenhar da França é menos rápido, porque os franceses cristãos e o prestígio herdado dos tempos da monarquia, ainda a mantém. As filosofias materialistas e as democracias puramente industriais são incapazes de piedade, pôsto que pregoeiras de fraternidade. A grave questão da natividade em França é um vergonhoso problema, nascido da acção literária, pornograficamente exercida pelos escritores realistas daquela nação, que propagam sedutoramente a morbosa religião do gôzo terreno como único fim do homem. Os intelectuais da terceira república, no jornalismo, no teatro e no romance, escarnecem da virtude e tornam ridículos os homens que defendem a moral tradicional.

A zombaria da nova geração triunfo, mas triste triunfo! Hoje há quem, aterrado, lance mão do clarim, tocando!

a área do ignominioso suicídio nacional pela despojação crescente. A França, que deverá ter 50 milhões de habitantes, breve só terá 30. E a ausência de Deus nos lares, que marca no ambiente a cifra fatídica da derrota francesa perante os seus vizinhos de além do Reno. A alma refugiante de Joana d'Arc e de S. Luis anuncia no lodo da impiedade republicana.

E a estátua? E como é que o lial e desassombrado Conde de Arenoso, que pela sua posição devia sugerir a El-Rei, ainda que penosamente, o destino dos livros de Eça, ao contrário, promovem esta paixão à obra dissolvente e desmoralizadora do fesonino escritor? O snobismo e a patologia das doenças contagiosas que responda, mas também responde com nobre galhardia José Agostinho, nas seguintes palavras: «A estátua é bela—concordamos. Mas, acima de bela, é justa, porque rigorosamente não tem pedestal, está como que posta sobre a relva, à sombra da palmeira do largo de Quintela, esperando que alguém a leve e a esconda para honra de velhos e puros portugueses. Não tem pedestal, como o não tem a maravilhosa arte do romancista, alma sem fé, sem princípios definidos. Não pertence à Lisboa, a Portugal, à pátria da erença, do amor, do heroísmo, da liberdade, pertence à galeria dos que fôda a gente chama *blaas*, e que, ou se vestem de Petrônios em disponibilidade on, entre dois cálices de cognac derramam sobre as turbas ignorantes & dinamites que constituí o sangue em brasa de tantas ambigües.» Tem uma estátua pelo preço de cinco contos, que é um aviltamento para a cidade de Lisboa; e o desceramento foi assistido pelo elemento oficial, chegando até um padre a fazer um *speech* dum eloquêncio imponente. Esse padre foi o Rv.º António Cândido. E óbvio que semelhante paténece não foi baseada nos Santos Padres, sem embargo do apotema dizer que:

### Sermão sem Santo Agostinho

E panela sem toucinho.

Os monumentos artísticos são o mais duradouro padrão da vida espiritual dos povos mortos que actuaram na tela da história. O regimento numa praça, de semelhante estátua, é a certidão de óbito moral dessa cidade. A síntese impudica da obra do célebre romancista podia ter um letreiro, como a

Venus que, há tempos, um escultor apresentou no Salão de Paris, profanando torpemente a frase do Evangelho de S. Mateus: *Venite ad me omnes.*

Curam-se as feridas causadas pelo aço, não se curam as causadas pela língua e muito menos as causadas pela pena, falsoicamente corrosiva. Quando Eça já quinquentenário, medicando-se com o cardíño das almorreimas, e que já devia estar trópego de peregrinar nos altares de Afrodite, quis guarecer as bostas da nefaria obra da mocidade, o pus já tinha alastrado, gerando Gangrena. Sucede sempre assim: *Quando Deus dá a farinha o diabo facha o saco.* No entremeses, na ópera lírica, ainda preferia alongar os bailados e encurtar as saias das dançarinhas, a ouvir cantar uma *Ave-Maria*.

Literariamente não se converteu à fé cristã. Comprou livros místicos, escreveu páginas esplendentes com nomes agiográficos, mas viveu no meio desses livros folheando as suas páginas, incapaz de compreender o que elas encerram de transcendente. Muitas dessas últimas páginas, sem dúvida de uma grande beleza, não ascenderam, na essência, ao supra-téreo, ao ultra-material, são como uma lâmpada de ouro ricamente cintzelada à qual falta o óleo santo que alumia o altar do Altíssimo. O autor não obteve contrito a pôr na lapela um ramo de lágrimas de Maria Santíssima (*juncus paludosus*), emblema do seu público arrependimento.

No resplandecente campo da sua memória imagina-

tiva, as sombras da morte que se avizinhavam, começaram a me fascinizar a paisagem, estendendo o seu manto de luto. Começava a soprar rijo o vento da deodância vital, esse invencível arauto da segunda tormenta da vida. Já não podia ler os poemas em latim bárbaro, tendo por modelo *Lau Veneris tenebrosae*. Esse assunto era-lhe adiáforo. Hoje volta-valhe as costas. Fazia o que Dido fêz a Eneas nos infernos, quando este foi para pedir-lhe desculpa por haver desprezado o seu amor.

José Agostinho crê no final arrependimento do famoso romancista. Escreve ele: «Os últimos anos da vida de Egas foram esse chamamento arrependido e dilacerado, embora tímido e confuso. E assim, se conseguisse viver mais algum tempo, Egas não seria só um dos nossos mais originais escritores, apesar de tantos defeitos crueis: seria, depois das banais choradeiras do romanticismo indígena, a maior lágrima portuguesa sobre uma das maiores misérias da Humanidade — esta pátria a decompor-se, porque lhe tiram o único oxigénio: a Fé e o Amor.»

Em regra, quando a tesoura da dor começa a cortar o fio da vida, o baixel da quimeras singra já norteado para a terra firme da verdade, ainda que não desgotine senão vagamente os seus contornos, quase invisíveis e menos atraentes.

O ideal religioso, que alimenta o gênio do artista, patenteia-se como a portentosa *arca da aliança* que une sublimemente, pela imaginação, a subjetividade do finito, à objectividade do infinito, aproximando os terrenos suspiros do artista às supremas harmonias de Deus. O coração do ímpio torna-se lapidescente, a descrença abate toda a energia moral; é como a erva da campina desde que passou nella o segador. As sensibilidades, acirradas pela orua desorença, ferem o próximo pelo escárneo, desconhecendo a piedade que acriolla as almas elevadas. Os ímpios, desape-

rados com a adversidade, revoltam-se contra Deus, supondo-seontamente com o direito de exigir do Omnipotente gozos terrenos, desconhecendo que o moledo de granito ou de mármore não tem direito de dizer ao escultor que não querer ser um escravo, mas um rei numa obra prima do génio. Se cada homem pudesse escolher o modelo da sua ambição, uns quereriam a riqueza de Salomão, outros o poder de Cesar, alguns o talento de Santo Agostinho e poucos a caridade de S. Vicente de Paulo.

Só no campo da perfeição moral, único caminho da felicidade, é que o homem pode ser o artista do seu destino. A virtude permanece acessível a todas as almas que a procuram. Todavia, nos canteiros do jardim da existência, a mão do mortal, amiúde prefere olhar avidamente a círcula venenosa do prazer ao lirio cândido do bem.

Fazer da arte um moralismo é absurdo, mas inscrevê-la como subida da moral é condição irredutível da sua acção salutár na seio da humanidade. A moral aliada à fé inspirou a grande arte. Ao contemplar uma pintura mística de Fra Angélico, a alma sente-se entrar num reino ideal de paz. Miguel Angelo disse de Fra Angélico: é impossível que êste santo monge não tenha visitado o paraíso e lhe fosse permitido escolher lá os seus modelos.

As flores, esparsas fragrantemente no caminho da vida humana pela mão carinhosa da fé, foram arrebatadas desapiedadamente pelo vento arrogante do ódio satânico e da brutalza revolucionária. Houve uma revolução que doutrinou e proclamou soberbamente os *direitos do homem*, esquecendo os seus deveres e zombando até dos deveres sagrados — os deveres para com Deus. E nessa revolução que estão as origens da corrompida França contemporânea, históriamente analisada por Taine. O fermento gerador da discordia social coexiste com as paixões humanas, e

só a caridade do Evangelho é eterna, como a fonte divina donde dimana, e só ela pode debolar ou amortecer esse germe perturbador, conquistando o espírito da fraternidade. Toda a sociedade que blasfema da ideia de Deus, é torpe; toda a sociedade que se não inspira na ideia de Deus, é grosseira; toda a sociedade que se não imbebe na ideia de Deus, é Gélica; toda a sociedade que não tem como fundamento a ideia de Deus, permanece bárbara, ou, se foi civilizada, jace à última degradação da desordem e do crime.

Não é o dom da bravura que é uma virtude, mas o emprégio elevado dessa bravura; não é o dom do talento que é uma virtude, mas o emprégio elevado desse talento em proveito da pátria ou da humanidade.

A fantasia literária de Eça é um caça-abelhas para a pureza moral dum leitor incênuo. «O que é um caça-abelhas? É uma linda ave do México que tem na cabeça um feixe de penas, em forma de flor. Quando a abelha, enganada, pousa nela, as penas fecham-se sobre o incauto insecto, e o astuto pássaro engole.

Com uma grande inconsciência, o Conde de Areoso faltou gravemente aos seus deveres de fidalgo, pois que a função da nobreza é servir a Deus, à Pátria e ao Rei; e ele, como os aviltados nobres franceses do século XVIII, ajudou fervorosamente o triunfo dos literatos que faziam a propaganda das ideias dissidentes.

Todos os portugueses de hoje, que querem o resurgimento moral desta pátria, necessitam esquecer Eça e devem silenciosamente sepultar a sua obra na voragem das couças mortais.

Entre os estrangeiros do interior, Eça de Queiroz é um dos mais qualificados e aplaudidos pelo Liberalismo maçonizante, e em verdade ninguém com mais êxito em Portugal, entre os exímios fraseadores,

corrompeu os costumes, enfraqueceu as tradições e paganizou as almas.

Eça de Queiroz era, na sua xenomania, um cultor do paradoxo, insuflando sentimentos funestos e ideias lamentáveis; e, com a roupagem do seu estilo, produziu na sociedade portuguesa efeitos desastrosos. Fallo de carácter firme, porque não tinha norteamento moral, flutuava à mercê das frases de efeito e das chocarrices engravidadas, actuando desta guisa como um caluniador da sua Pátria e estragador dos costumes.

A ignorância de Eça sobre a história e geografia do seu país era assaz lastimosa; corria parelhas com o seu amor pátrio. Ele foi sempre mais francês do que português, e já seu pai era natural do Rio de Janeiro. Eça depois da França amou a China: atendou vestido de cabala de seda, como se mostra numa fotografia sua.

Eça de Queiroz, dizendo-se secretário da escola do real, entreteve-se, na sua obra literária, em adejos de fantasia, a mangar com coevos e nascituros, até na simples indicação da terra onde nasceu. Nos documentos escolares do Liceu e Universidade, dá-se como natural da Póvoa de Varzim; no livro de registo do seu casamento, na freguesia de Cedofeita do Porto, dá-se como natural de Vila do Conde; numa carta a Oliveira Martins, dá-se como «filho de Averro, educado na Costa Nova, quasi peixe da ria.» Que zombeirão! Afinal um biógrafo modesto e elogiador soberbo, que não permite que lhe escuretem a razão nem lhe enrouqueçam o entendimento, vem, depois de árduo trabalho, tornando o caso retumbante desde Homero até ao Sr. Faustino da Fonseca, provar que Eça de Queiroz é pôveiro. Não publica o texto completo da certidão de baptismo de Eça de Queiroz por justa suscepibilidade. Diz-nos todavia que foi padrinho do neftito o Senhor dos Afitos, com cujo resplendor o baptizante o tocou.

O inocente infante parece que foi gerado em pecado mortal, pois a sua vida de romancista satânico foi votada a aflijir, impiamente, Nossa Senhor dos Afitos, em particular na sacrificada novela *A Reliquia*, onde a blasfêmia é repulsiva. No longo sonho da paixão de Cristo, que é um trecho de maravilhoso colorido e de relêvo trabalhado, há o despauperário psicológico de pôr o bachelar Raposo, um estúpido e um boçal hipócrita, a sonhar aquela visão grandiosa e delicadamente comovedora.

Com efeito, Eça falando da sua vida de Coimbra, nas *Notas Contemporâneas*, escreve: «Além de pendermos para o jacobinismo, tendíamos por acinte de rebeldia para o Atelismo.»

Diz o modesto biógrafo que «o famoso romancista antes de começo a escrever coroava-se de manto e rosas tal como as bacantes que outrora se envolviam airosoamente no *peplum* acolcheteado no ombro, para assim enfeitadas empunhando tirso a que se enroscavam hastes de hera e pâmpanos, celebrarem com elegância e graça as suas festas no Parnaso.» As bacantes nunca vestiram *peplum*: essa vestimenta era das austeras matronas romanas. As bacantes vestiam peles de tigres, de panteras ou de cabras, com que nas orgias percorriam os montes, possessas da embriaguez e da Inbriicidade. O seu atributo distintivo era o *phatus*. Como veridicamente se vê, o modesto biógrafo, nesta alegoria mitológica, é assaz cruel com Eça.

A obra de Eça, servindo-nos das comparações da Odisséia, é a ilha dos Lotófagos, faz-nos esquecer até o próprio nome da pátria. Muitas das suas páginas tem a magia duma Circe, pois transformam os leitores em degradados companheiros de Uliisses.

Falámos atrás de plagiatos: António Enes acusa numerosas aproximações, patenteadas trechos entre as *Farpas* e *Les Guêpes* de Alfonse Karr. O Dr. Jogo

Meira, médico de Guimarães, é o seareiro que faz mais larga colheita de plágios, publicando em 1910 uma brochura sob o título de *Infâncias estrangeiras em Eça de Queiroz*.

O famoso romancista era um possesso de superstições: Quanto mais ineréculo é o homem, tanto mais atraiçoado se sente para os falsos cultos.

Por Eça ser grandemente supersticioso, entende liberal panegirista que ele muito devia desgostar-se com o seu apelido *Eça*, por este significar um cemotafio e lhe cheirar bastante a defunto. Ora Eça de Queiroz, apesar de ser pouco clérigo em filologia, não era todavia tão leigarraz que ignorasse que o seu apelido *Eça* provinha, como já dissemos, do nome próprio dumha vila na Galiza. Remonta à época medieval a numerosa linhagem portuguesa de *Eça*. Os nomes *essa* e *Eça* não são homónimos, e no norte de Portugal nem sequer são homófonos. O substantivo comum português *essa*, não *eça*, significando *estrado erguido*, catafalco, deriva do latim *eretum*, feminino do participio passivo *eretur*, do verbo *erigere*, erguer. Assim se escreve hoje na ortografia oficial — *essa*, e assim escreveram no século XVI Fernão Mendes Pinto, João de Barros e Diogo do Couto.

O modesto biógrafo e cordial panegirista, indo visitar a jazida de Eça no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa, escreve: «Felizes os que repousam!... Beati quia quiescent, como disse Luther, engarando as sepulturas do cemitério de Worms.»

Tam enternecido admirador de Eça, e simultaneamente católico liberal e Conselheiro de S. M. Fidelíssima, não encontra na sua memória outra piedosa invocação senão a do heresiárca do protestantismo. Esta nota marca tristemente o sinal dos tempos.

## CAPÍTULO VII

O passamento de Ramalho Ortigão e a critica. Primeira fase literaria: Ramalho democrata e impio; segunda fase: Ramalho monárquico e arrependido. Ramalho novo e Ramalho velho. Qual a idade frutifera?



passamento do saudoso escritor Ramalho Ortigão motivou diversos escritos acerca da sua personalidade. Mas o que sobressai entre todos é o agudo estudo publicado por Hementério Arantes, o delicadíssimo poeta do *Livro de Maria* e o penetrante crítico de *Fr. Agostinho da Cruz*. Foi ele agora o único que profundou com serenidade e justezza a análise das duas fases evolucionárias da vida literária de Ramalho. Hementério Arantes já tem um nome que marca. Há homens célebres pela rútila elevação do espírito ou pela heróica bravura; há outros célebres pela abundância dos seus rendimentos. Hementério Arantes possui lugar assinalado na primeira categoria. É um

coração que sabe vibrar ao contacto das misérias da pátria, movendo bem uma aparada pena, a qual é flor de nervuras delicadas, e que sabe reflectir todos os cambiantes dum carácter sô.

A brochura sôbre Ramalho deve comparar-se a uma tela de desenho e de colorido aleguados, revestindo sempre as ideias e os sentimentos com a roupa leve do seu estilo penetrante. Dotado duma fina sensibilidade moral, a sua arte é bem norteada. Pelas suas tendências subjectivas, vem insleirar-se entre os legitimistas de sóbole que agora se chamam integralistas, entoando o *luditor temporis acti* do poeta Horácio. Isto no sr. Arantes parece uma honrada influência de energia avita. Por temperamento e por herança, o seu pendor é para a tradição e não para a revolução. A revolução insulta e derruba, o que é tarefa perniciosa e fácil; a tradição respeita e constrói o que é tarefa nobre e difícil: derruir é obra satânica, criar é obra divina.

Hemeterio Arantes provém pelo sangue e pela educação dum nobre e honestíssima Família cristã. No canteiro do seu peito vive a ideia religiosa.

Séca na alma a flor da fé, frutificam as paixões animais, embaladas no sono da consciéncia até que desperteim na rebelião ou vão ruir miseravelmente na voracidade do egoísmo.

A dor é o cinzel que esculpe toda a obra humana. Arantes, como artista, sofreu intimamente as evoluções do pensamento de Ramalho, e pela observação concluiu que a arte não pode desprezar os moralistas. A ciência e a arte, para serem proveitosas à sociedade, necessitam acatar o senso comum. Diz um provérbio persa: Um arratel de saber, para ser útil, precisa de dez toneladas de bom senso.

O pensamento filosófico e o sentimento estético influem profundamente na vida prática. Todo o homem tem o dever de não subordinar a moralidade aos caprichos da

forma artística ou aos interesses materiais. A lei do bem & universal e por conseguinte pária sobre todos os actos humanos. Todo o homem é seu vassalo. O artista consequentemente tem de submeter-se a essa lei, que procura uma perfeição do nosso ser, luminosamente superior ao interesse egoísta ou ao prazer. O fim da arte é o belo, mas a moral deve ser sua regra imperiosa. Uma obra artística, imoral, mas perfeita quanto à forma, constitui uma monstruosidade. É falso o que diz o literato inglês: que uma obra só é bem escrita ou mal escrita: (*well written or badly written*).

Ramalho foi na mocidade uma das mais retumbantes vítimas da ideologia republicana e da superstição racionalista do século XVIII. Escreveu muito desatino, transviado por esse êrro, mas penitenciou-se publicamente e permanentemente na hourada *Carta de um velho a um novo*, na qual afirma: «A orientação mental da mocidade contemporânea compardada à orientação dos rapazes do meu tempo establece entre as nossas respectivas cerebrações uma diferença de nível que desloca o eixo do respeito na sociedade em que vivemos, obrigando a élite dos velhos a inclinar-se rendidamente perante a élite dos novos.»

A época de actividade estrondosa em que Ramalho Ortigão, como Borda d'Água da crítica de costumes, nas *Farpas* e no *Antônio Maria*, dava a chuva e o

bom tempo num país envenenado pela droga do liberalismo político e assolado pelo negativismo voltaireano; essa época é a fase intensivamente maléfica da vida de Ramalho, a qual, honra-lhe seja, 30 anos mais tarde, crestado pelo vento dos desenganos, ele desejava suprimir para limpeza do seu nome literário e descargo da sua consciéncia arrependida. Ramalho na primeira fase foi um republicano e foi um ímpio — para quem pretender ocultá-lo? *Quem semela abrolhos colhe espinhos*. Vendo a estrada ensanguentada e enameada pela sua pequenina semelhante, declarou se

lialmente arrependido e confessou publicamente o seu pecado.

Para os revolucionários por temperamento, isto é, rebeldes a toda a disciplina social, a liberdade é um rótulo à sombra do qual se fomenta a demagogia; para os espíritos embuidos de ideias fantásticas, a liberdade é uma miragem fagulha que dolorosamente se desfaz ao Sol cru da experiência: Ramalho pertenceu à esta segunda categoria. Errou muito na primeira fase, mas foi sempre um carácter sincero e recto. As contradições modalidades do seu espírito literário não provêm dum acomodatício nem dum títereiro que varia consoante lhe tocam. Abusou da ironia e do gracejo ao serviço da ideologia revolucionária, mas foi toda a sua longa vida homem probó.

Em frente da dolorosa observação dos factos, Ramalho vendo o seu país encerrado na camisa de fôrmas dum jacobinismo invasor, converteu-se de Saulo em Paulo, o que não é para admirar, porque os velhos experimentados temem um olho em cada cabelo. Foi um transviado na charneca do ideal revolucionário, mas depois, como alma aberta pelo escápelio do arrependimento, viu na idade madura que a zombaria é o relâmpago da calúnia ferindo gravemente homens e instituições. Bordalo Pinheiro, seu aliado espiritual e seu cúmplice, não chegou a ver o negregado fruto da sua sementeira.

Ramalho recebeu favores do Rei, e na crua adversidade manteve-se nobremente fiel, enquanto que, como diz o adágio: muitos entram lambendo e saem mordendo.

Em Lisboa, falando de Ramalho, como devotado flodinista, numa conversa com José Maria de Alpoim, eu contava, em louvor do carácter de Ramalho, a seguinte lenda slava do Natal:

E de origem russa encerra uma crítica finamente maliciosa, mas de todo o ponto justa.

Dois ou três dias antes do Natal, o Criador deu um sarau no seu grandioso palácio dos Céus. Festa exclusivamente dedicada às virtudes, só elas receberam convites. Como era de esperar, concorreram inúmeras Virtudes, tanto das de mais elevada categoria como das mais modestas e humildes. Estas últimas, claro está, eram mais lhanas e agradáveis que aquelas; mas todas pareciam entender-se às mil maravilhas, e conhecer-se intimamente. Todavia, a meio da festa, repara Deus casualmente em duas formosas damas que mostravam não se conhecer. Na sua qualidade de Dono da casa, tomou gentilmente a mão duma delas e foi apresentá-la à outra.

— A «Beneficência», disse o Senhor, designando a primeira. — A «Gratidão», acrescentou, indicando a segunda.

As duas virtudes ficaram muito admiradas. Desde o começo do mundo era aquela a primeira vez que se encontravam.

Ramalho com os anos aprendeu a conhecer a justiça: boi velho, régio direito. No entanto, a sua pequena mas preciosa obra, depois da conversão, tem sido pouco escutada.

É caso para aplicar com suma exactidão o provérbio: «quando o velho se não ouve, ou é entre néscios ou em açoque». O Ramalho novo é que se ouve ainda com regalo. Afirmou um seu panegrista que — ele fez rir o português às escâncaras com as cocegas na espinhela, desgrudando-lhe a borra da água benta, e das ventas despregando-lhe a fuligem do incenso. Este critico concedeu-lhe, ao menos, que nas suas irreverências e blasfêmias nunca se desmandou cheirando a baia de estribaria ou a tarimba de quartel.

Ramalho é escritor frio, correcto, mas insensível.

Alma de fotógrafo, sem nervos, não se comove nem

comove. A sua mente hirta julgava a sentimentalidade

uma fraqueza. Transviou, levado mais pela imaginação

do que pela sensibilidade. A masculinidade do seu carácter mantem-se intemerata.

No prefácio da edição dos *Lustadas*, do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, em 1880, revela-se possesso dum iníqua paixão, sustentando que «a religião não é mais propícia que a realza ás fentes de inspiração artística». Fazendo a rutilante apologia da Renascença, não podia borrar o nome dos dois grandes protectores, o Pontífice Leão X e o Rei de Portugal D. João III. Confessa que o Papa Leão X amava as letras e protegeu opulentamente as artes, mas, com gravíssima ofensa da verdade, chama-lhe sensual, assassino e venal, curvando-se ao mesmo tempo estarrecido deante de Lutero, porque refutou a tradição e o princípio de autoridade. A D. João III, o generoso Mecenas dos estudos na Europa, chama-lhe estúpido e porco, só por ter nascido rei. Este prefício é talvez o trecho mais grandemente deplorável na bravura jacobina e irreligiosa que saiu da pena de Ramalho.

A apologia de Jerônimo Colaça de Magalhães, o perdidário dissoluto, o cínico elegante, o estorvado impudico, constitui outra página, assim lamentável, de Ramalho Orrego.

A mudança estrutural da mentalidade de Ramalho foi enorme. Os seus antigos associações no êrro querem ver nele um domado pelas maciezas fidalguescas da corte.

Que onde reina a malfilia, está o receio,  
Que se faz imaginar no peito alhaio

A grandeza máxima é a virtude, e a virtude máxima é a confissão do arrependimento. Ramalho escrevia em 1913 um esplendente artigo, no *Primeiro de Janeiro*, sobre o concurso para o monumento a Pombal, a propósito do estreito sectarismo dum dos concorrentes, que apenas via no ministro de D. José I um perse-

guidor dos jesuítas, e nele prestava o autor da *Holanda* uma formosa homenagem à Companhia, reconhecendo como escritor os seus erros passados.

Machiavel sustentou que a política era independente da moral, estetas do século XIX sustentaram que a arte era independente da moral, filósofos houve que sustentaram que a moral era independente da religião, e há de surgir uma escola que sustente que a vida social é independente da arte, e então voltaremos ao estado selvagem idealizado por Rousseau, em que o homem é livre, vagueando nas florestas ou abrigando-se nas cavernas.

Ramalho Orrego, semelhante ao *alnus glutinosus* dos ribeiros da sua região, teve as folhas viscosas da superstição jacobina enquanto novo, limpando depois esse visco com o crescer dos anos.

O atractivo da moda incrédula e o culto da forma artística agitaram a superfície da sua alma com seduções como as do Fausto da lenda. Escreveu Santo Agostinho nas *Confissões*, (liv. V, cap. III): «Falarei agora, na presença do meu Deus, do que se passou durante o vigésimo nono ano de minha idade. Havia já algum tempo que era chegado a Cartago um certo bispo dos Manicheus, chamado *Fausto*, verdadeira armadilha do demónio, na qual se deixavam caír seduzidos pela elegância e docura dos seus discursos. Ainda que eu próprio não fosse insensível a isso, contudo eu sabia muito bem não confundir a eloquência d'este homem com a verdade das cousas, que eu desejava saber; e eu ligava menos importância aos vassos artísticamente trabalhados nos quais ele me servia as iguarias, que à sua verdadeira natureza; em uma palavra, mais atento à solidez do seu raciocínio, do que tocado do infeliz artifício de suas palavras.»

Há quem veja neste Fausto histórico a nascente do Fausto lendário dos séculos posteriores.

O deslumbramento da forma obscurece a substância

da ideia, desviando o espírito do caminho do supremo bem que deve ser o fim último da vida humana.

A arte, idealizando o vício e o crime, rebaixa a vida humana, fazendo criar ternura pelo que é indigno. Quando um povo separa a arte da preocupação religiosa, cai na baixeza. Olhemos para a incrédula França contemporânea. Paulo Bourget, Júlio Le Maître, René Basin, Mauricino Barrés e tantos outros, estão pondo a claro a falácia do intellectualismo racionalista. O simplicio literato e académico francês, Lavedan, exclama: «França, França, volta à fé dos teus Grandes dias ! Deixar a Deus é perder-se antecipadamente. Não sei se amanhã serei ainda dos vivos. Aqui fica para os meus amigos esta declaração : Lavedan não ousou morrer ateu ! Não é o terror da punição eterna ; é a Perturbação que me produz na alma esta grande verdade : Existe um Deus e tu vives afastado dele. Alegra-te, rejubila minha alma, porque te foi dado conhecer o teu êrro. Bendita a hora em que eu pude dizer de joelhos : — Creio em Deus ! Creio ! Creio ! Esta palavra é o canto supremo da humanidade.»

O sr. Arantes dedica a sua excelente brochura a dois dos *Vencidos da Vida*, os Senhores Conselheiro Antônio Cândido e Conde de Sabugosa. É legítimo que o nome de Ramalho Ortigão, representante ilustre do povo, se alie ao clero e á nobreza. Desta sorte fica simbolicamente unida a tradição medieval dos três Estados.

O Conde José de Maistre, nas suas *Considérations sur la France*, diz que a «Revolução francesa teve por causa principal a degradação moral da nobreza». De modo nenhum pode dizer-se isso do digníssimo fidalgo e inquebrantável monárquico Sr. Conde de Sabugosa, que ainda tem, segundo creio, o ofício paulino de *Cores cubiculáriorum*, mantendo-se igualmente fiel aos augustos mandamentos da Igreja Católica. Todo o filho da civilização cristã, que esquece Cristo, volta consciente ou inconscientemente ao paganismos.

Quanto ao representante do clero, o Rvd.<sup>o</sup> Senhor Antônio Cândido, roguemos para que se erga *ad saltem fulmineatus*, esquecendo a democrática Perna de Pau e o Club de toureiros, para se lembrar só da Santa Madre Igreja. Muito seria para louvar que o talentoso autor desta linda brochura juntasse os amigos íntimos aos de outras almas amigas, afim de que

o Rvd.<sup>o</sup> Padre Antônio Cândido Ribeiro da Costa troque a bonita gravata à La Vallière pelo distintivo rabat, e desta sorte, arrepiando caminho como Oliveira Martins, Egá de Queiroz, Ramalho Ortigão e Gomes Lial, volte a subir ao altar, regressando contrito à vida do sacerdócio, essa vida alta em que a sublimidade chega ao Céu. Semelhante conversão, humilde e sincera, mas notória, seria um estímulo para a verdade, um ensinamento para o ârro, e mais um exemplo vivo para suavizar a aridez da alma nacional e para confundir os inimigos da Igreja. Se a acção da sua ordem sacra continua retardatária no caminho do Senhor, a crítica afirmará no diais irá que estava choco ou caquético, quando algum dia esse arrependimento vier, e o povo dirá que deu a carne ao diabo e os ossos a Deus, confirmando o princípio de Santo Agostinho : *Penitentia seru, raro vera.*

O sacramento da Ordem imprime o carácter inextinguível ao Rvd.<sup>o</sup> Senhor Antônio Cândido, a quem Jesus Cristo disse : *O que vos escuta, ne escuta, o que vos despreza me despraza.* Nós queremos escutar reverentes e edificados o celebrado orador sacro, como nosso verbi Dei Minister, orvindo-o proclamar o dogma da imortalidade, na sua *dicendi via*, como movel de todas as virtudes e freio de todas as paixões.

O sacerdote é um cooperador de Deus na salvacão

da sociedade, é um continuador de Jesus: *Sicut mis*

*me Pater et ego mitto vos.* Santo Ambrósio chama ao sacerdote *homem divino* e S. Clemente *Deus terreno*. São Francisco de Assis disse: «Se eu encontrar no caminho um anjo e um sacerdote, primeiro saúdo o sacerdote, depois o anjo.» \*

Ramalho e Eça andaram de braço dado nas *Farpas*. O primeiro farpeando principalmente a monarquia e a religião, o segundo dilacerando, sobretudo a moral. Os dois escritores farpantes laceraram o princípio de autoridade, fazendo em tiras o manto do Rei, a loba do sacerdote e a toga do magistrado.

A obra dos dois famosos escritores é negativista e dissolvente. A acção de Ramalho foi má, todavia a de Eça é pior. Eça e Ramalho, como observadores da sociedade, não são pintores dela, são caricaturistas; ora a pintura é uma arte nobre, enquanto que a caricatura é uma arte vil: uma procura o esplendor da verdade, outra o relâmpago do escárnio. Pelo escárnião Eça arrancou o broquel da crença deixando a alma inerme, de sorte que o instinto bestial, como onda lamacenta, começou a espadear a sua turva escuma pelos salões da fidalguia decadente e da burguesia pretenciosa. Assim se produziu a obra perturbadora do rebaixamento das classes superiores e do aparente engrandecimento das classes humildes. Ele foi o maior obreiro do advento do 5 de Outubro.

Ao lado de Eça e de Ramalho trabalhou sempre o seu amigo positivista, Teófilo Braga, que professava teoricamente uma filosofia de intentos edificadores e de base estrutural, cujas publicações construtoras ninguém lia; mas Teófilo Braga, que é um Jano da mitologia romana, fazia simultaneamente a Propaganda sectária, negativista da política revolucionária, a qual todos liam, e foi ela que finalmente lhe conferiu como gatil-

dão a cheia da república portuguesa. Ai os democratas veneram-no como revolucionário e trocam-no inicamente como filósofo.

Eça e Ramalho não eram filósofos. Ambos assaltaram a tradição. O formidável impulso ministrado pelas tradições, sendo no incremento dos povos uma ressurreição perene, vem muitas vezes a ser um resgate. As tradições benéficas, guardadas no escrínio da alma nacional, são um estímulo congénito, são uma cate-

quese de patriotismo que, alestando o ideal, dão o triunfo à raça. Sendo a tradição a flor do passado e a semente do porvir, é nela que a nação e a raça se revigoram em si mesmas, nos seus factores religiosos e poéticos, e no ressurgir das suas aspirações antigas.

Ramalho é um espírito crítico do século XVIII, homem de sala, polido, engracado, mordaz, procurando o tropo adequado, deixando oportunamente cair dos beijos o paroxíso, atacando os costumes pelo ridículo, e projectando reformar as leis existentes, seguindo um ideal vago, de linhas tênues, indecisas. É uma pena aristofénica, apurada no escárnio de Voltaire e no scepticismo de Diderot.

Recentemente foram publicadas as *Últimas Farpas* de Ramalho, escritas de 1910-1915. A tropa britânica, desobstruente, que nas primeiras *Farpas* fez à monarquia liberal, repeete-a agora contra a república, em palpitante documento, com vigor de estilo de um moço, apesar de septuagenário. As crenças religiosas, que élle tão gravemente ultrajara, trata-as agora com enternecimento, até com devoção. Hoje reconhece que *non est bonum ludere cum diis*.

Ramalho, o biógrafo encimista de Teófilo Braga,

presidente do governo provisório, teve a casa devassa

sada e foi obrigado nos dias da Outubrada a correr a

cozinha para não sofrer, neste momento, talvez uma

pena equivalente à antiga de correr a cozinha, que con-

sistia em ser aguado por entre uma fila de galeras.

O seu limpido espírito viu que, depois de evaporada a infantil e burlesca ilusão, um país não pode continuar a viver, como vive uma minhoca em pontas, uma vez esquartejado nas suas tradições, nas suas crenças, nos seus usos e costumes, na continuidade da sua experiência histórica. Na mocidade considerava a fé religiosa uma novidade, um exantema na epidémie de crianças; hoje afirma que não é pela força bruta que se triunfa, é pela rijeza dos caracteres temperados na fé. Referindo-se a um episódio da guerra franco-prussiana de 1870, narrado pelo grande escritor Eugénio Melchior de Vogüé sobre os efeitos da oração no acampamento dos exércitos, escreve: «O eco imenso da prece preencheu o céu e alastrou-se no horizonte até onde tremeluziam fogueiras e respiravam homens. Imediatamente depois da porfida e sangrenta batalha, cem mil soldados alemães extenuados de fome, rendidos de cansaço, rezavam. Então — conclui de Vogüé — um prisioneiro, a esse tempo muito moço e mal amadurecido de reflexão, viu repentinamente qual era a força que nos havia esmagado. Não era o círculo das bocas de aço nem o peso dos regimentos. Era a alma superior feita de todas essas almas temperadas na fé nacional e divina.»

Hoje é o exército europeu que reza no campo da batalha. Em Portugal, em pleno romanticismo literário, já depois do meado do século XIX, antes do advento do impio realismo, à hora do toque respetino de Ave-Marias, manda uma ordem do exército o seguinte: «Por esta ocasião o Ex.<sup>mo</sup> Marechal recomenda que em todos os Corpos se reze o Terço, como é costume e próprio das Nações Católicas, a que temos a fortuna de pertencer (circular de 27 de Março de 1854, a todos os Comandantes.)

Ah! se uma semelhante circular tivesse caído na redacção das escarnecedoras *Farpas!* Era um rico alforre de sarcásticas blasfêmias. Pois o autor é o intrépido soldado e culto espírito que se chama na

história Duque de Saldanha. Além da missa no exército de terra e mar, havia a oração da alvorada, do Sol poente, a bordo dos vasos de guerra.

Ninguém pode ser forte se não tiver qualquer consciência celestial na inteligência pelo pensamento, no coração pelo afecto, e na vontade pela resolução.

Portugal foi grande quando tinha o sentimento da disciplina e sabia obedecer. Ramalho fez a seguinte observação profunda sobre o actual povo português: «Tende sempre pelas peculiaridades da sua psicologia a obedecer servilmente a todos os que o incitem a desobedecer.» Com efeito, o liberalismo estragou a alma Portuguesa inoculando-lhe o sentimento da constante rebeldia.

A consciência e a experiência de Ramalho disseram um dia à sua desempenada e herculea figura: — *Curia a cabega, fero sicambro, adora o que tens queimado, quemá o que tens adorado.* A batalha de Tolbiac ainda continua na sua obra literária, e para que a vitória seja dada à ortodoxia contra a heresia ariana, é mister que a obra herética anterior à conversão seja queimada. Oxalá Santa Clotilde e S. Remi inspirem os herdeiros de Ramalho.

O autor da *Holanda* confessa-se sincero admirador de Paul Bourget, mas não fez como él e quando ele, há quasi trinta anos, a sua conversão solene e secunda. Nós lemos em Setembro de 1889 *Le Disciple*, e o seu antídoto à *un Jeune Homme vive* indelevel em nosso coração e em nossa memória. A obra reparadora de Bourget é imensa, a de Ramalho é quase nula. Bourget voltou fervorosamente à religião de seu País. Como o terreno árido se humedece e se fecunda num ambiente impregnado de vapores agudos, assim a alma sob o orvalho da meditação dos Evangelhos se abrandea e se enriquece dos melhores sentimentos.

Quando foi do passamento de Ramalho Ortigão em

1916, o propósito dos Jesuítas escreveu o diário do Porto *A Liberdade* um notável artigo do qual recordamos o seguinte que é, em verdade, particularmente interessante:

"Mais significativo é o primoroso artigo que em 1913 Ramalho escreveu no *Primeiro de Janeiro*, sobre o concurso para o monumento a Pombal. Ali, a propósito da inépcia e sectarismo dum dos concorrentes, que só vira no Marquês o inimigo dos Jesuítas, Ramalho faz duma forma encantadora o reconhecimento dos seus erros, presta homenagem à Companhia de Jesus, que expiava então e expia ainda no exílio o crime de se ter interessado pelos destinos da sua Pátria. Esse artigo foi talvez uma resposta. A quê? Vamos vê-lo. Entre os membros da Companhia, um dos mais ilustres, orador de raga, honra da intelectualidade portuguesa, tinha pela obra literária de Ramalho o maior apreço. Daí a estimá-lo muito e a interessar-se particularmente pelos destinos do homem, pouco foi. Tendo em conta a evolução que o ilustre escritor ia acentuando, escreveu-lhe uma carta, que é um encanto, conviadando-o com um fraterno interesse a que pensasse um pouco nas verdades eternas. Nunca viu uma resposta directa a essa carta. Mas poucas semanas depois aparecia o artigo a que nos referimos. As sentidas palavras do ilustre priscritor fizeram por certo sentir mais intensamente a Ramalho a injustiça dos seus passados ataques e o seu espírito rectíssimo levou-o àquele acto de *amende honoraria*, que é um precioso documento de probidade intelectual e moral do autor incomparável da *Holanda*. Agora o ilustre jesuíta, que tantas vezes fez estremecer sob a magia da sua palavra de ouro os púlpitos portugueses, e a quem a doença e a nostalgia estavam minando também, como há de sentir-se feliz ao saber que Ramalho morreu como um crente, ungido na graça do Senhor!,"

Tudo é ilusório na vida, só a morte é evidente. Todavia conduzimo-nos como se ela fosse uma ideia incerta. Não reflectimos que a vida é uma bugia acesa que com um assopro se apaga.

O erro fundamental e insanável da obra de Eça é de Ramalho é o conceito da vida e do seu destino; para o primeiro cifra-se no prazer e na elegância; para o segundo no asecio e na gallardia. O horizonte das suas aspirações confinava-se na vida temporal, e o engodo da sua realização originava a corrente devastadora das paixões vis que não descorinham a lei moral. Foram dois cálamos pagos. A semente pego-riada lançada à terra portuguesa por êsses dois esoridores e seus asseclas deu a seara avultante, recolhida no primeiro vénicio do século XX. Essa colheita está patente na elia — é a revolução anarquizante na ordem moral e na ordem social.

É lugar comum muito repetido que Portugal não estava ainda preparado para as instituições republicanas. Não há afirmação mais falsa. O constitucionalismo, difundindo por toda a parte os estatados principios da Revolução Francesa, substituindo as ideias pelos vocábulos, desacreditando o princípio de autoridade, hostilizando a Igreja, extermínando as tradições venerandas, negando uma sólida instrução ao povo, corrompendo os costumes com um naturalismo literário, pavorosamente sensualista e demolidor, é evidente que havia preparado deveras e à maravilha o país para a aniquilação republicana. Se Portugal fosse um país, brio das suas tradições, profundamente educado e consciço do seu elevado destino, com uma visão clara e integral da realidade histórica, de modo nenhum caiu na república; ao contrário, seguiria firmemente a estrada da Noruega, ainda mesmo que tivesse de mudar de dinastia por uma revolução.

Os noruegueses, ao separarem-se da Suécia, preferiram a forma do governo monárquico à republicana.

Eis as razões dadas pelo heróico caudilho da independência nacional, Nansen:

«A primeira é que não sendo rica a Noruega, nós queremos um governo económico. E vós sabei-lo; não há governo mais dispendioso do que as repúblicas. «A segunda é que queremos ser fortes, e a república tornar-nos haja muito fracos em face da Suécia. «Emfim, o terceiro motivo é que queremos ser livres; não queremos de modo algum suportar a tirania dos partidos.»

Estes argumentos objectivam-se serenamente com a realidade histórica, porque a Noruega é um dos povos mais bem educados do mundo.

Preparamos os novos. Só uma geraçāo, limpida de falsas teorias do Liberalismo, pode realizar a obra da restauração nacional. Almas esfarrapadas de inteligência e de sentimento vivem recheadas de preconceitos e eremas de verdade, esperando uma palavra luminosa que as guie, incutindo-lhe o transcendente conceito da vida.

A casa editora das *Últimas Farnas* promete empreender uma redigção das obras de Ramalho. Semelhante empreendimento tem o enorme inconveniente de fazer ressurgir ideias deletérias, já em parte esquecidas, lancando porventura na desordem alguns espíritos ingénuos. A obra de Ramalho é profundamente demolidora; o que tem de construtivo é quase nulo, e desse pouco é que podia fazer-se num centelo anotado. Ele próprio deplorou nos últimos anos a sua acção passada. Fazê-la ressuscitar é péssimo serviço.

O capítulo de prosa soberba e pujante sobre o assassinio de El-Rei D. Carlos é fragíssimo como filosofia de história. Não explica o duplo regicídio. E que Ramalho não tinha adquirido uma convicção esclarecida de monárquico. Patenteia-se apenas um carácter agradecido às magnâncias qualidades do Rei. A mór

parte da obra de Ramalho é vazia de doutrina: nasceu do capricho do momento, por isso envelheceu rapidamente como envelhecem os caprichos.

Os periódicos republicanos, na sua propaganda destruidora, fazem frequentemente lugares selectos da prusa de Ramalho. Sepultemos a ironia 'dourada' do seu estilo com a abominável anarquia de seu ímpio ideologismo, segundo o adágio: «Arrengão de tigela de ouro em que hei de cuspir sangue.» Devemos deploiar sinceramente com Ramalho Ortigão a sua nefasta acção literária e não fazer sofisticos esforços por justificá-la. Ele próprio reconheceu isso garbosamente, mudando na véspera de ideias e de vontade. «O que é mudar de vontade? É arrepender-se, isto é, sentir o constrangimento moral, considerando no mal praticado. O seu pesar intimo, a sua contrição da culpa literária confessou-a ále bem apesarado na *Carta dum velho a um novo*.»

O Sr. Conde de Monsaraz, na sua formosa revista *Nação Portuguesa*, escreveu sobre o passamento de Ramalho um artigo onde o esplendor do talento não é inferior à chama da bondade. Nessa defesa do defunto escritor há tanta magnanimidade como subtilidade. Mais uma vez revelou que a sua alma de jovem poeta é tão fina e tão branca como um véu de noiva.

O seu coração generoso e nobre sem parecença com o cruel conde de Monsoreau, apesar da quase homofonia, desejo esquecer toda a velha obra de Ramalho. (1) Ramalho sentiu sinceramente e exprimiu

(1) A palavra Monsaraz, tendo por étimo *Mons cerutium*, significa monte da alfarrabira, leguminosa dióica, sempre urens, do género *Ceratonia*, que com os seus cachos vermelhos enfeitava as margens do Guadiana, e do seu nutriente fruto se preparava, segundo a arte de Galeno, um zárope calmante que era um antídoto para suavizar angustiosas e antigas achaques.

elogientemente a sua mágoa pelo assassinio do Rei; mas, como imbuído do liberalismo, não compreendeu a verdadeira causa desse crime.

A monarquia constitucional, em face da sua hibridez, traz como estigma da sua fatal origem o sestro da esterilidade. Tem por base a organização dos partidos que supoem diferenciar-se em princípios, mas não se diferenciam senão em paixões e em interesses facciosos. Assim o liberalismo é o arbitrio organizado e a paixão ditando a lei. A sua vida no seio da nação é uma guerra civil permanente. Viven de interesses reciprocos, unicamente saciados pela gama do poder. O Rei D. Carlos quis, imprudentemente, com o ministro João Franco governar sem partidos, libertando o país da corrupção política. Os partidos liberais iniciaram logo a violenta campanha antimonárquica. As agremiações republicanas tinham as sociedades secretas organizadas e delas saíram os assassinos do Rei e do Príncipe. Os partidos liberais que haviam preparado o terremoto, em nome dos seus princípios dissolventes, rejugilaram com o regicídio. Dominava a indisciplina, a gastrálatra, norteada por um romantismo deambulatório. Fora dos miguelistas não havia monárquicos. Havia só constitucionais e republicanos.

Ramalho era um estarreido deante de Mousinho da Silveira, esse louco plagiário da legislação revolucionária de França; pois ainda nas *Últimas Farpas* nos diz que foi «o último dos nossos estadistas que teve ideias próprias e soube governar manejando-as.» Ora Mousinho da Silveira foi o chefe mourisco dum cabilda resoluçada, que fez uma assoladora gaziva sobre as venerandas instituições do nosso glorioso passado, tornando atalhos novos e deixando caminhos velhos. No entanto Ramalho sente-se atraído para Ele. E' sempre o olho da cabra a voltar-se ainda para as silvas. E fiz-me entender do leitor? Vou explicar-me,

contando a seguinte historieta: Era uma vez um caçador, que, num acidente desastoso, perdeu um olho junto dum fato de cabras; mas imediatamente um companheiro de caga, cirurgião hábil, adaptou-lhe na órbita vazia o olho vivo dumha cabra, o qual pegou optimamente. O homem via tão bem com esse olho estranho como com o natural; apenas ficara com o cacoete de sempre que esse olho via silvas, se volver para elas, e, no caso sujeito, Mousinho era da silveira.

O Ramalho novo tem ainda muitos idólatras; o Ramalho velho quase nenhum discípulo. Há um adágio português que reza assim: — quando anda o frade com o ladrão, facilmente o frade se faz ladrão e dificilmente o ladrão se faz frade. Assim Ramalho Ortigão escritor, enquanto foi ladrão, atraiu muitos frades à sua quadrilha; depois quando velho e se fez frade, não converteu para a sua ordem talvez nem um só ladrão. Ainda mangavam dele e não acreditavam na sinceridade da sua conversão. Alguns afirmavam que estava no cagado velho, que estava cadiço.

A mudança na vida espiritual de Ramalho lembra-nos esta passagem de Montesquieu que moren no seio da Igreja, depois de receber os Sacramentos.

Preguntando-lhe o padre Routh se realmente tinha sido incrédulo, respondeu que interiormente não, porém que «o gosto pelas novidades e o desejo de fazer-se singular e de passar por um génio superior às precupações e máximas comuns e o afan de agradar e ganhar aplausos das pessoas de grande autoridade e nome foram a causa de ter obrado e vivido de tal maneira.»

E que o sentimento religioso permanece vivo no coração do homem, que só por uma aberração pode fechar os olhos à luz da verdade.

Os últimos momentos da vida de Ramalho Ortigão evocam à nossa memória o testamento de Racine.

Nascido em Ferté-Milon, começou os seus estudos no Colégio de Beauvais e terminou-os em Port-Royal. Morreu em 1699, e, a desejo seu, foi sepultado em Port-Royal junto de seu mestre Hamon, donde seus restos mortais, após a demolição da capela, foram trasladados para Saint-Etienne-du-Mont em 1709.

Conservam-se ainda os autógrafos de algumas das suas obras nomeadamente do seu testamento, que em seguida reproduzimos:

«Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

Desejo que após a minha morte seja meu corpo conduzido a Port-Royal des Champs para ali ser sepultado no cemitério ao pé da campa de Mgr. Hamon.

Suplico humilmente à Madre Abadessa e religiosas que queiram conceder-me tal favor, bem que me reconhega muito indigno pelos escândalos da minha vida passada, e pelo pouco uso, que soube fazer, da excelente educação, que em tempos recebi nessa casa, e dos grandes exemplos de piedade e penitência, que presenciei, e dos quais não fui mais que um estéril admirador. Mas porque tanto ofendi a Deus, tanto mais necessito agora das orações de tão santa Comunidade para atrair sobre mim a sua misericórdia.

Rogo outrrossim à Madre Abadessa e Religiosas, que queiram aceitar a soma de oitocentas libras, as quais ordenei lhes sejam entregues depois da minha morte.

Feito em Paris no meu gabinete a 10 de Outubro de 1698.

*Racine.*

\*

Escreveu o grande Padre António Vieira: «Todo o homem que chega a ser velho, morre seis vezes. Passando da infância à puerícia, morre a infância;

passando da puerícia à adolescência, morre a puerícia; passando da adolescência à juventude, morre a adolescência; passando da juventude à virilidade, morre a juventude; passando da virilidade à velhice, morre a velhice; e finalmente, acabando de viver com tantas mortes, morre a velhice.»

Todos os seres organizados possuem um princípio que lhe dá força, forma e duração, que os faz o que são e o que há de vir a ser. Este princípio é a vida, mas a ciência ainda não pode descobrir a causa primeira do menor dos seus movimentos. Estuda apenas a vida nas suas manifestações fenomenais; quando se diz dum homem que él vive, é uma expressão abstrata para significar que él respira, que o coração bate, que o sangue circula, que o cérebro exerce as suas funções. As moléculas do organismo renovam-se sem cessar e a forma persiste. O homem perde os dois terços do seu corpo no espaço dum ano e no fim de dois anos não lhe resta senão a décima quinta parte. Assim um homem que vive 80 anos renova-se 24 vezes durante esse lapso de tempo. Fisiologicamente somos como um rio cujas águas correm num fluxo perpétuo. É o mesmo rio pelo seu alveo, as suas margens, a sua nascente, a sua foz, por tudo o que não é él, mas mudando a cada instante a sua água, que constitui o seu ser. Desde a primeira célula embrionária ao último sopro senil, a vida segue um caminho de ascensão, de declive e de deterioração. Há um ponto culminante de energia: desde que um vivente o toca, parece receber um impulso no sentido contrário.

Nesta trajectória da vida, é o estado mental será em tudo conforme ao estado orgânico? O cérebro diminui de volume e aumenta de densidade, a excitação do sangue que recebe menos calor, menos oxigenado, menos rápido, baixou em proporções relativas; desde então sendo menor, a sua actividade vital, todas as

manifestações intelectuais revesteu o carácter de lenitão. E os frutos mentais desta idade serão menos valiosos?

Tem-se sempre discutido qual seja a idade em que a inteligência começa a declinar. Os novos pensam que essa idade chega depressa; descobrem facilmente provas de senilidade incipiente nessa moderação, em que os mais velhos vêm o fruto da experiência e o sinal honroso da maturidade. O professor Osler segue a opinião dos rapazes: afirma que o espírito decina dos quarenta anos em deante; chega mesmo a dizer que, se todas as obras criadas depois dessa idade viesssem a desaparecer, a perda seria mediocre para a humanidade. O professor Dorland segue doutrina oposta: assevera, pelo contrário, que a maioria dos sábios, dos escritores e dos artistas, produziram as suas melhores obras primas em idade avançada. E cita exemplos concludentes: Galileu passava dos setenta anos quando fez os seus maiores descobrimentos; com a mesma idade, Tintoretto pintava o *Paraíso*; Tiziano *Venus e Adonis*; Verdi compunha o *Orfeo e o Faust*; Goethe acabava o segundo *Fausto*; Meyerbeer escrevia a música da *Africana*. A *Erica de Confucius*, o *Júizo final* de Miguel Angelo, o *Paraiso* de Wagner, o *Dom Quixote* de Cervantes, os dramas mais celebres de Ibsen, são obras de sexagenários.

Entre os cincuenta e os sessenta anos, Cesar compõe os *Comentários* e corrige o calendário; Képler inventa a tabua de logaritmos, Morse o seu alfabeto; Hégel edifica a sua filosofia do universo; Velasquez pinta *Inocencio X*; Verdi compõe a *Aida*; Wagner a *Tetralogia* e os *Mestres Cantores*. Quanto às grandes obras que os autores produziram dos quarenta para os cinquenta anos, é tão grande o seu número, que o professor Dorland desiste de as citar. Isto é de certo consolador para os quadragénarios, que se affligem por

não terem dado ainda todo a medida do seu valor. No entanto, a teoria do professor Osler é preciosa para os sábios que muito novos sentem a vocação do repouso...

A juventude inspira mais obras de imaginação, porque esta faculdade debilita-se com os anos, pois a idade embranquece e torna pesadas as asas da fantasia; porém a alma humana não é uma lira que tenha uma só corda e que produza um único som. A velhice é a idade madura da razão, fase em que esta brilha com todo o esplendor. A velhice dá a sobriedade nas conjecturas, a circunspectão nos julgados e a unidade no plano. O Marquês de Pombal foi criado ministro aos 50 anos e governou até aos 78. E também verdade que Pitt foi nomeado chanceler do rei de Inglaterra aos 24 anos e Bonaparte fez a conquista da Itália aos 27. São exceções. O adágio permanece verdadeiro: *Perde-se o velho por não poder e o moço por não saber.*

Quem não conhece o quadro angustioso que nos apresenta o poeta Lucrecio do homem no declinar da existência? Parece que ele querer fazer-nos renunciar à vida pelo temor de envelhecer. Ele pinta, é verdade, a vida caduca, quando já a morte se aproxima com a sua foice erguida. No entanto, não devemos esquecer que Lucrecio é um materialista do rebanho de Epicuro a quem só a mocidade sorri. Cicero, ao contrário, ocupa-se elevadamente da velhice e do seu projeto moral, no inegualável tratado *De Senectute*. E que a filosofia de Cicero é sã, nobre e consoladora. Diz-nos esse imortal romano que não é pela força, nem pela rapidez, nem pela agilidade que se tratam os negócios públicos: é antes pela prudência, pela autoridade moral, pelos avisados conselhos, isto é, pelo conjunto de qualidades que um velho possui num grau superior.

Apolónio, velho reitor de Rodes, foi um dos homens

de quem Cícero recebeu ligões. Diz-se que um dia, conta Plutarco, em consequência de Apolónio conhecer pouco a língua latina, pediu a Cícero que falasse e escrevesse em grego; o que este fez da melhor vontade, julgando que assim os seus erros seriam melhor descobertos e corrigidos. Um dia, em seguida a um discurso de Cícero, todos os ouvintes entraram a aplaudí-lo com entusiasmo, enquanto que o mestre não dava o menor sinal de si, permanecendo por largo tempo calado e meditativo. Como quer que Cícero mostrasse pesar e desgosto por semelhante reserva, Apolónio disse-lhe em voz alta: Admire-te e louvo-te, Cícero, mas lamenta o infortúnio da Grécia vendo que as únicas vantagens que lhe restam, a erudição e a eloquência, vão por vosso intermédio passar ao património dos romanos.

O mesmo Cícero afirma que outrora nem a riqueza, nem o nascimento, nem as dignidades, excitavam a admiração e o respeito dos outros: era a velhice e com razão, nos parece, as cousas eram entendidas assim, porque ainda mesmo que a vida dos velhos não seja impecável, basta-lhes a qualidade de anciões para concitar o respeito universal.

## CAPÍTULO VIII

O elemento pagão e o cristão na vida moderna. Arte e materialismo.



No os elementos pagão e cristão que dividem a direção das sociedades modernas. O elemento pagão teve em mira o ideal grego, que consistia no equilíbrio das necessidades físicas, intelectuais e, em menor grau, morais da natureza humana. Este ideal, modificado pelo elemento prático romano, foi o estandarte da civilização europeia, quando a religião cristã começou a encorporar as suas poderosas e sublimes forças com as que já operavam na formação do carácter e vida social. Não procurou intrometer-se directamente com os ideais físicos e intelectuais que vieram da Grécia ao Ocidente; porém tratou de prover exclusivamente o elemento espiritual da pureza, da consciência, e da fé numa vida futura — invisível, todavia certa. Motivo porque as crenças cristãs penetraram completamente e produziram aquele ascetismo que desdenhou da vida física. Este tipo de virtude claustral foi a inspiração dos santos da Idade-Média. O nobre ideal moderno é o dever práctico animado pela fé religiosa. A poderá-se dos instintos naturais que tendem a manter a saúde, para procurar a perfeição física e a beleza.

za, e os factores intelectuais para promover o progresso e os mais vastos horizontes do pensamento, dando-lhes a todos um aspecto espiritual, nobre e elevado. Os partidos revolucionários tendem para este ideal? Esta é uma questão grave. Muitos creem com pesar que os partidos avançados, considerados no seu conjunto, desamparam esse estandarte que os salvaria dum completa degradação. O que decai é o elemento espiritual da fé, que parece moribundo, especialmente entre as inteligências revolucionárias. E se desaparece de todo, o que surgirá não será a aspiração pagã da Grécia até à perfeição e à saúde corporal com uma clara percepção intelectual e estética. Não será tam pouco o ideal fisiórico e dominador dos germanos do século V. Será a cobiça dos prazeres vulgares sem o atrativo da paixão pela força muscular e beleza física, sem o brilho dum culturista intelectual, embora tão prognosticada. A vida daqueles que tem lançado à margem todo o domínio moral cristão, repudiando todas as influências espirituais e ideais cristãos, não é o que poderia chamar-se grego. Se os espíritos deschristianizadores voltassem ao tipo pagão da vida grega, o mundo, ao menos, encontraria algumas coussas, ainda que falha de sensibilidade espiritual e de simpatia, séria, bela e varonil; porém, o abismo em que se afunda a propaganda anti-cristã é um paganismo de mera fome de gôzo e de apetites animais. Renan fez a apologia do ideal grego na sua famosa *Préface sur l'Acropole*, que é o mais belo hino que o racionalismo tem produzido. Este ideal sem paixões baixas encontra raros seguidores. O povo francês permanece na volubilidade. Escreveu Júlio César acerca da Gália: «Os celtas, sempre amigos de novidades, não podem suportar nem a liberdade nem a servidão. Esta aguda observação de César ainda hoje tem aplicação. O ideal francês hodierno rejeita tudo o que lhe estorva o gôzo dos sentidos.

Estes sintomas de decadência patenteiam-se em todas as fases da história, em que o bem-estar físico olvida a excelência moral das aspirações, que levantam o homem do nível puramente animal à dignidade dum espírito livre e imortal. Os cristãos tem a missão providencial de defender a humanidade desse tremendo abismo. Só a Igreja guia a fé nas hesitações, a esperança nas suas fraquezas, a caridade nas suas obras.

Sentir o belo é compreender a unidade do universo na harmonia das cousas. As metáforas infundem às cousas a alma dos seres com os quais se compararam. Comparar os olhos da mulher amada com as estrelas é exaltar a criatura humana até aos astros, e no mesmo movimento pôr os astros ao nosso alcance pela analogia do esplendor que lhes é comum. Sentir o belo é perceber a unidade do universo na harmonia das cousas. A alma do verdadeiro artista é mística, tornado este epíteto na acepção ortodoxa. Em verdade, místico é todo aquele que chega à unidade com o Ser universal. Para o teólogo cristão, é místico o que chega, pela via purgativa, à iluminativa e por esta à univira. Toda a arte é harmonia, e uma alma é tanto mais artística quanto sente com maior amplitude *Aquela* que expressa a unidade do universo. A同情ia estética motiva estados superiores de vitalidade psicológica, nos quais o espírito do artista se sente vizinho com o grande Ser na imensa harmonia que manifesta a sua unidade.

O materialismo actual infestou a arte, dando-lhe como mais alto objectivo a descrição da natureza pela própria natureza e desta sorte elaborá-la para espiritualizá-la. Assim, o amor carnal traduzido no culto da mulher, não pode ser um princípio legítimo de estética. O grosseiro materialismo é resíduo indigesto de leituras avariadas. Ele que gera o tipo moderno do Sardanapalo: — comer, viver, gozar. O mal dos praze-

res dos sentidos consiste em ser escravo das coisas agradáveis, não em gozá-las dentro dos legítimos termos. A moderação permanece como regra moral da humanidade.

A principal missão dos homens de fé é combater o materialismo, isto é, os sectários que unicamente prestam culto à matéria. O mundo material só vale por fazer possível a manifestação da vida terrena, enquanto que a verdade do supra-sensível é maior, mais completa, mais grandiosa do que o material. Com efeito, só o invisível explica largamente o visível.

Para o materialista, as paixões mais grosseiras não podem ser refreadas, pois que não existe objecto mais elevado do que o gôzo. A generosidade do espírito morre porque todas as actividades se agitam unicamente na esfera do sensível. Uma semelhante concepção da vida é funesta e fatal a todo o pensamento transcendent e a todo o afecto desinteressado. Nenhum rio sobe mais alto do que a sua origem; a resultante de tais principios tem de ser sempre material.

Existem milhões de indivíduos que vivem como se não houvesse mais do que corpos. Entregues à ideia do alimento, do vestuário, dos negócios, não negam a existência da vida imaterial, ignoram-na simplesmente como afastada das necessidades presentes. Essa ignorância, essa indiferença, provam, sobretudo, que o esforço para atender às necessidades dos sentidos esgota grandemente o homem. Além disso, muitos consideram como real somente o que é tangível ou objecto da percepção externa. Esse tipo humano, às vezes, é um amputado de sensibilidade artística, materializado pelos problemas mercantis da vida. O egoísmo, lei basilar da natureza animal, é a maior de todas as imperfeições, a ruina dos nobres sentimentos. Essa avassalante paixão só pode combater-se espiritualizando a vida pelo influxo do sopro divino. A filo-

sofia materialista encerra a teoria do egoísmo. O materialismo negando a sobrevivência do além, constitui a sanção do egoísmo e gera na sociedade a ruína de toda a vida moral.

A ânsia do Perfeito é uma idealização inconsciente dum desejo inacessível. O argumento de Santo Anselmo, atribuído a Descartes, sustenta que Deus é uma ideia inata que todos os homens têm dum ser perfeito. O princípio de ordem moral necessita absolutamente fundar-se nessa ideia. O homem submete-se às leis morais por uma esperança que não pode realizar completamente neste mundo. O santo converteu inteiramente essa esperança em facto, por isso a santidade é o fastígio da perfeição moral.

Escreveu o literato Alfonse Karr: «Muitos indivíduos tem negado a existência da alma, porque, não estando habituados a fazer uso dela, deixaram-na definhhar e mirrarse a ponto de a não sentirem.» O único objecto de certa literatura francesa e suas sequazes não é a mulher, a mais nobre metade da espécie humana: é a fêmea, proclamando-a soberana do reino da escravidão sensual.

O aspecto psicológico da arte moderna é tão definiente como o aspecto naturalista, pois resume-se numa forma de autolatria, subtilmente irônica e sceptica. O positivismo comteano faz o homem adorar-se, e igual senda trilha essa teoria da arte. O êrro do homem em se considerar como centro do universo é antigo.

O romance de certa escola, ocupando-se de miudezas extremas e de acções mínimas, descrevendo impresões leves e fugazes e vangloriando-se de agudeza de olfacto, é uma adulgação & vulgaridade que se chama turba. Desta maneira vão desparecendo da arte os heróis e as grandes sinteses personificadas nos tipos estéticos. Em semelhante arte bastarda abundam os burgueses usurários, os políticos intrigantes,

operários assassinos, as mulheres adulteras. Essa literatura psicológica, sem um ideal alto que lhe imprima o seu vigor, esforça-se por fazer brilhar as miserias bagatelas. Todavia semelhante corrente intelectual provém das ideias dominantes. Considerado o homem um amontoado de matéria, tem de ser um subordinado da matéria; e como na escala dos brutos representa a forma cimeira da vida, cada uma das suas moléculas assume uma extraordinária importância, o que é sintoma de declinação da própria idolatria humana. As sociedades materialistas chegam a esta depravação estética pela estrada lodosa do negativismo espiritual. Desta sorte, resvalou-se na criação monstruosa do *super-homem*, esse produto do materialismo naturalista do homem fera.

A arte devia patentear a unidade substancial da natureza no espírito humano, por meio do ritmo, dos sons, das cores, das linhas, encarnando o imaterial para concretizá-lo no material, tornando-o mais sensível ao entendimento, evidenciando a unidade e o desíntio da vida humana. A felicidade da arte materialista é palpável. O belo ideal é o Perfeito, mas incompletamente realizado nos seres ainda os mais belos; o místico e o verdadeiro artista olham-no extasiados como o heliante olha sempre o Sol que lhe envia luz e calor. Os homens de Génio na ciência ou na arte autênticas, temem a visão intamente luminosa do Infinito: são como as criancas que morando perto dum templo sabem, sem aprendizado, rezar de cor.

A arte é o homem, e é também a natureza, encaminhando-se para a unidade. A alma realiza em si tudo o que ela sente, quando o sente intensamente. Assim Deus, o belo, ela os realiza sem os poder desmendar, porque o sentimento consubstancial e não distingue, e numa espécie de desapêgo da sua individualidade sensível, eleva-se por uma intuição a um super-natural, objecto da religião.

As criações da arte parecem monumentos edificados à glória do mundo visível, mas tem por centro de gravidade um sentimento profundamente afastado de toda a preocupação das coisas contingentes e partilares. É um estado de pensamento que marginalha no mundo invisível, vivendo muito longe do mundo das apariências, sem contudo deixar de extrair delas tudo o que necessita para a sua realização sensível.

Afirma o fulgurante escritor José Agostinho:

«... Que, o Realismo, quando quis dar grandes obras, não desdenhou a mesma Fonte, a Religião, embora pretendendo objectivá-la com um positivismo laivado de sarcasmo. Balzac, Flaubert, os próprios Zola e Eça, acusaram, e às vezes sem querer, indelevel filiação da sua melhor Arte no espírito religioso. Emfim, os simbolistas dignos de toda a colera de Tolstoi, que mais foram do que emergências confusas da Arte Cristã? Assim, a Arte vive deprimida, apesar de tantas generalidades apregoadas, e a prova maior de que só pode renovar-se, procurando a Religião, é que toda a crítica superior lhe aponta como salvacão única o regresso puro ao sentimento religioso. E isto em todos os ramos da Arte e em todos os países. E que continua a ser verdade o que disse Taine: «Examinando a alma moderna, encontram-se alterações, disparates, doengas, e por assim dizer, hipertrofias de sentimentos e de faculdades que a sua Arte contraprova. Devesse isto só, embora já agonizante, espírito do Século XVIII. Não é ao espírito cristão que tal se deve, como imbecilmente o tem pretendido; é, sim, ao Golpe brutal e estéril vibrado pela incredulidade barata ao inefável sentimento do Cristianismo.»

No alvorecer da história da arte, a beleza típica é o herói. Não há funda inspiração artística no reino vegetal e animal. A arte básica e suprema reside no completo desenvolvimento do homem moral, conseguintemente no que ele encerra de divino. O belo, em substância,

## ÍNDICE

---

<p>reside na natureza ética. Wagner, reagindo contra o realismo, procurou a renovação da arte nos heróis lendários da raça germânica, alguns já iluminados pelo clarão do Cristianismo. Esses heróis dominam e fascinam pela grandeza trans-humana dos seus feitos. Todo o entusiasmo moral impresso na alma pela meditação dum feito elevado, gera necessariamente um sentimento de beleza, suscetível de ser exteriorizado pelo gênio.</p> <p>A arte sente que esses heróis devem viver perpetuamente. A ideia da vida eterna é uma concepção antes moral do que metafísica, cujo alcance fortalece e fecunda a ideia religiosa da vida futura. A arte permanece como uma emanação de Deus, instilada no homem e impressa na natureza. Até os artistas descrentes reconhecem no sacrário do pensamento, <i>tempora mentis</i>, segundo a expressão do poeta Lucrecio, que há uma emanância oculta da ordem sublime das cousas.</p> <p>A arte é uma aragem celeste que bafeja as almas eleitas, que moram nas culminações do mundo. A substância da arte manifesta-se por três atributos : o amor, a fé e a dor. E por esses três sentimentos que a vida ascende e que a vida tomba. Tudo o que é grande, tudo o que é mesquinho, emerge do oceano misterioso desses três sentimentos, e a arte é a sua cristalização. O amor é a renúncia absoluta, ou é o egoísmo bravo ; a fé é a força enigmática da consciência, e a dor é a maior realidade da vida, sendo ao mesmo tempo o lago mais constante da existência que prende o homem, o qual pela prece ou pela blasfêmia pede a Deus que lho desate.</p>	<p><b>CAPITULO I.</b> ..... 5          O que é o ideal ? Necessidade dum ideal. O ideal da beatitude. A religião fonte perene de ideia.</p> <p><b>CAPITULO II.</b> ..... 23          A arte e a sua ação. Em procura da felicidade. O que é a felicidade ?</p> <p><b>CAPITULO III.</b> ..... 43          A tradição cristã e o Romantismo. Reacção hodierna contra o Romantismo. Rousseau e Chateaubriand. Tomás Ribeiro e João de Deus.</p> <p><b>CAPITULO IV.</b> ..... 65          Alexandre Herculano. A historiografia e a Ilévolugão. História secretária.</p> <p><b>CAPITULO V.</b> ..... 93          A literatura e o seu influjo social. Conselho do amor. Conceito do belo. O romance e o teatro. A leitura.</p> <p><b>CAPITULO VI.</b> ..... 115          Malfiteiros literários : Emílio Zola e a sua ação, a sua probidade perante a tauromáquia de Lourdes. Eça de Queiroz, filho espiritual do oitenta-novismo. A sua obra e a crítica.</p> <p><b>CAPITULO VII.</b> ..... 159          O passamento de Ramalho Ortigão e a crítica. Primeira fase literária : Ramalho democrata e impio ; segunda fase : Ramalho monárquico e arropeirado. Ramalho novo e Ramalho velho. Qual a idade frutifera ?</p> <p><b>CAPITULO VIII.</b> ..... 183          O elemento pagão e o cristão na vida moderna. Arte e materialismo.</p>
<p><b>PROTESTAÇÃO</b></p> <p><i>Omnia tamen scripta superiorum ac Sanctae Matris Ecclesiae iudiciorum correctiorique subido et submiso.</i></p>	

## ALGUMAS OBRAS DO DR. FERREIRA DEUSDADO

- Ensaios de philosophia actual*—1888—(ergotado).  
*Criminalidade e educação*—1889—1 vol., brochado—800.  
*Essais de psychologie criminelle*—Rapport présenté au Congrès Pénitentiaire International de Saint-Pétersbourg—1890.  
*O enigma carcerário e o congresso penitenciário internacional de São Petersburgo*—1891—1.420.  
*Elementos de geographia geral*—2891—1 vol., cartonado—1.400 réis.  
*Psicologia aplicada à educação*—Lição de abertura exposta no Curso Superior de Letras—1891-1892.  
*Chorografia de Portugal Ilustrada*—1 vol., grande formato—1.893—1.800 réis.  
*A antropologia criminal e o congresso de Bruxelas*—1 vol.—1894—1.400 réis.  
*Rapport sur les moyens pratiques et questions relatives à l'enfance et aux wages—Cinquième congrès pénitentiaire international*—Imp. à Melmu—1895.  
*A reforma do ensino geográfico*—1895—(egotado).  
*A literatura grega e Latina*—Lição exposta no Curso Superior de Letras no ano lectivo de 1886-1887—2.ª edição, 1898 (ergotada).  
*Princípios gerais de philosophia*—Por J. M. da Cunha Serradas—Obra postumus, precedida de um Esboço histórico da Philosophia em Portugal no século XIX e de uma noticia biográfica do autor pelo Dr. Ferreira Deusdado, 1898—600 réis.  
*A sugestão hipotética na educação* pelo Dr. Ferreira Deusdado e J. Bettencourt Ferreira, 1898—400 réis.  
*La philologique thomiste en Portugal*—Louvain, 1898.  
*Revista de educação científica*—15 grossos volumes de 576 pag. cada um. (egotado).  
*Quadrros alegóricos—Aulpa do Herpíano*, 1907—1 vol.—600 réis.  
*Editora portuguesa—Busquêjo histórico de Puericultura*, 1908. Um vol. de 540 pag., brochado—1.500. Livraria França Andrade, Coimbra.  
*Notas de um viajante no Império Russo*—Angra do Heroísmo—1890.  
*Escritos Transmontanos*—Ensaio d. literatura regional—Angra do Heroísmo—1912.  
*Carta aberta ao Senhor Dom Miguel de Bragança*—Angra do Heroísmo—1904.